

Memória e Património desportivo em clubes de futebol: Mafra e Torreense

Tiago Alexandre Varela Mendes

Dissertação de Mestrado em Património

Versão corrigida e melhorada após a sua defesa pública

**Orientação: Professora Doutora Paula Alexandra Ochôa
de Carvalho Telo**

Setembro, 2022

Memória e Património desportivo em clubes de futebol: Maфра e Torreense

Tiago Alexandre Varela Mendes

Dissertação de Mestrado em Património

Versão corrigida e melhorada após a sua defesa pública

**Orientação: Professora Doutora Paula Alexandra Ochôa
de Carvalho Telo**

Setembro, 2022

Dissertação apresentada para cumprimento dos requisitos necessários à obtenção do grau de Mestre em Património, realizada sob a orientação científica da Professora Doutora Paula Alexandra Ochôa de Carvalho Telo.

Memória e Património Desportivo em clubes de Futebol: Mafra e Torreense

Tiago Mendes

Resumo

Esta dissertação estuda a memória e o património desportivo em clubes de futebol da região de Lisboa, através de dois estudos de caso: o CD Mafra e o Torreense. A investigação partiu da seguinte pergunta: como é feita a patrimonialização da memória em clubes de futebol de pequena dimensão em Portugal? Tem como objetivos: contribuir para o estudo do património desportivo em Portugal; estudar as formas de patrimonialização existentes; analisar a relação entre a preservação do património e a preservação da memória clubística e as consequências da sua presença vs ausência. Trata-se de uma investigação qualitativa exploratória baseada em diversas entrevistas (a clubes, a adeptos, entidades); realização do estado da arte e a visita às instalações dos clubes. Foi possível constatar que a área do estudo do património desportivo em Portugal, encontra-se ainda em desenvolvimento, tendo uma base legislativa prevista desde 2017, faltando realizar um inventário nacional, estudos e classificação, plano de preservação e uma clara associação ao turismo. Com base nos resultados obtidos, foi possível concluir que o modelo de patrimonialização segue o modelo da musealização, adotado pelos clubes de maior dimensão enquanto importantes centros de referência na área, não tendo, os clubes de pequena dimensão, na sua maioria, iniciativas patrimoniais. O CD Mafra apesar de ter uma consciência patrimonial, encontra-se numa fase básica de recolha e armazenamento de espólio, com o objetivo de preservação da memória clubística. O Torreense, por outro lado, apresenta uma dinâmica patrimonial, assente na criação de um museu em 2020 e na estratégia patrimonial da preservação do seu espólio e da sua memória. Por fim, foram realizadas algumas recomendações.

Palavras-Chave: Património Desportivo; Memória Desportiva; Futebol; Processos de patrimonialização; Pequeno património.

Memory and Sport Heritage in football clubs : Mafra and Torreense

Tiago Mendes

Abstract

This dissertation studies the memory and sports heritage of football clubs in the Lisbon region through two case studies: the CD Mafra and the Torreense. The research was initiated with the question: How is memory heritage done in small-scale football clubs in Portugal? It aims to contribute to the research on sport heritage in Portugal, to study the existing forms of patrimonialization, to analyse the relationship between the preservation of heritage and the preservation of club memory, and the consequences of its presence vs absence. This is an exploratory qualitative research based on several interviews (to clubs, fans, and entities), the realization of the state of the art and the visit to club facilities. It was possible to state that research on sport heritage in Portugal is still developing: it has a legal basis in the works since 2017; and it is missing a national inventory, studies and classifications, preservation plans and a clear association with the tourism sector. Given the results of this research it is possible to conclude that the patrimonialization model follows the musealization model (adopted by the larger clubs, as important centres of reference) and the small-scale clubs, for the most part, do not have heritage initiatives. The CD Mafra, despite being aware of its heritage, is at a basic phase of collection and storage of assets, intending to preserve the club's history. On the other hand, Torreense has far more developed its sport heritage dynamics: it founded its museum in 2020; and has a clear heritage strategy for the preservation of its assets and memory. With these considerations in mind, this dissertation presents some recommendations.

Keywords: Sport Heritage; Sport Memory; Footbal; Heritage Process; Small Heritage.

Agradecimentos

Esta dissertação só foi possível graças à ajuda de muitas pessoas, às quais queria deixar o meu maior agradecimento.

Em primeiro lugar quero agradecer à minha família e amigos mais próximos pela força estímulo que me deram ao longo deste ano. Para além destes quero agradecer às minhas amigas Alexandra Alves, Carolina Malheiro, Marta Rodrigues e Raquel Coelho por toda a ajuda que deram ao longo deste ano e pela amizade.

Depois queria agradecer à minha orientadora, a Professora Doutora Paula Alexandra Ochôa de Carvalho Telo, que foi sem dúvida uma peça chave para esta dissertação, pelo seu empenho e dedicação.

Por fim, gostava de agradecer a todas as pessoas entrevistadas para esta dissertação, todos deram dados fundamentais para os resultados desta investigação.

Abreviaturas e Símbolos

A. F.	Associação de Futebol
BTV	Benfica TV
CD	Clube Desportivo
COBA	Communication Model of Built Heritage Assets
DGPC	Direção-Geral do Património Cultural
FIFA	Fédération Internationale de Football Association
FPF	Federação Portuguesa de Futebol
RTP	Rádio e Televisão de Portugal
SAD	Sociedade Anónima Desportiva
SCUT	Sport Clube União Torreense

Índice

Introdução.....	1
Futebol	7
Estrutura da dissertação	14
1. Revisão da Literatura.....	15
1.1: Desporto.....	15
1.2: A evolução do conceito de património	21
1.3: Patrimonialização e Consciência Patrimonial.....	23
1.4: Património Desportivo.....	24
1.5: Memória Desportiva	36
1.6: Colecionismo	45
2: Metodologia.....	48
3: Património Desportivo em Portugal	53
4: Património de pequenos clubes: os estudos de caso – Mafra e Torreense	67
4.1: Clube Desportivo de Mafra.....	67
4.2 Sport Clube União Torreense	71
4.3: Análise dos resultados e discussão: CD Mafra VS Torreense.....	83
5: Conclusão	88
5.1: Recomendações	91
Bibliografia.....	95
Anexos.....	104

Índice de Tabelas

Tabela 1 - Ano de inauguração de alguns museus desportivos portugueses	12
Tabela 2 - Sistematização dos paradigmas explicativos da História do Desporto, segundo Francisco Pinheiro (2018)	20
Tabela 3 - Descrição das tipologias patrimoniais de Christian Bromberger; de Greg Ramshaw e Sean Gammon; e de Anne Stroobant	29
Tabela 4 - Quadro-resumo da memória desportiva	39
Tabela 5 - Esquema de pontuação desenvolvido por Charlotte Lee e Claran Trace	47
Tabela 6 - Programas de partilha de património e de memórias do “Canal 11” entre 17 e 21 de maio de 2022.....	61
Tabela 7 - Programas de partilha de património e de memórias dos canais "Eleven Sports" entre 17 e 21 de maio de 2022.....	62
Tabela 8 - Programas de partilha de património e de memórias no canal "Abola TV" entre 17 e 21 de maio de 2022.....	62
Tabela 9 - Programas de partilha de património e de memórias dos canais "SportTV" entre 17 e 21 de maio de 2022.....	63
Tabela 10 - Programas de partilha de património e de memórias do canal "BTV" entre 17 e 21 de maio de 2022.....	63
Tabela 11 - Programas de partilha de património e de memórias do canal "Sporting TV" entre 17 e 21 de maio de 2022.....	63
Tabela 12 - Palmarés mais relevante do CD Mafra.....	68
Tabela 13 - Caraterização do espólio do CD Mafra nas diversas tipologias dos autores citados.....	69
Tabela 14 - Palmarés mais relevante do futebol do SCUT	73
Tabela 15 - Caraterização do espólio do Atletismo.....	77
Tabela 16 - Caraterização do espólio do Automobilismo	77
Tabela 17 - Caraterização do espólio do Basquetebol.....	77
Tabela 18 - Caraterização do espólio do Bingo.....	77
Tabela 19 - Caraterização do espólio do Ciclismo	77
Tabela 20 - Caraterização do espólio do Futebol	78
Tabela 21 - - Caraterização do espólio do Futebol Feminino.....	78
Tabela 22 - Caraterização do espólio do Futsal.....	78
Tabela 23 - Caraterização do espólio dos Jogos de Tabuleiro	79

Tabela 24 -Caraterização do espólio da Pesca Desportiva.....	79
Tabela 25 - Caraterização do espólio da Coleção institucional associativa	79
Tabela 26 - Caraterização do espólio do Ténis de Mesa	79
Tabela 27 - Caraterização do espólio do Voleibol	80
Tabela 28 - Caraterização do espólio do Torreense nas diversas divisões dos autores citados.....	80
Tabela 29 - Método COBA (reproduzido a partir de RIPP e HAUER, 2017: 1-3).....	93

Índice de Figuras

Figura 1 - Resumo do conceito Memória Desportiva, com base na bibliografia para a investigação.	39
Figura 2 - Análise SWOT ao Património desportivo português.....	66
Figura 4 - Sistema de Pontuação para a Coleção do Mafra.....	70
Figura 6 - Sistema de Pontuação para a Coleção do Torreense.....	81
Figura 7 – Formas de patrimonialização dos clubes e consequências.....	90

Introdução

O conceito de património tem sofrido diversas modificações devido às transformações sociais, originando novos tipos de património, como é o caso do património desportivo, uma tipologia ainda pouco explorada e estudada¹, especialmente as formas da sua patrimonialização².

Lamothe³ elenca algumas das principais razões para que tal ainda aconteça: a dialética patrimonial existente entre a perpetuação e a renovação, entre o adquirido e o que é transformado enquanto prova das evoluções sociais e a ambivalência do processo de construção e transmissão das expressões culturais e identitárias, simultaneamente no tempo e no espaço, podem apresentar dificuldades no estabelecimento do seu contributo para o estudo da patrimonialização das expressões culturais. Para esta autora, assistindo-se à crescente prática da musealização e do discurso nostálgico sobre os valores patrimoniais, um dos debates atuais deve incidir sobre a questão: Patrimonialização do desporto ou desportivização do património?⁴ Na sua visão, «*L'évolution de pratiques sportives par la sportivisation ou la patrimonialisation peut correspondre à un positionnement intermédiaire entre le passé et l'aveni*»⁵, o que parece ser comprovado pelo uso crescente da patrimonialização enquanto legado e impacto nos processos de candidaturas internacionais para grandes eventos desportivos⁶.

¹ Yvan Gastaut (2015) realça que durante muitos anos a atividade física e a competição desportiva não pareciam comportar nem dimensão cultural, nem dimensão patrimonial. De acordo com Bromberger (1995, 1998), o património desportivo e os seus componentes foram durante muitos anos considerados patrimonialmente ilegítimos, associados à vida quotidiana e a paixões ordinárias, e com baixo impacto cultural por serem considerados objetos de baixo interesse para as ciências sociais. Bromberger, definiu em 2017 (DAMO, et al.) paixões ordinárias como aquelas que não chegam a ser reconhecidas como paixões numa sociedade, mas são socialmente admitidas. Anteriormente tinha afirmado sobre a sua obra que “O título é um oxímoro, uma figura de estilo que aprecio muito; o fútil, o irrisório, podem revelar, tanto quanto investigações pesadas, ainda assim perfeitamente legítimas, sobre os campos clássicos, as linhas de força de uma sociedade” (CUNHA e DURAND, 2004: 363). A obra de Pierre Nora *Les Lieux de mémoire* (1984-1992) veio abrir o debate em torno da memória coletiva e história, património e memória, complementada pelos estudos de Christian Bromberger (1995, 2014, 2017, 2021). São agora alvo de estudos interdisciplinares entre a história do desporto, a antropologia, a geografia, a sociologia, a arquitetura, as artes, as ciências da Informação e da Documentação, destacando-se diversas áreas de investigação como práticas e revivalismos, espaços e equipamentos, Políticas públicas, inventários e proteção do património, Processos de patrimonialização, Transmissão do património, Patrimónios, culturas coloniais e pós-coloniais, Valorização do património desportivo, Estudos biográficos, (LOUDCHER e outros, 2018).

² FOURRIER, 2021.

³ LAMOTHE, 2014

⁴ Patrimonialisation du sport ou sportivisation du patrimoine ? no original. O termo *sportivisation* é atribuído a Norbert Elias (1994), sendo apresentado por Lamothe como “une transformation en sport de pratiques qui pouvaient parfois avoir une autre fonction économique et sociale” (2014 : 420).

⁵ LAMOTHE, 2014 : 420

⁶ VIERSAC e ATTALI, 2021.

Segundo Fourier⁷ estudar a dinâmica atual do processo de patrimonialização das práticas desportivas permite enfatizar as maneiras como é recriada e redefinida constantemente a herança dos desportos do passado, bem como a transformação dos modos de organização e apropriação das práticas desportivas, destacando igualmente a existência da pluralidade de noções patrimoniais a par dos vários modelos institucionais⁸. A esta situação deve ser acrescentada a dificuldade em definir desporto e as suas categorizações⁹, o que origina uma grande diversidade patrimonial.

Michel Bouet¹⁰ apresentou uma primeira categorização com cinco grandes grupos de desportos, ainda hoje auxiliar no processo de organização patrimonial¹¹:

1. desportos de combate (luta, boxe, judo, esgrima e uma grande variedade de lutas tradicionais), que têm em comum o confronto face a face dos adversários e que distingue duas formas de luta: com e sem armas. O termo de referência do esforço é o corpo do outro;
2. desportos que utilizam algum tipo de bola ou volante. A bola é um termo de referência exterior aos corpos dos atletas;
3. desportos atléticos, onde a oposição não é direta, nem por intermédio de uma bola, mas onde o termo de referência do esforço é o próprio corpo do atleta;
4. desportos de natureza, tem como referência os elementos desta (água, neve, montanha, deserto, etc.), onde o atleta enfrenta dificuldades concretas;
5. uso desportivo pelo humano das capacidades mecânicas dos veículos inventados pelo seu génio: automóvel, motociclo, etc. O termo de referência é a máquina, simultaneamente objeto e sujeito.

Recentemente, Stroobant¹² enquadrou estas tipologias em três tipos de espaços e grupos de desportos:

“1. o espaço das modalidades de performance, do esforço individual, da competição em confronto paralelo, sem contacto nem intervenção no espaço do adversário (corridas, saltos, lançamentos, ginástica, halterofilismo);

⁷ FOURRIER, 2021.

⁸ VIOLETTE e ATTALI, 2018.

⁹ STROOBANT, 2021, p.299.

¹⁰ BOUET, 1968, p.90-191

¹¹ STROOBANT, 2021, p.291-292.

¹² STROOBANT, 2021: 295. Um terceiro critério é ainda considerado – o objetivo/ finalidade da ação do atleta ou equipa no jogo ou na performance.

2. o espaço da oposição, dos desportos quer individuais quer de equipa, onde a competição ocorre em confronto direto com o adversário, quer no mesmo espaço (desportos de combate, desportos de contacto), quer em campos opostos separados ou interpenetrados (jogos de bola);

3. o espaço natural e urbano, onde predominam os elementos de vertigem e risco e o confronto é com o espaço e num desafio a si próprio; quando a competição é entre pessoas, ocorre em confronto paralelo.”

O desporto esteve sempre presente ao longo do tempo na sociedade mundial, tendo uma importância social indiscutível a par de uma dimensão patrimonial enquanto construção social, razão pela qual as estratégias dos vários agentes devem ser levadas em consideração¹³, questionando como o conceito de património é apropriado pelos atores do movimento desportivo¹⁴, analisando desde posicionamentos políticos até ações de conservação, identidade, memorialização e o estabelecimento de narrativas patrimoniais subalternas¹⁵: *«In terms of the wide variety of heritages on offer, sport heritage perhaps seems the least likely to form subaltern heritage approaches. After all, sport heritage – whether in tangible forms such as museums, stadia and ceremonies or in intangible forms such as chants, rituals and traditions (Ramshaw and Gammon 2005) – typically advocates hero-worship (Snyder 1991) or dominant political agendas such as honouring military personnel and veterans (Scherer and Koch 2010), whereby dissonant social or political considerations are marginalised or entirely absent (Springwood 1996). Furthermore, as sport heritage is often created primarily for its economic value either through tourism or through souvenir sales (Ramshaw and Gammon 2005), subaltern approaches in sport heritage – particularly those approaches that challenge or embarrass teams, leagues, owners, other groups of supporters or sanctioned heritage institutions such as halls of fame – may not always be saleable. However, sport heritage can also be a theatre of resistance whereby subaltern approaches challenge the accepted orthodoxy in terms of identifying, interpreting and safeguarding heritage».*

¹³ PINSON, 2017.

¹⁴ FOUNIER, 2021.

¹⁵ RAMSHAW, 2017, p. 179– “which stand outside of dominant discourses, challenge consensus views and, in some cases, undermine those views through dissonant and alternate heritage perspectives – become a means by which communities participate in creating and shaping their heritage and identity, particularly when these community heritages have been ignored, marginalised or silenced” (Smith 2006; 2007).

Para Yvan Gastaut, o património desportivo abre a investigação ao que apela de história total: *“Elle oblige à prendre en compte les jeux d’échelles entre une histoire monde, connectée, et une histoire locale. En même temps, il faut croiser horizontalement l’histoire des disciplines avec, verticalement celle des contextes liés à l’ensemble des pratiques, à leur place et éventuellement leur instrumentalisation sociale et politique. Sans délaisser le fait que le sport met en scène de manière éclairante et souvent originale les rapports de genre et les rapports de domination, de même que le rapport aux identités. Ce tour d’horizon de la notion de patrimoine sportif et de son champ d’investigation, loin d’être exhaustif, permettra à tout le moins de mesurer ses enjeux et ses intérêts multiples. En ce sens, il apparaît indispensable de fédérer toutes les énergies depuis l’historien et sa méthode scientifique jusqu’à l’amateur éclairé en passant par l’ancien champion, l’archiviste, le journaliste, l’acteur institutionnel ou associatif, tous capables parfois avec nostalgie et un goût pour le « vintage », souvent avec émotion, de questionner, chacun à sa manière, les problématiques de ce champ. La dimension culturelle du sport profite ainsi de l’extension du champ patrimonial pour pouvoir s’exprimer et y trouver d’éventuels débouchés économiques en terme de tourisme et de développement territorial.”*¹⁶

Para Christian Bromberger¹⁷, nunca é demais reforçar as razões para nos interessarmos pelo património desportivo : *« É possível ler, através de seu espelho de ampliação, a representação e a evolução do masculino e do feminino (a partir da distribuição por gênero das atividades e dos espetáculos), a evolução das técnicas de mensuração – espacial e temporal - substanciais ao desenvolvimento do esporte, a afirmação das identidades locais, regionais, nacionais (através do fervor que as competições suscitam), a maneira através da qual nossas sociedades administravam e administram a violência dos confrontos entre atletas e as emoções coletivas (entre os espectadores), os cânones da beleza e da consciência corporal, as normas da educação (através da posição das funções atribuídas às atividades físicas), a evolução das formas arquitetônicas (dos estádios, dos circuitos...), algumas das quais merecem o desvio turístico, oferecendo visitas guiadas, a estratificação social (por meio da propagação das práticas de acordo com seus meios e suas origens), as formas de sociabilidade, os processos de integração (que são concebidos nos campos ou se fortalecem nas*

¹⁶ GASTAUT, 2015: 11

¹⁷ BROMBERGER, 2021: 19-20.

arquibancadas), a teatralização da hierarquia social (que surge na arena), as expressões de poder (vindas do evergetismo dos poderosos)... enfim, os valores cardinais que formam nossas sociedades (o espírito esportivo, o culto à performance, a astúcia, a destreza, a força, o nacionalismo e o bairrismo etc.). Aí estão as razões para se interessar pelo patrimônio esportivo».

No entanto, no que diz respeito principalmente à portuguesa, a academia não se tem debruçado muito sobre estas temáticas, tal como José Neves e Nuno Domingos referem relativamente aos jogos desportivos: «*O jogo, cuja importância social é unanimemente reconhecida, tem sido considerado como um objeto sem a dignidade própria das investigações sociais.*»¹⁸. Para os autores, esta ligação entre o futebol e as ciências sociais tem primeiro do que tudo requerer a construção da modalidade como problema científico, identificando que atualmente predominam nos *media* temas mais relacionados com a paixão clubística, aglomerados de massas ou mesmo conflitos institucionais, em detrimento de temas de dimensão reflexiva¹⁹. Nesta obra, os autores também defendem que o futebol é um pretexto para estudos de mais diversas áreas, como o racismo e estudos de género, onde o campo de futebol parece ser mais um laboratório para se observar outros objetos que a academia considera mais dignos, pois é onde acontecem as relações sociais na sua plenitude²⁰. Assim, «*O campo de futebol deixa de ser apenas o lugar onde se projetam relações e problemáticas que lhe são exteriores, sendo concebido como um espaço que projeta relações e problemáticas a partir das suas lógicas autónomas*»²¹.

Os estudos que relacionam o desporto com a cultura sofrem de um preconceito frequente, nomeadamente, a associação da cultura ao domínio das letras e da arte. Nos trabalhos feitos na cultura fora deste domínio das artes e letras, é comum o desporto ficar de parte, muita da literatura do século XX lembra de forma negativa que o desporto tem uma origem estrangeira, relegando assim os estudos sobre desporto para um plano secundário²².

Para além disso, o desporto é frequentemente associado à “baixa cultura”, por ser uma cultura recente e considerada popular, e nunca como “alta cultura”, na medida em

¹⁸ NEVES e DOMINGOS, 2004: 11.

¹⁹ Idem, *Ibidem*, p. 11.

²⁰ Idem, *Ibidem*, p. 14.

²¹ Idem, *Ibidem*, p. 14.

²² NEVES e DOMINGOS, 2011: 13-14.

que não tem associado a si objetos que sejam já reconhecidos como património. E a pouca visão patrimonialista que existe associada ao desporto, está geralmente intimamente ligada ao sentimento da nostalgia, que também será exposto nesta dissertação, fazendo ligação ao turismo desportivo nostálgico²³.

A instrumentalização do desporto também está presente nas diferenças de classes na sociedade e nas dificuldades sociais, como foi exemplo a rivalidade dos clubes italianos do norte contra os clubes do sul, na segunda metade da década de 80 do século XX²⁴.

A necessidade da salvaguarda do desporto, surge num contexto em que o desporto foi reconhecido como cada vez mais importante na sua prática, esta importância revela-se em várias áreas²⁵:

- Na economia – o desporto está presente na comunicação, turismo, indústria de vestuário, etc;
- No campo da política – aproveitamento do desporto para fins urbanísticos, e utilização do desporto como instrumento diplomático no âmbito das relações internacionais;
- Na educação – Foi ressaltada a sua importância pela UNESCO, na Carta Internacional da Educação Física e Desporto;
- Nas ciências – desenvolvimento da investigação em áreas como a motricidade, entre outras;
- No campo das artes – desporto é uma fonte de inspiração para as artes;
- Na filosofia – com expressões como o *fair play*, remetendo para uma ética desportiva;
- Na comunicação - desporto como metáfora da modernidade, onde um indivíduo é uma imagem retransmitida para todo o lado para a emoção de multidões;
- No Património – desporto enquanto um recurso social com mecanismos de legitimação, forte ligação com as noções de memória, identidade e sentido e atores com práticas e lógicas de atuação e sinais de pertença, cuja medição de impacto necessita ser estudado²⁶.

²³ PINSON, 2017: 23-24.

²⁴ NEVES e DOMINGOS, 2004: 57.

²⁵ FELIPE, e outros, 2018: 146-147.

²⁶ FOURNIER, 2021.

Em Portugal, foi no final do século XIX que o processo de desportivização começou a ter uma forma mais definida, tendo sido alargado nas primeiras décadas do século seguinte²⁷.

Existe uma ligação muito evidente entre o desporto e a cultura popular, esta é possível verificar através do autor Raymond Williams²⁸, que diz que o desporto cumpre os quatro requisitos para o desporto estar enraizado na cultura popular, nomeadamente, ser um bem-querido por muitas pessoas; por ter o seu início nas classes sociais mais inferiores; o objetivo passa por ser “ganhar”; e o facto de ser uma cultura feita por pessoas para si mesmas.

Se o desporto está enraizado na cultura popular, também não podemos dissociar esta da cultura de massas, na medida em que muita desta ligação entre o desporto e a cultura popular é controlada, isto devido a que toda a experiência dos adeptos vem através dos *media*. Por isso, alguns estudiosos da área, consideram que o desporto foi em muito dominado pelos *mass media*²⁹, que atualmente são muito importantes em qualquer sociedade.

O peso que os *media* tem na sociedade é indiscutível, bem como no futebol, basta observar a quantidade de programas e horas que os canais de televisão dedicam ao desporto. Muitas vezes os *media* são fundamentais na reprodução e na amplificação das ideologias desportivas, conseguindo reproduzir um mosaico social, cultural, económico e político.

Outro ponto convergente entre o património e o desporto é um cada vez mais crescente turismo patrimonial, onde o foco são as grandes instalações desportivas, que são locais onde existe um cruzamento do mundo público com o dos seus “heróis”, este cruzamento faz existir um realçar do património.

Futebol

Christian Bromberger³⁰ foi um dos primeiros autores a estudar o futebol³¹, usando uma abordagem antropológica, justificando-a pela quase inexistência de estudos sobre

²⁷ NEVES e DOMINGOS, 2011: 7.

²⁸ STORE, 2009: 1-9.

²⁹ HAYNES, 2009: 200.

³⁰ BROMBERGER, 1995.

³¹ De acordo com BOLI (2021) a década de 1980 é aquela em que investigadores das ciências sociais e humanas se interessaram pelo futebol e se assiste a um investimento no panorama museológico. Os historiadores realçaram o estudo das mutações e singularidades nacionais do futebol enquanto os sociólogos

futebol baseados em materiais empíricos resultantes de contactos diretos e aprofundados com o público dos estádios. Usando entrevistas com os adeptos dos principais clubes sediados em Marselha, Turim e Nápoles, histórias de vida, inquéritos por questionário e observações nas bancadas dos estádios de futebol, o autor analisa o espetáculo coletivo, os seus significados num quadro geral de interpretação³².

Para além das dimensões rituais do futebol, destacam-se as análises da ligação dos adeptos com os seus clubes; as várias tipologias de espetadores e a sua repartição pelas bancadas implicando a existência de um sentimento de pertença de um grupo de adeptos relativamente a territórios que os une e lhes confere identidade, complementada por cânticos, slogans, gestos, símbolos e materiais empregues no apoio ao clube. Nas suas palavras³³ «*Os indivíduos participam em universos sociais diversos, e é, pois, preciso apreender os seus comportamentos em diferentes escalas: a da singularidade individual, a das pequenas coletividades, a das redes translocais em que eles participam, a dos conjuntos culturais que os moldaram mais ou menos. É este percurso plural, transitando entre o “pequeno” e o “grande”, que ritmou o meu estudo sobre os jogos de futebol em Marselha, Nápoles e Turim. Entrevistas prolongadas, narrativas de vida de apoiantes*

e geógrafos aprofundaram o trabalho, fornecendo dados qualitativos e quantitativos sólidos. Destacam-se os trabalhos pioneiros de Alfred Wahl e Pierre Lanfranchi. WAHL Alfred: *Les archives du football. Sport et société en France 1880-1980*, Paris, Gallimard, 1990 e *Les footballeurs professionnels, des années trente à nos jours*. Paris, Hachette, 1995. Em Portugal registam-se várias obras sobre o futebol das quais realçamos: COELHO, J. N. *Portugal, A Equipa de Todos Nós – Nacionalismo, Futebol e Media*. Porto: Edições Afrontamento, 2001; COELHO, J. N.; PINHEIRO, F. *A Nossa Selecção em 50 Jogos, 1921-2004*. Porto: Edições Afrontamento, 2004; COELHO, J. N.; PINHEIRO, F. *A Paixão do Povo: História do Futebol em Portugal*. Porto: Edições Afrontamento, 2002; DIAS, M. T. *História do Futebol em Lisboa*. Lisboa: Quimera, 2000. DIAS, M. T. – “Os primeiros 50 anos do futebol português”. *História*. Lisboa: História – Publicações e Conteúdos Multimédia, Nº 37 (2001) p. 15-21; GUEDES, Rui *Sport Lisboa e Benfica: Fotobiografia*. Lisboa: Publicações Dom Quixote, 1987. GUEDES, Rui *Futebol Clube do Porto: Fotobiografia*. Lisboa: Publicações Dom Quixote, 1987. GUEDES, Rui *Sporting Clube de Portugal: Fotobiografia*. Lisboa: Publicações Dom Quixote, 1988. NEVES, José; DOMINGOS, Nuno – *A Época do Futebol: O Jogo Visto pelas Ciências Sociais*. Lisboa: Assírio & Alvim, 2004; PARREIRÃO, Henrique *Os anos de diamante, 1914-1989*. Lisboa: Federação Portuguesa de Futebol, 1989; PARREIRÃO, Henrique *A era de ouro do futebol português*. In REIS, António – *Portugal contemporâneo*. Lisboa: Publicações Alfa. Vol. 5 (1989) p. 381-388. SANTANA, João; MESQUITA, João – *Académica – História do Futebol*. Coimbra: Edições Almedina, 2007. SERRADO, Ricardo; SERRA, Pedro *História do Futebol Português*. Vol. I e II. Lisboa: Prime Books, 2010. SIMÕES, A.; SERPA, H.; FRANCISCO, J. C. – *Glória e Vida de Três Gigantes*. Lisboa: Ed. António Simões; A Bola, 1995 e VIEIRA, Joaquim, *Crónica de Ouro do Futebol Português*. Lisboa: Círculo de Leitores, 2008.

³² Mais recentemente, Bromberger afirma interessar-se pela pilosidade no futebol: “No futebol, todos os jogadores têm penteados muito particulares e a evolução do penteado foi extraordinária em 40 anos. Antes eles tinham os cabelos curtos, com as orelhas bem à mostra. Depois houve a copa dos jogadores de futebol com os cabelos longos atrás e curtos em cima. Depois, teve as tranças dos jogadores africanos, mas também dos jogadores japoneses, com tranças loiras às vezes. E depois, temos o undercut recente. Enfim, isso me levou a perguntar: quais são as pessoas que mudam de penteado com frequência e o que isso quer dizer? (DAMO, et al. 2017: 359).

³³ CUNHA e DURAND, 2004: 371-372.

permitiram delimitar as modalidades segundo as quais histórias individuais se cruzam com as de cidades, de clubes, de competições, de jogos... O estudo da fisiologia dos estádios, dos grupos de seguidores, dos comportamentos diferenciados segundo as tribunas revelou as regras de funcionamento de uma multidão estruturada e a coexistência polémica de percepções do jogo segundo a origem dos espectadores (não é preciso sublinhar que tais investigações no coração desta massa não dispensam pontos de referência quantitativos). A análise da composição da equipa, do estilo de jogo que se estima, das formas particulares de adesão ao objeto do espetáculo pôs em evidência, à escala da coletividade, os mecanismos de apropriação de uma linguagem universal, de fabricação do singular a partir do serial. Mas na senda do sentido deste entusiasmo, a abordagem plural, que dá conta do entrecruzamento das pertenças e das identificações, nem por isso é suficiente; o comparativismo controlado é um poderoso coadjuvante para nos arrancar às falsas evidências, fazer emergir as especificidades, evidenciar as lógicas subterrâneas que escapam à observação comum. O que quer isto dizer para a análise de um fenómeno como o futebol? O exame das diferenças próximas (no caso o estudo comparado de três clubes) põe em relevo, por contraste, variantes estilísticas, propriedades distintivas que o fechamento monográfico não teria permitido apreender».

No século XX, o futebol era o rei das multidões depois de ser enraizado e popularizado por todo o mundo, tornando-se num fenómeno social. Quando acontece um grande acontecimento um país parece parar e maior parte das outras notícias parecem ser abafadas. É possível dizer que esta atividade é um marco civilizacional do século passado, e que também está a ser neste³⁴.

O futebol nasce em Inglaterra no ano de 1863, em meios militares violentos, num contexto da expansão da economia capitalista. Este desporto foi fixando-se nas classes sociais mais desfavorecidas, tendo no século XX já ter conseguido enraizar-se e popularizado nas sociedades um pouco por todo o mundo³⁵. As primeiras regras deste desporto surgem em 1863, sendo que em 1868 disputou-se o primeiro campeonato nacional inglês de futebol, que colocou frente a frente as cidades mais industrializadas e urbanizadas de Inglaterra, nesta altura o futebol torna-se representativo de bairros

³⁴ SERRADO, 2011: 8-112.

³⁵ Idem, *Ibidem*, p. 10.

industriais, cidades, regiões e tornou-se um símbolo de algumas convicções como ideologias, reivindicações e crenças³⁶.

Em Portugal, o futebol chega no final do século XIX, entre 1875 e 1888, na obra de Ricardo Serrado, *História do Futebol Português*, o autor explica que «A maior parte dos estudiosos entendem que o primeiro jogo português teve lugar em Cascais, em 1888, porém existem fortes indícios de que já em 1875 se tinha disputado um desafio na Camacha, na ilha da Madeira»³⁷. O aparecimento do futebol no território português pode ser dividido em três fases, uma primeira que vai desde 1875 até 1889, onde a modalidade era pouco praticada e desconhecida. Uma segunda fase (1889-1894) onde começa a haver uma maior prática do futebol, e é mais visível a nível da aristocracia, e por fim o terceiro momento (1894-1902) em que o futebol começa a sua transição das classes superiores para as classes sociais mais inferiores, cujo a sua origem remonta para a forma espontânea³⁸.

O futebol mobiliza indivíduos, grupos, sociedades e até países; promove outras atividades; pode contribuir para mudanças de comportamentos; quando surgiu o desporto enquanto espetáculo verificou-se a influência do desporto noutras atividades económicas; e até influências políticas são possíveis de constatar³⁹.

É possível verificar o poder que este futebol pode ter na sociedade por algumas ditaduras utilizaram o poder desta atividade tem na sociedade como ferramenta política. Foi o caso do ditador espanhol Franco que durante a guerra civil organizou dois jogos de carácter particular de futebol, onde o que importava não era os resultados dos jogos, mas sim a afirmação política ao apresentar uma seleção espanhola, estava simultaneamente a consolidar e legitimar o seu poder⁴⁰.

Em Portugal, esta ligação entre futebol e política é sentida desde o início da sua prática. O rei D. Carlos era frequentemente visto sentado a ver jogos de futebol. Aquando do ultimato inglês⁴¹, a modalidade quase desapareceu pois tinha uma origem britânica, os efeitos deste acontecimento político fizeram notar-se até ao início do século XX. No

³⁶ NEVES e DOMINGOS, 2011: 25-26.

³⁷ SERRADO, 2014: 50.

³⁸ Idem, *Ibidem*, pp. 49-50.

³⁹ NEVES e DOMINGOS, 2011: 7.

⁴⁰ SERRADO, 2011: 114.

⁴¹ No ano de 1890, o embaixador inglês ordenou que Portugal a retirada imediata da presença portuguesa da África Oriental. Portugal obedeceu, mas foi visto como uma humilhação nacional.

entanto, cedo a classe política reconheceu que o futebol tinha uma grande capacidade para se tornar um instrumento social e propagandístico⁴².

O futebol foi muitas vezes utilizado como ferramenta propaganda das ditaduras, também foi utilizado como ferramenta para uma política revolucionária, por exemplo, em 1938 as seleções portuguesas e espanholas enfrentara-se em Lisboa, e era tradição aquando destes confrontos os jogadores portugueses fazerem uma saudação fascista, mas neste jogo três jogadores da seleção portuguesa não o fizeram, que foram detidos posteriormente⁴³.

Esta instrumentalização do futebol também pode ser verificada em outras áreas, como nas relações internacionais, quando por exemplo, a União das Repúblicas Socialistas Soviéticas (URSS), na década de 70 do século passado recusou jogar em Santiago do Chile, por ser o local onde Augusto Pinocher executava vários cidadãos chilenos. Igualmente no independentismo temos presente esta instrumentalização, quando por exemplo, o clube espanhol Athletic Bilbao, que joga no principal campeonato do país, tem como política de transferências só contratar jogadores de origem basca, na sua história até ao ano de 2018 só tinham contratado seis atletas com origem estrangeira, no entanto, mesmo tendo origem estrangeira para poderem jogar no clube o jogador tem de ter alguma ligação à região espanhola⁴⁴.

O património futebolístico enquadra-se nos novos patrimónios, este surge por via das pessoas, adeptos e sócios e das comunidades desportivas.

É possível destacar os museus das principais instituições desportivas nacionais, onde estão presentes importantes recolhas de espólio e também de memórias. Assim, realçam-se os museus do Benfica⁴⁵, do Porto⁴⁶ e do Sporting⁴⁷.

A década de 2010 foi marcada pelo interesse dos museus pelo futebol e pelo interesse dos clubes de futebol pela criação dos seus museus. Tal como demonstra a tabela 1, Portugal inaugurou algum dos seus museus nesta altura:

⁴² TIESLER e DOMINGOS, 2012: 47-48.

⁴³ Idem, *Ibidem*, p. 63.

⁴⁴ <https://maisfutebol.iol.pt/transferencias/espanha/oficial-athletic-bilbao-anuncia-o-sexto-estrangeiro-da-historia>

⁴⁵ <https://www.slbenfica.pt/pt-pt/instalacoes/museu-benfica>

⁴⁶ <https://www.fcporto.pt/pt/museu>

⁴⁷ <https://www.sporting.pt/pt/clube/museu-sporting/o-museu>

Clube português	Ano de Inauguração
Benfica	2013
Porto	2013
Sporting	2004, com novas dinâmicas desde 2016
Casa Pia	1939, mudando de instalações desde 2005
Torreense	2020

Tabela 1 - Ano de inauguração de alguns museus desportivos portugueses

Atualmente, tem se verificado um crescente no número de museus desportivos e um maior sucesso em atrações turísticas associadas a esta tipologia patrimonial. Por exemplo, na Suíça o Museu olímpico de Lausanne é dos mais visitados do país, bem como o número de visitas a *Old Trafford*, que é comparado ao número de outras atrações turísticas inglesas. Isto pode querer mostrar que a dimensão patrimonial associada ao desporto pode estar a crescer⁴⁸, mesmo em situações ligadas ao “pequeno património desportivo”, nas palavras de Fourrier⁴⁹, nas quais são identificadas situações em que os atores do desporto valorizam e salvaguardam objetos-testemunho e objetos-afeto, ligados às suas práticas, funções sociais e simbólicas (tais como medalhas, taças, troféus, galhardetes ou recortes de jornais). Esse é o caso da organização de exposições ou coleções museológicas, bibliográficas ou arquivistas por grupos de sócios ou quando promovem a organização de salas de artefactos. Estas iniciativas ajudam a promover a valorização cultural da memória coletiva de pequenos clubes, rememorando a sua história e dando a conhecer as formas de apropriação das práticas desportivas.

Para este autor é importante distinguir dois métodos de valorização: o primeiro consiste em transferir para o mundo desportivo as categorias dominantes do património (arquitecturas desportivas, obras de arte inspiradas no desporto), enquanto o segundo consiste em expor objetos do quotidiano relacionados com a prática desportiva, maioritariamente considerados bens e propriedade dos clubes. Estes podem ainda integrar museus de grandes dimensões ou salas de pequenos clubes locais, divergindo no tipo de apresentação e exposição dos conteúdos, bem como nas formas de memorialização e patrimonialização.

⁴⁸ PINSON, 2017: 135.

⁴⁹ FOURRIER, 2021

Assim, uma das áreas de investigação emergente visa estudar os pequenos clubes de futebol, analisando as formas de preservação do património e memória desportiva, o seu valor simbólico, ou a sua inexistência, questionando as suas causas. Damo e Ferreira⁵⁰ consideram que um clube de futebol, enquanto instituição desportiva é responsável pela salvaguarda de três elementos: (1) a equipa de futebol, um elemento mutável a cada temporada, mas fonte principal da criação de ídolos, mitos, etc.; (2) os adeptos, considerados comunidades de sentimento que seguem e mantêm valores e tradições clubistas; e (3) a sua memória, pois o clube possui carácter de estabilidade e uma história de longa duração.

Com as redes sociais, foram criados outros instrumentos atuantes no processo de patrimonialização do futebol e preservação da memória coletiva, nomeadamente através das narrativas de identificação, idolatria e conquistas⁵¹, podendo através de várias plataformas digitais materializar museu digital em que é possível “criar, inventar, reinventar tradições, conferindo-lhes a aparência de repetição e preservando a memória coletiva. Sendo assim, símbolos, mitos de origem, percursos históricos, identidades, entre muitos outros elementos, podem ser criados, recordados, interpretados em permanência, atribuindo um carácter de continuidade, segurança e estabilidade à tradição.”⁵²

Nesse sentido, a presente dissertação investiga dois estudos de caso: o Clube Desportivo de Mafra, e o Sport Clube União Torreense.

Estes dois clubes tem entre si uma rivalidade histórica e são ambos da zona Oeste de Portugal, o CD Mafra que atualmente milita na II Divisão Portuguesa de Futebol, e o Torreense. Ambos os clubes tiveram sucessos na última época, com o Mafra a conseguir uma campanha considerada heroica na taça de Portugal, tendo chegado de forma surpreendente às meias-finais da competição, e o Torreense que conseguiu não só subir de divisão, mas também conseguir a conquista do terceiro escalão competitivo em Portugal.

Partimos da seguinte pergunta de investigação: como é feita a patrimonialização da memória em clubes de futebol de pequena dimensão em Portugal?

⁵⁰ DAMO, FERREIRA, 2012.

⁵¹ ROLIM e TEIXEIRA, 2021

⁵² LUVIZOTTO, 2015 p. 25

Para além de responder à questão, a dissertação pretende:

- contribuir para o estudo do património desportivo em Portugal, através de dois estudos de caso;
- estudar as formas de patrimonialização existentes;
- analisar a relação entre a preservação do património e a preservação da memória clubística e as consequências da sua presença vs ausência.

Estrutura da dissertação

O presente trabalho está organizado em cinco capítulos depois da introdução ao tema o capítulo um é a revisão à literatura aos conceitos chave utilizados, nomeadamente os de desporto, a evolução do conceito de património, a patrimonialização e a consciência patrimonial, o património desportivo, a memória desportiva e o colecionismo. No segundo capítulo (Metodologia) onde será exposta a metodologia desenvolvida na presente investigação.

No terceiro capítulo, intitulado o Património Desportivo em Portugal, será realizada uma verificação ao atual estado desta tipologia patrimonial, neste capítulo serão enumeradas instituições que gerem e cuidam desta tipologia patrimonial em Portugal. Ainda neste capítulo, serão analisadas algumas outras áreas, como por exemplo, a quantidade de programas nos canais televisivos portugueses dedicados a esta temática e à partilha de memórias, na medida, em que o peso dos *media* no desporto já ficou bem patente.

Quanto ao capítulo quatro – Património de pequenos clubes: os estudos de caso – Mafra e Torreense - será dedicado aos clubes de mais pequena dimensão em Portugal, onde depois de uma breve introdução histórica, e de informações importantes sobre os clubes, serão descritos e analisados os resultados da investigação realizada aos dois estudos de caso.

Para finalizar, o quinto capítulo – Conclusão - será respondida de forma objetiva a pergunta de investigação. Serão também enumeradas algumas recomendações para a área da preservação do património e da memória desportiva em Portugal, que são frutos deste estudo.

1. Revisão da Literatura

1.1: Desporto

O estudo do desporto tem sido marginalizado pelos historiadores, poucos o tem feito e só de maneira ocasional, situação descrita desde 1988 na revista *Desporto e Sociedade* e que ainda se mantém⁵³. O estudo na área é fruto de uma conjugação de especialidades e tradições que provam que ainda se verifica uma dispersão e indefinição⁵⁴.

Apesar da ambiguidade conceptual do conceito de Desporto, é consensual englobar outros conceitos como: movimento, competição, resultado, record, esforço, exercício, entre outros⁵⁵. A definição apresentada na obra *L'Encyclopédie des Sports* por Liponski, inclui uma forma da atividade humana, por vezes em conjunto com esforço de animais ou de veículos, ou de diversos aparelhos, onde o resultado é fruto mais do esforço físico do que do intelectual. No entanto, esta definição coloca de parte jogos em que a parte intelectual é muito utilizada como o xadrez⁵⁶.

Assim, dependendo de área de investigação também varia a definição de desporto. Mas foi em 2004, ano da organização do Campeonato da Europa de futebol que os estudos nesta área receberam um aumento no país, bem como a tentativa de se encontrar uma definição mais concreta. Estas tentativas demonstraram mais uma vez a dificuldade em definir Desporto⁵⁷.

Nesta época destacaram-se em Portugal obras como a primeira grande história do futebol português, que surgiu no ano de 2002, de João Nuno Coelho e Francisco Pinheiro, com o título *A Paixão do povo: História do Futebol em Portugal*, tendo surgido posteriormente mais uma série de obras sobre o tema⁵⁸.

Um dos principais fatores para uma maior continuidade nos estudos sobre história do desporto é um certo conservadorismo no seio académico português, para além disso, a presença esmagadora do futebol na sociedade portuguesa levou a que estes dois

⁵³ PINHEIRO, 2022: 89.

⁵⁴ NEVES e DOMINGOS, 2011: 10

⁵⁵ SERRADO, 2014: 219. Recomenda-se a leitura deste artigo para a evolução do conceito de desporto e jogo.

⁵⁶ PINHEIRO, 2022: 89.

⁵⁷ PINHEIRO, 2022: 90.

⁵⁸ Idem, Ibidem, pp. 99-100.

conceitos muitas vezes fossem confundidos, afastando estudiosos do tema, que são pouco recetivos a temas da cultura popular⁵⁹.

O mundo académico apesar de ter começado a interessar-se mais pelo tema no século XXI, tem incidido mais sobre repetir o presente do que estudar o passado, ou seja, emergiram mais trabalhos como miografias e visões propagandistas sem interesse em compreender o passado e fazer uma projeção par ao futuro do desporto⁶⁰.

Francisco Pinheiro na sua obra *Fazer História do Desporto: Paradigmas e problemáticas*, sugere que os próximos estudos deverão ser imprescindivelmente generalistas rompendo com visões tradicionalistas, pois segundo ele: «Compreender melhor o desporto, numa sociedade cada vez mais mediatizada e desportivamente dependente a nível emocional, permitirá certamente compreender melhor a sociedade contemporânea portuguesa e a sua própria história.»⁶¹.

Hebert apresentou uma definição mais consensual e popular que inclui o xadrez e a tauromaquia, afirmando que desporto é: «*Todo o género de exercício ou atividade física que tenha como meta a realização de uma marca e cuja execução se baseie essencialmente na ideia de luta contra um elemento definido; uma distância, um animal, um adversário e por extensão, nós próprios*»⁶².

Na europa, a primeira organização que juntou historiadores do desporto surgiu em 1967, em Praga, a *International Committee for the History of Physical Education and Sport* (ICOSH). Em 1973 foi fundada em Zurique a *International Association for the History of Physical Education and Sport* (HISPA). Em 1989, a HISPA fundiu-se com a ICOSH, num contexto da Guerra Fria, originando a *International Society for the History of Physical Education and Sport* (ISHPES), com o objetivo de se tornar a principal organização internacional de historiadores do desporto. Em 1995, foi criado o *European Committee for Sport History* (CESH), com o objetivo de contribuir para uma maior ligação entre as universidades europeias⁶³.

⁵⁹ Idem, *Ibidem*, p. 100.

⁶⁰ Idem, *Ibidem*, p. 101.

⁶¹ Idem, *Ibidem*, p. 101.

⁶² Idem, *Ibidem*, p. 90.

⁶³ Idem, *Ibidem*, p. 96.

Pinheiro⁶⁴, considera que a história do desporto em Portugal pode ser considerada numa semi-periferia científica. Apesar disso, assiste-se a uma tendência crescente pela investigação. Este interesse foi demonstrado por ciências como a história, a sociologia e a antropologia, no entanto, as práticas e os consumos relacionados com o desporto continuam marginalizados⁶⁵. São de referir algumas iniciativas sobre o tema, nomeadamente:

- I Congresso de História e Desporto, em 2012, na Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa, que se dedicou ao tema do Olimpismo⁶⁶;
- II Congresso de História e Desporto, em 2013, na Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa, que se dedicou ao tema do Desporto no Espaço Ibero-Americano⁶⁷;
- III Congresso de História e Desporto, em 2014, na Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa, que se dedicou ao tema do Desporto e da Guerra⁶⁸;
- IV Congresso de História e Desporto, em 2015, na Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa, dedicado ao tema da sexualidade e a sua interceção com o desporto e a história⁶⁹;
- V Congresso de História e Desporto, em 2018, na Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra dedicado ao tema do Desporto e a Cultura Popular⁷⁰;
- 4ª Sessão OIC 2019/2020 «História do Desporto em Portugal: Uma janela para a sociedade», na Faculdade de Letras da Universidade do Porto⁷¹;
- Grupo de História do Desporto que reúne investigadores de instituições, para promover o estudo e atividades no contexto da História do desporto nacional e internacional⁷².

⁶⁴ PINHEIRO, 2018

⁶⁵ NEVES e DOMINGOS, 2011: 13-14.

⁶⁶ <https://calenda.org/207704>

⁶⁷ <https://www.uc.pt/iii/ceis20/Parcerias/GHD/CongressoHD>

⁶⁸ <https://ihc.fcsh.unl.pt/events/iii-congresso-de-historia-e-desporto/>

⁶⁹ <https://ihc.fcsh.unl.pt/events/iv-congresso-de-historia-e-desporto/>

⁷⁰ <https://ludopedio.org.br/agenda-de-eventos/v-congresso-de-historia-e-desporto/>

⁷¹ <https://www.citcem.org/evento/335>

⁷² <https://grupohistoriadespo.wixsite.com/meusite/sobre>

A Faculdade de Motricidade Humana da Universidade de Lisboa, possui uma Pós-Graduação sobre Gestão do Património Desportivo Português⁷³, pretendendo desenvolver conhecimentos e competências sobre a promoção do inventário sistemático, conducentes à preservação, estudo e divulgação do património desportivo português permitindo configurar a partir de uma visão mais aprofundada do Desporto como património cultural da Humanidade. Este curso tem como destinatários especialistas e outros funcionários das organizações públicas relacionadas com o património cultural, nomeadamente o desportivo, técnicos e funcionários de organizações dos diversos subsectores desportivos, técnicos e funcionários de organizações educativas, praticantes ou ex-praticantes desportivos.

Em 2021, Lisboa foi a Capital Europeia do Desporto (CED2021), desenvolvendo sete eixos estratégicos de intervenção na cidade: Educação, Saúde e Bem Estar, Solidariedade, Sustentabilidade, Mobilidade, Cultura e Transcendência. Esta iniciativa teve como objetivos gerais:

- Projetar Lisboa através da realização de competições internacionais e nacionais, como reconhecimento e consciência da cidade para importância da atividade física e do desporto, como fatores determinantes na construção de uma cidade humana, inclusiva, moderna e sustentável.
- Promover hábitos de vida saudável, índices de atividade física e prática desportiva ao ar livre, dando continuidade ao investimento estratégico de Lisboa Capital Verde Europeia 2020.
- Projetar o desporto como a humanização do movimento, promovendo utilização intergeracional de todas as infraestruturas verdes, ciclovias e espaços desportivos ao ar livre, assim como o acolhimento dos maiores eventos desportivos da Europa, fomentando o aumento da qualidade de vida dos munícipes e de todos quantos visitam a cidade.

Um importante instrumento estratégico foi divulgado no âmbito da Capital Europeia do Desporto: a *Carta Desportiva de Lisboa*⁷⁴, um documento que identifica,

⁷³ Coordenada pela Professora Manuela Hasse

⁷⁴ https://www.lisboa.pt/fileadmin/cidade_temas/desporto/documentos/carta_desportiva.pdf

Outros documentos fazem já parte da evolução destas iniciativas e documentos. É o caso *Carta Europeia do Desporto*, adotada pelos Ministros Europeus responsáveis pelo Desporto em 1992, e até hoje um documento essencial para as políticas governamentais no domínio do Desporto. A Declaração de Amesterdão representou uma etapa decisiva para que o desporto fosse tido em conta a nível comunitário.

para além da caracterização da rede de instalações desportivas de gestão municipal, de clubes e coletividades e da administração central, atividades desportivas desenvolvidas no âmbito do movimento associativo (com base em informações das Federações e Associações de Modalidade e dos Clubes e Coletividades) e no contexto das escolas, em particular no que respeita ao Desporto Escolar.

Fora da Europa de salientar a criação da mais antiga instituição que se dedicava à história do desporto, foi no Estados Unidos, em 1972, a North American Society for Sport History, que tinha como objetivo juntar investigadores do norte do continente americano. Nesta instituição surgiram importantes publicações como *Jornal of Sport History* e *Canadian Journal of Sport History*⁷⁵.

Pinheiro⁷⁶ sistematiza os principais paradigmas explicativos da História do Desporto, reproduzidos na íntegra na Tabela 2.

	Objetivos	Epistemologia
Narrativa Tradicional (Reconstrução)	<ul style="list-style-type: none"> • Instruir (contar uma história moral) através de um trabalho autoritário • Suprimir a voz do historiador (sobretudo o «eu» a favor da terceira pessoa) 	<ul style="list-style-type: none"> • Recuperar o passado com factos • Representações tradicionais são transparentes e preservam a objetividade das observações • O texto é referencial (aborda contextos externos) • Não-reflexivo • Omnisciência
Advocacia (Reconstrução)	<ul style="list-style-type: none"> • Desfazer mitos desportivos populares • Encontrar os factos 	<ul style="list-style-type: none"> • Factos são a base da verdade • Fidelidade dos historiadores à verdade e à sua profissão • História semelhante à Lei • O historiador adota vários papéis: juiz, testemunha participante, analista especializado, conselheiro

Na Declaração ao Conselho Europeu de Nice de 2005 é apresentado o desporto como área de intervenção de várias políticas.

⁷⁵ Idem, *Ibidem*, p. 96.

⁷⁶ Idem, *Ibidem*, p. 91

Contextualizar (Reconstrução/ Construção)	<ul style="list-style-type: none"> • Situar o tema no contexto geral dos acontecimentos em que se enquadra • Estabelecer as interligações entre a parte 	<ul style="list-style-type: none"> • Eventos históricos constituem um processo único • Contexto social, económico e político explicam o desporto • Contexto social, económico e político legitimam o estudo do desporto
Comparar (Reconstrução/ Construção)	<ul style="list-style-type: none"> • Identificar e analisar similitudes históricas • Identificar e analisar diferenças históricas 	Comparação como ferramenta explicativa
Causalidade (Reconstrução/ Construção)	<ul style="list-style-type: none"> • Identificar as causas dos acontecimentos • Distinguir entre causas estruturais e contingentes 	História: contingente ou determinada
Mudança Social (Construção)	<ul style="list-style-type: none"> • Situações históricas específicas ajudam os historiadores a entender a diversidade e a mudança • Generalizações empíricas sobre questões teóricas • Teorizar sobre processos de mudança temporais 	<ul style="list-style-type: none"> • A História como um processo
Linguística (Desconstrução)	<ul style="list-style-type: none"> • Revelar como os processos de criação dos textos têm significado para os seus criadores e para diferentes públicos • Revelar os subtextos dos tópicos explorados • Enfatizar múltiplas perspetivas • Refletir 	<ul style="list-style-type: none"> • As fontes são locais de intersecção de diferentes significados e interpretações para os leitores • Textos lidos como estruturas de significados, enquadrados nos processos de semiótica, sociais e culturais em que foram produzidos • As fontes não são objetos concretos com significados fixos • A narrativa não é epistemologicamente fechada

Tabela 2 - Sistematização dos paradigmas explicativos da História do Desporto, segundo Francisco Pinheiro (2018)

Os estudos da História do Desporto e as iniciativas ligadas à sua divulgação constituem dois dos principais pilares do crescente interesse pelo património desportivo. Sem o avanço de uns, não se perspetiva o avanço dos outros.

1.2: A evolução do conceito de património

O conceito de património sofreu ao longo do tempo uma evolução, este fenómeno esteve sempre associado a fatores como as transformações sociais. A sua importância foi cada vez mais reconhecida pelas sociedades⁷⁷.

O termo património aparece pela primeira vez no período romano, “*patrimonium*”, tendo origem na palavra *monumentum*, que deriva de *monere*, ou seja, recordar. Assim, havia aqui uma ligação entre a memória e a parte afetiva, pode-se então verificar que a essência do património é a sua ligação umbilical com a memória⁷⁸. No que diz respeito ao direito romano, este conceito representava bens privados ou familiares que pertencia ao *pater*, transmitidos de geração em geração.

A época da Revolução Francesa é importante neste conceito, este associa-se à noção de propriedade comum, quando os bens do clero, da coroa e dos emigrantes foram confiscados e tornaram-se património nacional de todo o povo francês. No antigo regime, associado ao património religioso, o sentimento coletivo aumenta progressivamente.⁷⁹

No século XIX, existe uma posição contraditória do património na sociedade, uma vez que temos ao mesmo tempo medidas protecionistas, que tem como objetivo a preservação, e uma destruição e roubo do património. Quando começaram a surgir movimentos de estado-nação, estes apostaram na preservação e na valorização patrimonial, para mostrarem a sua identidade e cultura única, assim neste período, o património é observado como um veículo de afirmação de poder⁸⁰. Ainda neste século, temos a primeira ligação, embora bastante restrita, entre o conceito de património e museus, que se pode caracterizar por “restos da humanidade”⁸¹.

No século XX acontecem variadas evoluções a este conceito, as duas grandes guerras mundiais colocam em discussão a salvaguarda e preservação do património. E é neste contexto que aumenta o discurso patrimonialista, e que existe a criação de muita legislação patrimonialista.

Perante as duas grandes guerras mundiais, onde foi posta em causa a salvaguarda do património, surgiu um movimento de preservação, aumentando o discurso

⁷⁷ ARROJA, 2012: 4.

⁷⁸ MENDES, 2020: 11.

⁷⁹ STROOBANT, 2011: 17-18.

⁸⁰ PEREIRA, 2018: 100.

⁸¹ CAFÉ, 2007: 20.

patrimonialista. É neste contexto que são assinados muitos documentos com as finalidades de salvaguarda e de valorização do património, e uma reflexão e debate sobre o significado e uso de cada um⁸².

Durante os anos 60 e 70 do século XX assiste-se a uma discussão sobre a mudança da definição do conceito de património, que em vez de valorizar a ideia de evolução cultural, dar um maior relevo à diversidade cultural. Neste contexto, o património começa a ter uma maior atenção à cultura considerada “menor”, que está associada a fenómenos como a democratização e às transformações sociais que se assistiu no seguimento das duas grandes guerras mundiais⁸³.

Encontramos na segunda metade do século XX um aumento do discurso patrimonialista e a criação de legislação relativa ao Património⁸⁴, e no ano de 1972 é então celebrada uma convenção onde o conceito de património sofre uma reformulação, passou a ser reconhecida a necessidade de ser valorizado o património natural, apesar de no documento não surgir a noção de salvaguarda aparecem outras como conservar, proteger e identificar. A convenção fez com que houvesse uma maior consciencialização patrimonial.⁸⁵

No início do século XXI, na Conferência Internacional sobre a Conservação, é assinada a “Carta de Cracóvia – Princípios para a conservação e o restauro do património construído”, é registado uma definição para o conceito: «*Património é o conjunto das obras do homem nas quais uma comunidade reconhece os seus valores específicos e particular e com os quais se identifica. A identificação e a valorização do património é, assim, um processo relacionado com a seleção de valores.*»⁸⁶

Já no ano de 2003, existe um maior foco no Património Cultural Imaterial, onde passa a haver uma ligação clara entre o património material e o imaterial, possibilitando a patrimonialização. A convenção assinada este ano diz que um bem é reconhecido como património quando é aceite dentro de um dado conjunto de valores culturais e práticas

⁸² Pereira, 2018: 101.

⁸³ STROOBANT, 2011: 21.

⁸⁴ MARTINS, 2014: 26.

⁸⁵ Pereira, 2018: 101 – 102.

⁸⁶ BARRANHA, 2016: p. 26

sociais dentro de um grupo⁸⁷. Em 2013, na carta de Burra o património expande-se e são incluídas as minorias.

Em suma, atualmente, o conceito de património tem uma noção muito mais ampla, é assumido como algo que a população quer deixar para gerações futuras, fruto de uma seleção (consciente ou não) do que é herdado coletivamente, onde as gerações futuras devem ter um sentimento de posse⁸⁸.

1.3: Patrimonialização e Consciência Patrimonial

O processo de patrimonialização, segundo o texto de Hilário Pereira, é o processo de transformação de um objeto, documento ou de um bem em património. Durante este processo, é necessário⁸⁹:

1. Um reconhecimento empírico da sua existência, e de ter uma dimensão temporal e espacial;
2. O bem de seguida adquirir uma segunda identidade factual após o contacto com o objeto, resultante de uma validação social e de uma perceção;
3. Depois da incorporação num museu, o bem vê-lhe ser atribuído um significado, uma identidade documental, através da documentação, etiquetagem, por exemplo, o bem ganha, portanto, uma identidade museal, fruto da preservação, documentação e da comunicação.

Lissaneddine e Saddou consideram que a patrimonialização é um processo em que os elementos da cultura ganham num determinado momento qualidade patrimonial, e por isso merece ser salvaguardada e valorizada, tendo em vista a transmissão para gerações futuras⁹⁰. São ainda identificadas as fases para este processo: sensibilização patrimonial; seleção; justificação; conservação; exibição e finalmente a sua valorização, estas fases são todas sucessivas e estão interligadas entre si⁹¹.

Já no caso de John Davallon, este considera que a patrimonialização é o processo em que um grupo reconhece como património um objeto que pode ser material ou imaterial, este objeto que foi herdado e que o grupo tem a obrigação de conservá-lo para

⁸⁷ PEREIRA, 2018: 102.

⁸⁸ CAFÉ, 20017: 20-21.

⁸⁹ PEREIRA, 2010: 270-271.

⁹⁰ LISSANEDDINE e SADDOU, 2018: 19.

⁹¹ Idem, *Ibidem*, p. 19.

o transmitir⁹², garantindo uma continuidade apoiada numa seleção. Davallon considera existir um conjunto de etapas que garantem o sucesso do processo de patrimonialização, nomeadamente⁹³:

1. Interesse demonstrado pelo grupo no objeto, que resulta de um reconhecimento do seu valor;
2. Produção de conhecimento sobre o objeto e da sua origem;
3. Declaração de património, ou seja, um objeto só pode ser considerado património quando for reconhecido como tal;
4. Organização do acesso de um grupo ao objeto patrimonial, onde as pessoas que pertencem ao coletivo são as beneficiadas da existência do objeto em exposição; A exposição onde se encontra o bem patrimonial é o reviver da descoberta, tornando os visitantes herdeiros do objeto;
5. Transmissão do objeto patrimonial às gerações futuras, permitindo uma continuidade ao longo do tempo, estabelecendo uma ligação desde o presente do passado e do futuro.

Quanto ao outro conceito importante na análise que pretendemos desenvolver, a *consciência patrimonial*, Christian Bromberger, refere a sua importância. Esta prática consiste em que um grupo tenha a consciência que a prática desportiva faz parte integrante do seu património, obrigando a escolher o que deve ser preservado⁹⁴.

1.4: Património Desportivo

A relação entre o Património e o Desporto foi durante o século XX algo marginalizada na literatura científica, eram duas realidades que não se cruzavam, uma vez que, o desporto não tem uma boa imagem para os estudiosos das ciências sociais. Na bibliografia de obras clássicas, referências a esta ligação são muito tímidas, e só aparecem em historiadores de jogos tradicionais, uma das raras exceções é a obra de Raymond Thomas de 1981, intitulada de *Sport et Sciences*.

⁹² DAVALLON, 2014: 1.

⁹³ Idem, *Ibidem*, pp. 1 -2.

⁹⁴ BROMBERGER,

https://www.academia.edu/32056341/Christian_Bromberger_Questce_que_le_patrimoine_sportif, consultado em 24/10/2021.

No entanto, a constante presença nos *media* do desporto, juntamente com a massificação e democratização das práticas desportivas, fizeram melhorar a imagem que o desporto tinha aos olhos da Cultura⁹⁵. A partir da década de 1990, temos pequenos avanços nesta ligação, com uma maior atenção às tradições desportivas que eram vistas como importantes vetores no desenvolvimento local. Em 2005, a ONU classificou este ano como o da “Educação Física e do Desporto”, com esta distinção o desporto começou a ser visto como um fator de fortalecimento da paz e do desenvolvimento.

Neste contexto, a UNESCO apercebeu-se da necessidade de ter uma intervenção na preservação do património cultural que estava associado ao desporto, começando a fazer as ligações entre o desporto, a tradição e o património⁹⁶. Mais recentemente, em 2016, o International Council on Monuments and Sites (ICOMOS) celebrou o património desportivo como o seu tema anual (18 de abril)⁹⁷ e publicações como no *Journal of Heritage*, no *Jornal of Heritage Studies* ou *Museologia e Patrimônio - Revista Eletrônica do Programa de Pós-Graduação em Museologia e Patrimônio*, vem comprovar o aumento do interesse do estudo do Património Desportivo. Encontros especializados como os *Rencontres du patrimoine et de la mémoire du sport*⁹⁸ vão já na sua 10ª edição em França, bem com as Conferências do Comité Européen d’Histoire du Sport (CESH),

⁹⁵ GASTAUT, 2012: 1-4.

⁹⁶ FOURNIER, 2021: 27-29.

⁹⁷ Pode ler-se no site “Dedicating the 18 April 2016 to the heritage of sports has the purpose of celebrating the role of sports in the improvement of human life through the recognition and enhancement of specific types of monuments and sites; raising awareness on their values and the role they hold in shaping the cultural identity of concerned communities, at national, regional or local levels.” <https://www.icomos.org/en/focus/18-april-international-day-for-monuments-and-sites/182-english-categories/what-we-do/focus/4746-18-april-theme-2016> Em Portugal foi organizada a *Jornada património do desporto em Portugal* pela Direção Geral do Património Cultural e o ICOMOS-Portugal visando dar a conhecer o trabalho de diversos investigadores e entidades intimamente ligadas com o património do desporto nacional, nomeadamente as estratégias que estão a ser tomadas na preservação deste legado feito de eventos, pessoas, pequenos objetos e grandes arquiteturas. <https://www.icomos.pt/a-nossa-acao/dia-internacional-dos-monumentos-e-sitios/64-jornada-o-patrimonio-do-desporto-em-portugal>

⁹⁸ Em 2011, nasceu dentro da ideia de encontros em torno do património desportivo e da memória do desporto do UFR STAPS da Universidade de Nice, impulsionado pelo desejo de aumentar a dimensão cultural do desporto. Foi uma questão de construir sobre as lições históricas conduzidas na nossa unidade e, além disso, para envolver nesta reflexão outras componentes universitárias, mas também oradores ou testemunhas de outras instituições ou associações. É por isso que, um dos princípios destes encontros são, desde o início, associar a investigação de tipo universitário com outras abordagens ao conceito de património desportivo. Assim, durante as diferentes edições, o público composto por investigadores, estudantes, história e entusiastas do desporto foi capaz de apreciar a variedade de apresentações, todas baseadas em arquivo. Entre local, nacional ou mesmo internacional, várias escalas são tidos em conta: os nossos colegas, os nossos alunos, todos os níveis combinados, têm sido capazes de beneficiar dele, tanto cientificamente como organizacionalmente, um evento que marca agora cada ano letivo. O estabelecimento em Museu Nacional do Desporto em Nice deu uma dimensão adicional a estas reuniões. A parceria que foi rapidamente estabelecida nas nossas duas instituições tornou possível estabelecer um evento que é agora realizado em parte nas instalações do Museu, permitindo ao público participar em conhecê-lo melhor e apreciar a riqueza das suas coleções.

com mais de 20 edições, ou ainda os *Carrefours d'Histoire du sport* organizados desde 1996 pela Société Française de l'Histoire du Sport⁹⁹.

Apesar de ser entre as duas grandes guerras mundiais que o desporto tem um desenvolvimento importante com um aumento das competições de clubes. A patrimonialização desta atividade, terá começado nos finais do século XIX, quando alguns clubes reuniam os troféus conquistados, colecionavam objetos guardando-os em locais que os seus sócios podiam visitar¹⁰⁰.

Em Portugal, atualmente, o desporto e os objetos a ele associados, o estudo das memórias associadas parecem ainda não terem atingido um estatuto de Património Cultural que já obteve em outros países do velho continente¹⁰¹.

O estudo na área do património desportivo ou sobre o desporto na sua generalidade, tem as suas problemáticas, nomeadamente, é necessário o investigador afastar-se dos seus interesses como a “clubite”¹⁰², até porque poucas heranças são tratadas com tanta paixão, mesmo que este legado não esteja na sua memória viva¹⁰³. É igualmente necessário distinguir entre desporto como património e património desportivo¹⁰⁴. No primeiro caso, «*events and the accomplishments of athletes are becoming part of a grander narrative*». No segundo caso, «*reflect the heritage that occurred (and continues to occur) on the field of play*». ¹⁰⁵ Finalmente deve-se identificar como o património desportivo é socialmente construído¹⁰⁶.

O património desportivo integra uma diversidade de patrimónios, com um espólio muito variado desde o imaterial ao material, e a escala desde local à escala internacional,

⁹⁹ Destacam-se obras recentes como as Olivier Chovaux, François Da Rocha Carneiro, Patrick Clastres (Dir.), Sport et histoire, *Historiens et géographes*, n° 437, novembre-décembre 2016, p.35/100; Tony Froissart, Thierry Terret (dir.), *Le sport, l'historien et l'histoire*, Presses Universitaires de Reims, coll. Epure, 2013; Françoise Bosman, Patrick Clastres, Paul Dietschy (dir.), *Le sport : de l'archive à l'histoire*, Presses Universitaires de Franche-Comté, 2006; Laurent Turcot, *Sports et loisirs. Une histoire des origines à nos jours*, Gallimard, 2016.

¹⁰⁰ STROOBANT, 2011: 44.

¹⁰¹ Idem, *Ibidem*: 161.

¹⁰² <https://www.abola.pt/nnh/2019-12-13/espaco-universidade-memoria-desporto-e-paisagem-artigo-de-manuela-hasse-13/819442>, consultado em 4/12/2021.

¹⁰³ RAMSHAW e GAMMON, 2005: 232.

¹⁰⁴ RAMSHAW e GAMMON, 2005.

¹⁰⁵ PINSON, 2017: 135

¹⁰⁶ RAMSHAW, 2011.

desde aos aspetos mais visíveis como os estádios aos objetos que o desporto gera como os equipamentos desportivos¹⁰⁷.

Em 2012, Ângela Cristina Monteiro Arroja no seu trabalho de projeto fez um estudo nas principais instituições desportivas nacionais e concluiu com base em inquéritos realizados a alguns dos maiores clubes de Portugal, e a instituições como a Federação Portuguesa de Futebol (FPF) e a Associação Futebol de Lisboa (AFL), que existiam uma série de problemas comuns no que diz respeito a esta área nestas instituições. Neste inquérito, foram analisadas quatro questões sobre o papel do património na instituição; as políticas implementadas; a percentagem do orçamento dedicado ao património; e compreender os projetos para o futuro com vista na preservação, conservação e divulgação do património¹⁰⁸.

Com base nestes inquéritos, concluiu que havia uma secundarização deste tipo de património, apesar do conhecimento da sua existência; a inexistência de uma verba orçamental específica; conceitos desatualizados de património, memória e museu; a não existência de equipas especializadas na área; e um desinteresse demonstrado nesta área ao longo das décadas¹⁰⁹.

Ângela Cristina Monteiro Arroja concluiu também que embora existisse esforços feitos no sentido da motivação e da boa vontade, os museus não passavam de depósitos de troféus, com um acumular cada vez mais crescente de património documental. Muitos clubes, consideram que pequenas salas com depósitos de taças são suficientes, e que estes espaços tem espólio exposto sem critério, acompanhada por informação praticamente inexistente; e um uso da tecnologia quase ausente¹¹⁰.

Nesta investigação foi possível constatar também uma inexistência de boas práticas de exposição, sendo o maior objetivo a divulgação do património físico no sentido “exaustivo e exibicionista”¹¹¹.

Por fim, nestes inquéritos foi possível ver a secundarização do património desportivo quando foi questionado sobre o futuro neste ramo patrimonial. As respostas

¹⁰⁷ LOUDCHER, 2018: 2-3.

¹⁰⁸ ARROJA, 2012: 12.

¹⁰⁹ Idem, *ibidem*, p. 12.

¹¹⁰ Idem, *ibidem*, p. 14.

¹¹¹ Idem, *ibidem*, p. 15.

apontaram para a necessidade de fazer mais, no entanto, foi registada a secundarização do tema¹¹².

A maioria do espólio que pertence a esta tipologia patrimonial está ligado a acontecimentos desportivos que aconteceram há pouco tempo, isto leva a que exista pouca consciência patrimonial para um objeto, como consequência os objetos patrimoniais sejam descartados, substituídos ou até destruídos.

Nas redes sociais, é frequente encontrar muita informação e diversificada, como documentos desportivos, no entanto, estes não são enquadrados, sofrem de dispersão, fragmentação. Nas redes sociais, é possível encontrar diversas imagens sem uma datação precisa nem uma identificação dos elementos representados, enquanto a documentação do século XX é rara, a quantidade de informação publicada por dia do século XXI exige uma seleção, no entanto, toda esta informação necessita de ser estudada e contextualizada por fontes¹¹³.

A tabela 3 resume as caracterizações das tipologias nos seus textos pelos autores: Christian Bromberger, por Greg Ramshaw e Sean Gammon, e por Anne Stroobant:

¹¹² Idem, *ibidem*, p. 15.

¹¹³ Conferência “Memória para todos: Preservar e partilhar a memória”, assistida em 12/11/2021.

Divisão de Christian Bromberger¹¹⁴	
Tipologias	Exemplos
Edifícios desportivos	Estádios
Representações	Obras de arte
Arquivos audiovisuais	Fotos, filmes
Gestos emblemáticos do desporto	Evolução dos equipamentos desportivos
Textos impressos e publicados	Biografias, contratos, bilhetes
Depoimentos Oraís	Recolha de testemunhos de jogadores e adeptos
Divisão de Greg Ramshaw e Sean Gammon¹¹⁵	
Tipologias	Exemplos
Tangível (imóvel)	Espaços físicos
Tangível (móvel)	Objetos facilmente transportáveis que tem fontes patrimoniais.
Intangível	Cânticos dos adeptos
Bens e serviços	Equipamentos antigos
Divisão de Anne Stroobant¹¹⁶	
Tipologias	Exemplos
Património desportivo edificado	Grandes instalações como os estádios
Património móvel	Arquivos audiovisuais, objetos emblemáticos
Património natural	Locais conhecidos devido ao desporto
Património tradicional	Objetos fruto de jogos e/ou desportos tradicionais

Tabela 3 - Descrição das tipologias patrimoniais de Christian Bromberger; de Greg Ramshaw e Sean Gammon; e de Anne Stroobant

Revisitando o texto de Christian Bromberger¹¹⁷, o património desportivo é constituído por edifícios desportivos (aqui inclui-se aspetos estéticos, funções utilitárias,

¹¹⁴ BROMBERGER,

https://www.academia.edu/32056341/Christian_Bromberger_Questce_que_le_patrimoine_sportif,

¹¹⁵ RAMSHAW e GAMMON, 2005.: 233-235.

¹¹⁶ STROOBANT, 2011: 46-48.

¹¹⁷ Christian Bromberger é um dos mais importantes estudiosos na área do património desportivo, ele desenvolveu a sua área de investigação em temas relacionados com identidades coletivas, fronteiras culturais e sociais. Para este autor, o estudo do lazer (onde se inclui o desporto) é tão importante quanto o

e a mensagem que o local quer transmitir ao visitar); as representações, onde se inclui obras de arte e pinturas (por exemplo a obra de Edgar Degas “Cavalos de Corrida em Longchamp”); os arquivos audiovisuais, ou seja, fotos e filmes que se inserem na memória coletiva (no caso português temos o exemplo do arquivo da RTP, hoje disponível online); os gestos emblemáticos do desporto, nomeadamente, a evolução dos equipamentos das equipas, as taças; os textos impressos e publicados, como as biografias de jogadores, contratos de jogadores, os bilhetes tantas vezes guardados pelos adeptos, no entanto, estes são muitas vezes esquecidos pelos clubes; e por fim os depoimentos orais¹¹⁸, que são muito importantes, não só de ex-estrelas do desporto profissional, mas também do amador e dos fãs, para assim existir uma recolha de memórias¹¹⁹.

As tipologias do Património Desportivo também podem ser divididas em certas categorias, como qualquer outro tipo de património. Neste caso, podemos dividir em tangível (imóvel); tangível (móvel); intangível; bens e serviços. Os objetos referentes ao tangível (imóvel) são os espaços físicos com importância, normalmente são aqui relevadas as características arquitetónicas e/ou estéticas da infraestrutura. No que diz respeito à categoria tangível (móvel) é referente aos objetos que contem fontes patrimoniais e são facilmente transportados. O intangível integra os rituais, cânticos, memórias, um exemplo, é o cântico conhecido dos adeptos do Liverpool *You never walk alone* conhecido por todos os amantes de futebol (por alguns entendido como mais do que um cântico, e sim um estilo de vida). Por fim, os bens e serviços, referem-se aos equipamentos antigos, bem como a produtos tradicionais, ou seja, a uma época onde os jogadores estavam mais acessíveis ao público¹²⁰.

Analisando o espólio presente no Património Desportivo, verifica-se a presença de algumas tipologias do património, nomeadamente, o Património Desportivo edificado que se refere às instalações e aos grandes equipamentos, como os estádios; o património móvel que tem uma grande diversidade nas suas representações que vai desde as representações, aos arquivos audiovisuais (referentes a objetos que escrevem na memória coletiva como os cartões de sócio), e aos objetos emblemáticos, como os equipamentos.

estudo de outras questões da vida social. Bromberger é dos autores mais citados na bibliografia sobre Património Desportivo.

¹¹⁸ BROMBERGER, https://www.academia.edu/32056341/Christian_Bromberger_Questce_que_le_patrimoine_sportif, consultado em 24/10/2021.

¹¹⁹ GASTAUT, 2012: 11.

¹²⁰ RAMSHAW e GAMMON, 2005.: 233-235.

No que diz respeito ao património natural, este é pouco relatado no Património Desportivo, mas acontece nos locais que são conhecidos e célebres devido ao desporto, isto acontece muito no ciclismo, em locais como o Mont Ventoux ou o Alpe D'Huez, célebres devido à Volta a França em bicicleta. Por fim, temos o património tradicional quando nos referimos a jogos e/ou desportos tradicionais¹²¹.

O património edificado tem uma grande importância no Património Desportivo, correspondendo aos aspetos mais visíveis do Património Desportivo, onde se incluem, como já vimos, os estádios, as arenas, os autódromos, entre outros. Algumas destas obras são mesmo consideradas grandes feitos arquitetónicos, não pelo seu peso a nível arquitetónico, mas sim pelo peso emocional para a comunidade. Curiosamente, uma das componentes desta tipologia de património são as estátuas, e no contexto do desporto temos assistido a uma multiplicação destes objetos, nos últimos 30 anos houve um aumento de cerca de noventa por cento este tipo de espólio¹²².

Quando é referido o património desportivo edificado, refere-se a símbolos icónicos e importantes fatores de atração do público para o património, são locais onde cruzam-se o mundo público com o mundo dos artistas, assim, realça o património. Muitas vezes, é num estádio que o Homem se refugia ao fim de semana, onde se sente pertencente a uma comunidade¹²³.

No entanto, o património edificado associado ao desporto é um pouco diferente, este está em constante atualização e renovação¹²⁴, para além disso, o mesmo local pode ter diversas abordagens, cultural (relacionado com a preservação e a conservação); uma abordagem económica (relacionado com o turismo); ou uma abordagem política (locais ligados à identidade, ou disseminação de ideias políticas¹²⁵).

Apesar desta importância do Património Desportivo edificado verificada nos últimos parágrafos, este muito raramente é alvo de medidas de classificação e de proteção efetiva, arenas da Antiguidade greco romana, ou o local arqueológico de Olímpia são as

¹²¹ STROOBANT, 2011: 46-48.

¹²² GASTAUT, 2012.: 6-8.

¹²³ SERRADO, 2013: 134.

¹²⁴ RAMSHAW, GAMMON, 2014: 251-252.

¹²⁵ Ao longo da história, existem momentos em que o desporto está associado a difusão de ideias políticas. Mussolini utilizou a organização do Campeonato do Mundo de futebol como instrumento político. No caso de Franco (ditador espanhol), no contexto da Guerra Civil Espanhola, organizou dois jogos particulares de futebol com Portugal para a sua afirmação política, onde o resultado era o que menos importava, mas sim a consolidação e legitimação do seu poder.

exceções¹²⁶. Para além destes casos de preservação total, existem casos de requalificação progressiva e/ou preservação parcial, ou a destruição total das instalações antigas para as modernas (como o caso do estádio de *Wembley*, em Londres, Reino Unido).

Esta preservação diferente ou falta dela deve-se a diversos fatores um deles é o desporto, como hoje o conhecemos, ser uma atividade relativamente recente e a sua arquitetura específica estar ainda a ser desenvolvida, para além disso; o desporto não é para muitos considerado algo digno e legítimo; outro fator é o do desporto ter evoluído para um espetáculo, dando privilégio ao conforto para os adeptos; também a evolução tecnológica contribui para este problema no património edificado desportivo. Outro fator é o debate sobre a preservação de locais associados a épocas históricas como o fascismo ou o nazismo, devido ao seu passado de propaganda ideológica¹²⁷.

O último fator, está relacionado diretamente com o tema desta dissertação, uma vez que se refere ao debate se deve haver preservação de pequenas infraestruturas, ou só das grandes, ou seja, coloca-se a questão se deve preservar-se as infraestruturas dos clubes mais pequenos, que correspondem também à memória dos seus adeptos. Segundo Christian Bromberger, para a resolução deste debate da patrimonialização do património arquitetónico desportivo, deve ter-se sempre em conta duas condições, uma é que estas devem fornecer uma compreensão ao espetador, a outra condição é que devem privilegiar-se conjuntos ao invés de apresentações parciais, ou seja, locais onde existam arquivos, equipamentos, museus, portanto, locais que permitem realizar uma ligação entre o passado e o recente¹²⁸.

De facto, o Património Desportivo tem certas características ímpares face a outros tipos de património, isto apesar dos seus conceitos principais serem comuns às outras tipologias patrimoniais, como o de monumento ou obra-prima¹²⁹. Este tipo de património utiliza pessoas reais e não representações, ou seja, é fruto de uma construção humana. Este corresponde a uma verdade, e tenta fundir o presente e o passado, enfatizando a continuidade¹³⁰.

¹²⁶ STROOBANT, 2011: 69.

¹²⁷ Idem, *Ibidem*, pp.: 69-90.

¹²⁸ Idem, *ibidem*, p. 91.

¹²⁹ FOURNIER, 2021: 22.

¹³⁰ RAMSHAW, 2011: 7-12.

No contexto do Património Desportivo, o espólio material e o imaterial estão intimamente ligados, pois o um evoca o outro, não se pode separar o objeto do seu uso ao seu valor simbólico, ajudando assim a construir uma memória. Neste sentido, uma taça ou uma medalha (ou seja, um objeto material) corresponde a uma determinada conquista (imaterial).

Um dos locais onde existe uma ligação muito clara entre desporto e o património são em determinados eventos desportivos, este fenómeno tem vindo a aumentar especialmente no norte do continente americano. Este tipo de eventos são considerados potenciadores para visitantes de um país, ou para uma comunidade, que pode ter impacto no turismo patrimonial, tal como aconteceu com os Jogos Olímpicos de 2004, em Atenas¹³¹.

Um espaço desportivo comunitário está muito associado a uma ligação entre o legado, a identidade, e a cultura popular¹³². Nos *mass media*, um evento desportivo é considerado património, estes são programados e organizados, no entanto, o inesperado muitas vezes acontece captando a atenção do espetado, podendo gerar memórias compartilhadas¹³³.

No que diz respeito aos eventos desportivos e a sua relação com o património, observamos duas realidades, uma quando o património faz parte da popularidade do evento, mas são conhecidas não pelo seu património, mas sim pela competição (como são exemplo o torneio de *Wimbledon*, ou a *FA Cup*); a outra realidade corresponde aos eventos desportivos que o património é o foco principal, e a competição está em segundo plano, existindo um vencedor, mas o mais importante é a celebração do desporto e do património (acontece por exemplo no *The Heritage Classic*)¹³⁴.

Os investigadores dos eventos desportivos associados ao património debatem-se com dificuldades, uma vez que não existem critérios para a definição desta ligação, logo existe um problema de identificação. Um dos estudiosos deste tema, Chappellet argumenta que um evento desportivo só pode ser elevado a patrimonial se cumprir os seguintes quatro critérios: ser um evento recorrente; ter uma localização específica; existir um

¹³¹ RAMSHAW, 2014: 253.

¹³² RAMSHAW, 2006: 3.

¹³³ GASTAUT, 2012: 9.

¹³⁴ RAMSHAW, 2014. 252.

envolvimento da autarquia na organização do evento; e por fim deve ter alguma longevidade no tempo¹³⁵.

No início deste capítulo observou-se uma abertura da UNESCO para o processo de patrimonialização do Património Desportivo, nomeadamente a partir do ano de 2003, quando abriu um espaço para os eventos desportivos que fossem uma manifestação do Património Imaterial poderem ser classificados. No entanto, é interessante verificar que desde esse ano só três eventos desportivos conseguiram tal distinção, são eles o festival na Turquia *Kirpinar Oil Wrestling*; o evento na Mongólia *Naadam*; e o Festival na China Barco-Dragão, mas nas candidaturas são realçados os aspetos culturais em detrimento dos desportivos¹³⁶.

Para além de alguns eventos desportivos, outro lugar onde existe uma ligação entre o Património e o Desporto são os museus desportivos. Foi em 1978, que a carta Internacional da Educação Física e do Desporto realça a ligação entre o desporto e a museologia tem de ter o objetivo de colocar o desporto ao serviço da evolução da humanidade, promovendo ao mesmo tempo o seu desenvolvimento¹³⁷.

Apesar da patrimonialização do desporto já ter começado no final do século XIX, a utilização da museologia para a patrimonialização é muito mais recente, por volta do ano de 1970, quando os clubes, a partir de coleções essencialmente privadas, dão início a este processo¹³⁸.

Nas décadas de 80 e 90 assiste-se a uma multiplicação de museus associados ao desporto, num contexto de maior estudo na área do Património Desportivo, fenómeno mais verificado em França e no Reino Unido¹³⁹. Este fenómeno de aumento do número de museus associados à prática desportiva, acompanha a ideia de que estes podem ser vistos como locais de atração turística, isto apesar de alguns não considerarem os museus desportivos locais de cultura, mas sim de propaganda ideológica clubística¹⁴⁰.

Atualmente, estas infraestruturas museológicas parecem ter um misto entre abordagens patrimoniais contemporâneas e tradicionais, isto porque, ao mesmo tempo há

¹³⁵ PINSON, 2016: 8-22.

¹³⁶ Idem, *ibidem*, p.6.

¹³⁷ FRAGOSO, 2018: 31.

¹³⁸ STROOBANT, 2011: 44.

¹³⁹ ROCHA e ROLIM, 2021: 11.

¹⁴⁰ VICTOR, 2018: 9.

exibições que proporcionam uma relação entre o visitante e o exposto, mas também existe exibições que falam por si¹⁴¹, pressupondo um conhecimento prévio do visitante.

Hoje, estas instituições museológicas já não são só “salas de troféus”, pois atentam às necessidades da instituição desportiva, da sociedade, contendo serviços educativos, centros de memórias, departamentos de conservação e de restauro¹⁴².

Utilizando o exemplo do Sport Lisboa e Benfica, uma das principais instituições desportivas portuguesas, criou em 2015 a sua Direção para a secção do Património Cultural, que tinha como missão a preservação, a valorização e a difusão do património. Para isto, utilizava métodos como a conservação, a comunicação, a investigação e a interpretação¹⁴³. Na inauguração do novo museu do Benfica, o seu presidente, Luís Filipe Vieira, salientou a importância que o passado tem face ao futuro, afirmando que “*Não pode haver futuro se não cuidarmos do passado*”¹⁴⁴

Através deste exemplo, onde se verifica uma clara consciência sobre a importância da patrimonialização do desporto, que é uma tendência que se observa também em mais clubes em Portugal, e não só, confirma-se que os museus dos clubes, não são atualmente locais só para exposição de troféus.

A intervenção museológica no desporto, contribui de uma forma muito positiva para a preservação da memória. Segundo Bromberger, a herança já não se refere apenas ao passado glorioso, também atenta à “pequena” tradição, quando estes são considerados património devido à memória partilhada¹⁴⁵.

¹⁴¹ RAMSHAW, 2011: 3.

¹⁴² VICTOR, 2018: 10.

¹⁴³ CONSTANTINO, 2018: 11.

¹⁴⁴ Idem, *ibidem*, p.10.

¹⁴⁵ GASTAUT, 2012: 5.

1.5: Memória Desportiva

Muitas vezes a definição de memória é simplesmente “memória é a capacidade de lembrar do passado”, mas esta é muito simplista e suscetível de várias interpretações, uma vez que, com a evolução social tem de ser considerado nesta definição os aspetos sociais, e o conceito de memória diversificou-se em “tradições” ou “memória social”, que são distintas abordagens ao mesmo processo¹⁴⁶.

Esta continuidade entre o passado e o presente é assegurada pelos indivíduos, tendo existido uma evolução na perspetiva da memória nas sociedades, nomeadamente, primeiro as sociedades-memória que eram usadas de um modo mais conservador para a manutenção das sociedades, e a transmissão dos valores estava intrínseco à família, escola, Estado e Igreja. Por outro lado, quando surgiram os Estado-Nação, a memória passou a reter as ideias da Nação, a memória passou a ser tutelada pelo Estado, fazendo que fosse lembrado só o que servia mais os interesses do Estado¹⁴⁷.

A memória está sempre associada a dois outros elementos, a memória e o esquecimento, ou seja, a preservação e a destruição estão sempre lado a lado, é um fenómeno que quando é coletivo é denominado constituição social¹⁴⁸.

A Memória tem o poder de libertar ou oprimir um cidadão. Esta pode libertar quando o património é colocado a serviço da sociedade, para assim poder existir uma maior interpretação e compreensão, no entanto, ao longo da história é possível constatar períodos em que o exercício do poder sobre a memória foi utilizado para disciplinar os diversos estratos da sociedade, como foi exemplo o período das ditaduras¹⁴⁹.

Existe, portanto, dois tipos de memória a realçar, a memória coletiva e a memória individual. A coletiva é tudo o que uma determinada sociedade ou grupo seleciona para trazer aos dias de hoje, para isso utiliza o património que a comunidade escolhe como que representa a sua identidade como ferramenta¹⁵⁰.

¹⁴⁶ SANTOS, 1989: 144.

¹⁴⁷ MARTINS, 2014: 22-23.

¹⁴⁸ CAFÉ, 2007: 40.

¹⁴⁹ Idem, ibidem, p. 40 e CHAGAS, 1997: 43,44,45.

¹⁵⁰ CAFÉ, 2007: 40.

Já a memória individual nunca pode ser afastada da memória coletiva, ambas andam sempre lado a lado, pois as lembranças (objeto de estudo da memória¹⁵¹) individuais são fruto de um processo de interação entre grupos¹⁵².

Durante vários milénios o esquecimento era muito fácil, mas com as evoluções da sociedade esta tendência veio alterar-se, agora com temos todas as ferramentas para que o lembrar seja fácil. Nesse sentido, atualmente existem variados locais para que o esquecimento não ocorra, nomeadamente, os arquivos, os centros de memórias e os museus.

Os arquivos tem a função de manter a memória viva de aquilo que nunca mais pode ser repetido¹⁵³, por sua vez os centros de memória tem como objetivo que não aconteça o esquecimento, porque aquilo que cai no esquecido, dificilmente será lembrado¹⁵⁴. Por último, os museus são frequentemente associados a livros de memórias, mas são importantes ferramentas para evitar o fenómeno do esquecimento¹⁵⁵.

Neste sentido, a memória pode ser utilizada como ferramenta para gerar esquecimento e/ou memória, o mesmo bem patrimonial tem a capacidade de ser um auxílio para memória ou o esquecimento, tudo depende da vontade da comunicação do poder, e por isso é urgente realizar uma recolha de memórias sempre que existir essa necessidade, pois algo que é esquecido é difícil de ser lembrado¹⁵⁶.

Simultaneamente à amplificação do conceito de património, a ligação da memória associada ao património tem merecido uma maior atenção por parte dos estudiosos das ciências sociais. Para isso, é dado uma maior importância ao relato de testemunhas, de políticos, de adeptos. O desporto, pelo menos os mais populares, são um importante componente nas memórias compartilhadas¹⁵⁷. José Vegar, num artigo publicado no Jornal de Notícias, destaca a relevância da memória desportiva na história do ser humano: «O

¹⁵¹ DOBEDEL, 2015: 25.

¹⁵² ARAÚJO e SANTOS, 2007: 97.

¹⁵³ Idem, *Ibidem*, p.103.

¹⁵⁴ FELGUEIRA, 2018: 16.

¹⁵⁵ CAFÉ, 2017: 44.

¹⁵⁶ Idem, *ibidem*, pp. 45-48.

¹⁵⁷ GASTAUT, 2012: pp: 3-5.

modo como são guardados na memória os grandes feitos desportivos¹⁵⁸ é uma das mais fascinantes questões dos homens, dos seus mundos e dos seus tempos.»¹⁵⁹.

O Património Desportivo, que é composto pela totalidade da memória material e da memória imaterial que são relativas ao fenómeno desportivo¹⁶⁰, é uma componente da memória viva, emotiva e popular, o desporto tem a capacidade de criar memórias valiosas e resistentes.

O objetivo da maior parte das ocasiões da preservação da memória desportiva é a proteção e a continuidade do desporto ao longo do tempo, esta salvaguarda pode ser feita através da museologia, ou até através da família.

Ricardo Serrado, expõe esta importância do núcleo familiar na memória desportiva na sua obra *Futebol – A magia para além do jogo*, quando afirma logo no início: «*O Futebol é a minha recuperação semanal da infância.*»¹⁶¹

Esta ligação da memória desportiva com a família, pode ser comprovada através de um estudo de Ian Jones, que estudou as principais razões para o apoio de uma pessoa a uma equipa desportiva, revelando que apesar de 53% dos inquiridos justificarem a sua escolha por ser a equipa local, a outra grande tendência é existir influências familiares¹⁶².

A figura 1, pretende fazer uma síntese de uma caracterização da memória desportiva, com base na bibliografia citada nesta investigação:

¹⁵⁸ A noção de feito desportivo difere perante o olhar de um indivíduo ou de uma comunidade. Ao olhar de uma comunidade, um feito desportivo é uma vitória numa competição oficial e formatada, como por exemplo, a vitória num campeonato nacional ou internacional, que faz com que uma comunidade faça uma grande festa ou até “parar” um país para esse festejo. No olhar de um indivíduo, um feito desportivo pode ser algo mais particular, como o triunfo de um familiar num campeonato menos prestigiado.

¹⁵⁹VEGAR, <https://www.jornaldenegocios.pt/weekend/detalhe/a-memoria-do-feito-desportivo>, consultado a 24/10/2021.

¹⁶⁰ STROOBANT, 2011: 45.

¹⁶¹ SERRADO, 2011: 6.

¹⁶² ABOSAG E HIND, 2012: 1236.

Memória Desportiva	
Objetos que fixam a memória	<ul style="list-style-type: none"> • Camisolas; • Equipamentos; • Troféus; • Coleções de cromos, entre outros
Memória Multissensorial	<ul style="list-style-type: none"> • Sons (nos cânticos); • Sabor (um cachorro que um adepto comeu antes do jogo); • Toque (sensação de um equipamento); • Cheiro (Cheiro da relva).
Caraterísticas da memória desportiva:	<ul style="list-style-type: none"> • Memória emotiva e popular; • Memória material e imaterial; • Memória onde as pessoas se identificam com o passado, mesmo que não esteja presente na sua memória viva;



Nostalgia – Sentimento que constrói positivismo, lembranças pessoais e coletivas do passado, filtrando ou recriando o passado, mas é necessário cuidado para não ser criada uma ideia demasiado romântica do passado.

Figura 1 - Resumo do conceito Memória Desportiva, com base na bibliografia para a investigação¹⁶³.

A memória desportiva pode nascer a partir de duas experiências:

- direta e a pessoal que se refere a um momento, através de agentes de valorização¹⁶⁴ (atletas, por exemplo), este tipo de experiência já não existe nos clubes extintos;
- de uma experiência indireta ou histórica, onde a memória chega ao sujeito através de um relato ou de um objeto que remete para um outro tempo¹⁶⁵.

¹⁶³ FRAGOSO, 2018: 29; HAWKINS, e OUTROS, 2020: 34; GASTAUT, 2012: 9; HAHM e MATSUOKA, 2021: 3; SCOLA, 2019: 32.

¹⁶⁴ Agentes de valorização são todos os intervenientes do desporto, na sua relação com um passado que não presenciaram.

¹⁶⁵ FRAGOSO, 2018: 29.

Para além disso, os lugares que são conhecidos pela atividade física e desportiva, como acontece muitas vezes em locais onde passa a Volta a França em bicicleta, são lugares de memória incontestáveis¹⁶⁶.

Este tipo de memória pode ser considerada multissensorial, uma vez que pode ser acionada de múltiplas maneiras: através da audição (o som dos cânticos dos adeptos); através do paladar (como o sabor de um cachorro comido antes de um jogo); do tato (a sensação de vestir um equipamento); ou através do olfato (o cheiro da relva)¹⁶⁷.

Nos megaeventos desportivos¹⁶⁸, podem ser considerados locais de memória, pois são lugares em que conectam emoções e sentidos especiais a uma comunidade que evocam diversas emoções e paixões, podendo criar padrões, portanto existe aqui uma ligação entre um território e uma comunidade¹⁶⁹. Estes eventos têm significados sociais e psicológicos, podendo ser apreciados de uma maneira metafórica lugares de memória coletiva, que segundo Pierre Nora é responsável por construir identidades¹⁷⁰.

Verificando novamente mais um exemplo de uma das maiores instituições desportivas portuguesas, o Sporting Clube de Portugal possui um Centro de Memórias no seu museu. Este centro tem como principal objetivo certificar no presente a preservação do passado, bem como a sua projeção no futuro. Esta preservação é muito importante, pois os objetos, como a memória podem deteriorar-se e até mesmo desaparecer¹⁷¹.

Um dos problemas associados à memória é o esquecimento, no entanto, a sociedade atual possui um conjunto muito vasto de ferramentas para o travar, que pode passar desde simples conversas entre amigos até ao visionamento de fotografias e filmes¹⁷², assumindo aqui os *media* um papel preponderante¹⁷³.

No século XX assistiu-se a uma cobertura vasta dos *media* do desporto, promovendo assim diversas memórias individuais e coletivas dos eventos desportivos, no

¹⁶⁶ GASTAUT, 2012: 9.

¹⁶⁷ HAWKINS, e OUTROS, 2020: 34.

¹⁶⁸ Consideram-se os eventos mais visualizados, que criam mais impacto nas pessoas, como um Campeonato do Mundo de futebol.

¹⁶⁹ PINSON, op. cit.: 6.

¹⁷⁰ HAHM e MATSUOKA, 2021: 4.

¹⁷¹ VICTOR, 2018: 7-8.

¹⁷² Idem, *ibidem*, p. 20.

¹⁷³ VIOLETTE e ATTALI, 2018: 283.

entanto, estas memórias são selecionadas para completar os elementos que faltam nos dias de hoje¹⁷⁴.

Em Portugal, de 1957 até ao surgimento das televisões privadas, é a Rádio e Televisão de Portugal (RTP) que contém a maior parte da memória audiovisual coletiva, esta permaneceu durante décadas arquivada, que mais recentemente tem sido alvo de digitalização. Este arquivo contém cerca de quatrocentas peças relacionadas ao desporto, onde estão presentes a maioria dos momentos mais relevantes da memória desportiva¹⁷⁵.

As cinco principais figuras do desporto nacional¹⁷⁶ tem coleções temáticas, onde é realçada a sua enorme diversidade (desde temas curiosos até temas que são curiosidade anedótica). Estes acervos tem como um do principal espólio os resumos dos jogos de futebol, que a maioria não tem som, porque a maioria eram feitos em direto¹⁷⁷.

Ao nível internacional, as grandes cadeias televisivas americanas tem vindo a repetir os grandes jogos, realizando assim uma divulgação da nostalgia do passado desportivo, mas estas transmissões são frequentemente transmitidas sem uma análise, uma crítica ou contexto¹⁷⁸.

O arquivo material é essencial para evitar o esquecimento, e essencial também para o historiador. Existem diversos objetos que “fixam” a memória, como as camisolas, os equipamentos, os troféus, até mesmo as coleções de cromos, entre outros¹⁷⁹. Este espólio é produzido tanto pelos círculos desportivos (como os regulamentos, as folhas de jogo), bem como todo o resto que é produzido em torno do mundo desportivo (como os registos escritos dos adeptos).

Este tipo de património estava guardado essencialmente por colecionadores móveis, esta situação alterou-se com o aparecimento da *Sports – Coleccionismo de Desporto*, onde existem exemplares únicos dos grandes feitos desportivos nacionais, como camisolas, coleções de cromos. Na preservação deste espólio, assume um papel de

¹⁷⁴ RAMSHAW, 2006: 2.

¹⁷⁵ MADUREIRA, <https://maisfutebol.iol.pt/arquivo-rtp/desporto/abriu-se-uma-pequena-janela-sobre-a-nossa-memoria-desportiva>, consultado a 24/10/2021.

¹⁷⁶ Considerados no artigo citado na nota acima - Eusébio, Rosa Mota, Joaquim Agostinho, Moniz Pereira e Carlos Lopes.

¹⁷⁷ Idem, *ibidem*.

¹⁷⁸ RAMSHAW, 2006: 2.

¹⁷⁹ VEGAR, op. cit.

primeiro plano as federações, uma vez que muitas vezes não existe uma consciência da importância desta herança¹⁸⁰.

No que diz respeito ao domínio simbólico, o Património Desportivo tem vindo a ser associado ao sentimento da “Nostalgia”. No decorrer de uma determinada ação, as memórias passadas de um individuo normalmente originam a tomada de uma decisão, e é por isso que o anseio pelo passado tem de ser levado em conta¹⁸¹.

O conceito Nostalgia passou por uma série de modificações, desde “saudade do passado”, ao que é visto hoje, como um mero sentimento psicológico, apesar desta simples definição este termo tem sido estudado em diversos campos¹⁸².

A Nostalgia tem origem num sentimento que é positivo, com origem na infância e que contrapõe com um presente negativo e um futuro incerto¹⁸³. Então, a nostalgia é um tipo de memória coletiva, com o objetivo de arranjar uma alternativa para o presente, este sentimento, filtra, seleciona e recria o passado tal como o património¹⁸⁴.

O sentimento de nostalgia é constituído por variadas componentes, nomeadamente, a saudade como uma experiência, pois experiências anteriores podem gerar nostalgia; pela saudade/nostalgia como ambiente, uma componente que é a responsável pelo individuo ganhar um apego físico e emocional a um objeto; a nostalgia como socialização, porque pode ser evocada na construção de relacionamentos, como novos amigos; a saudade como uma identidade pessoal, quando a seguir aos eventos temos uma autoidentidade, com a nostalgia associada a memórias do passado; e por fim a nostalgia como identidade de grupo, acontece quando um determinado grupo partilha o mesmo código de crenças e valores alcançam um sentimento de pertença, gerando assim uma memória coletiva¹⁸⁵.

O desporto pode ser associado à nostalgia, por exemplo, quando é referido o relacionamento de um adepto com a sua equipa. No ramo desportivo, os adeptos podem receber este sentimento com base nas conexões com as suas equipas favoritas e

¹⁸⁰ GASTAUT, 2012: 10-11.

¹⁸¹ HAHM e MATSUOKA, 2021: 3.

¹⁸² SCOLA, 2019: 32.

¹⁸³ FRAGOSO, 2018: 29.

¹⁸⁴ SEIFRIED e MEYER, 2010: 56.

¹⁸⁵ HAHM e MATSUOKA, 2021: 5-6.

experiências transatas. A nostalgia é o nível mais alto de conexão que um adepto pode atingir com uma equipa, sente-se uma fidelidade à equipa que se apoia¹⁸⁶.

Na sua relação com o Património Desportivo, a nostalgia é associada no aspeto intangível, nesse sentido, este facto é apontado como uma possível explicação para o consumo e turismo desportivo¹⁸⁷. As instalações desportivas são locais onde existe uma tentativa de criação de sentimentos nostálgicos através da mitificação do passado com a promoção de figuras heroicas e aceitação de determinados valores¹⁸⁸.

Nos megaeventos desportivos, que tem sentimentos sociais e psicológicos notáveis, a nostalgia está bastante presente. São locais onde existe uma reconexão cognitiva e emocional dos indivíduos com a memória do passado. Durante o período do evento acontecem momentos memoráveis gerando memória coletiva¹⁸⁹.

A nostalgia, associada à saudade, pode influenciar o turismo desportivo, uma vez que pode funcionar como um fator motivacional para um individuo realizar uma viagem. Existem quatro aspetos que relacionam o sentimento nostálgico com o turismo desportivo, nomeadamente, a experiência, a socialização e as identidades pessoais e de grupo.

No que diz respeito à experiência, esta refere-se aos agentes desportivos e às memórias do passado na sua relação com os eventos desportivos. Quanto à socialização, acontece numa partilha de informações entre amigos e adeptos, e, por fim nas identidades pessoais e de grupo, através de diversos rituais e normas grupais¹⁹⁰.

O comportamento do consumidor de desporto é, segundo os especialistas em gestão desportiva, influenciada pela nostalgia. Por exemplo, num estudo que procurava entender os motivos e os comportamentos para um grupo de adeptos de um clube australiano irem para todo o lado apoiarem a equipa, o sentimento de nostalgia foi apontado como uma das principais razões, estes adeptos não se preocupavam como a equipa jogava, mas sim com a experiência de grupo¹⁹¹.

¹⁸⁶ SCOLA, 2019: 38-39.

¹⁸⁷ Idem, *ibidem*, pp. 39-40.

¹⁸⁸ SEIFRED e MEYER, 2010: 69.

¹⁸⁹ HAHM e MATSUOKA, 2021: 4-5.

¹⁹⁰ SCOLA, 2019: 40-41.

¹⁹¹ Idem, *ibidem*, p.41.

É possível observar a presença da nostalgia no desporto também na construção das infraestruturas desportivas, como na construção de estátuas, por exemplo. Para além disso, também nas estratégias de *marketing* desportivo é possível verificar a nostalgia, onde é muito frequente utilizar esta estratégia para atrair as pessoas. Isto porque é possível fazer uma reconexão dos adeptos com o passado, com as suas memórias, por exemplo, com as equipas das décadas de cinquenta a setenta, que apesar de estarem presentes muitas vezes na memória viva, já se encontram suficientemente afastadas para ser possível evocar memórias nostálgicas¹⁹².

A nostalgia pode estar associada aos dois tipos de experiência da memória, no entanto, está mais associada à experiência direta referindo-se à admiração pelos clubes, jogadores, aos sons, aos cheiros. Quando a nostalgia está associada à experiência indireta falamos de memórias positivas de socialização, tanto nos atletas como no grupo que assiste ao evento desportivo¹⁹³.

Apesar de tudo é necessário ter algum cuidado com a nostalgia, para evitar passar uma imagem demasiado romântica do passado¹⁹⁴. Para além disso, a ligação da nostalgia com o desporto é criticada porque pode limitar a valorização de um passado glorioso e idealizado¹⁹⁵.

A memória desportiva e a nostalgia, podem ter algumas funções sociais, por exemplo, em Inglaterra o críquete transmite valores de paz e de harmonia, sem lutas sociais ou políticas, desmontando as ideias de desporto como algo complexo e codificado¹⁹⁶, outro exemplo, é no Brasil, no Rio Grande, onde através de testemunhos orais é perceptível a importância do desporto na sociedade. Aqui não são referidas as conquistas dos clubes, mas assiste-se a uma apropriação do basquetebol pela memória das pessoas¹⁹⁷.

¹⁹² Idem, *ibidem*, p.41.

¹⁹³ FRAGOSO, 2018: 30.

¹⁹⁴ RAMSHAW e GAMMON, 2005: 237-239.

¹⁹⁵ FRAGOSO, 2018: 30.

¹⁹⁶ RAMSHAW, 2006: 2.

¹⁹⁷ SILVEIRA, FRANÇA e SILVEIRA, 2011: 3.

1.6: Coleccionismo

Ao refletirmos sobre a patrimonialização das coleções, deparamo-nos também com as práticas de recolha, consumo, coleccionismo e descarte, sendo os objetos de coleção comumente referenciados nas práticas e teorias de patrimoniais, nomeadamente o seu valor simbólico e a afirmação identitária do colecionador¹⁹⁸. Os objetos de coleção podem assim ser considerados como uma representação dos seus colecionadores, uma vez que estes lhes atribuem valores e ressignificações num mundo privado¹⁹⁹. Por sua vez, as coleções adquirem carácter de preciosidade, cuidado físico em relação à sua acumulação e armazenamento, bem como grande importância na sua exposição ao olhar: *«Uma coleção, isto é, qualquer conjunto de objetos naturais ou artificiais, mantidos temporariamente ou definitivamente fora do circuito das atividades económicas, sujeitos a uma proteção especial num local fechado preparado para esse fim, e exposto ao olhar do público»*²⁰⁰.

Adotamos nesta dissertação, os princípios de Maciel²⁰¹ que considera estar a coleção regida por princípios mais espaciais que temporais, podendo se circunscrever à caixa, ao álbum, ao armário e à serialidade das gavetas, num jogo de dentro e fora, exposição e ocultamento.

McIntosh e Schmeichel²⁰² sugerem a existência de 8 etapas no processo de colecionar:

1. Formação de objetivos (decisão de colecionar algo)
2. Recolha de Informação (tornar-se conhecedor)
3. Planeamento
4. Procura (para encontrar o objeto pretendido)
5. Aquisição
6. Pós-aquisição (auto-validação através da identificação com o objeto)
7. Manipulação/exibição/catalogação

¹⁹⁸ COSTA, 2012.

¹⁹⁹ BAUDRILLARD, 2004: 94.

²⁰⁰ POMIAN, 1984: 53.

²⁰¹ MACIEL, 2009: 27

²⁰² McINTOSH e SCHMEICHEL, 2004.

8. Retorno à etapa 1 e 3

Ruth Formanek²⁰³ analisou as respostas de vários colecionadores para tentar entender as suas motivações, elencando cinco razões:

- (1) para si mesmo;
- (2) para os outros;
- (3) como preservação, restauração, continuidade da história;
- (4) como investimento financeiro
- (5) como vício

Susan Pearce²⁰⁴ analisa as coleções em museus, classificando-as em três tipos diferentes:

- (1) como lembranças – coleções de memórias/recordações em que o objeto carrega em si mesmo o passado vivido
- (2) como objetos de fetiche – caracterizada pela presença de objetos repetidos
- (3) como sistemática – coleções caracterizadas por um sistema de classificação.

Uma vez descartados, esses objetos continuam carregados de informações sobre os colecionadores, evidenciando hábitos individuais e tendências sociais.²⁰⁵

Nesta dissertação para ser analisadas as coleções dos clubes, e a forma como estes tratam o seu espólio, vai ser utilizada para os dois estudos de caso um esquema de pontuação de quatro elementos desenvolvido por Charlotte Lee e Claran Trace²⁰⁶.

A tabela 5 representa o esquema de pontuação que as autoras utilizam para analisar as variáveis:

²⁰³ FORMANEK, 2005, p.327. Para esta autora, o ato de colecionar está ligado à preservação, restauração, história e um senso de continuidade, um modo de preservar e transmitir a história pessoal. transmitir o aprendizado por meio dos itens

²⁰⁴ PEARCE, 2005, p. 194.

²⁰⁵ COSTA, 2012

²⁰⁶ LEE e TRACE, 2009: 630.

	Interação com o Público Leigo	Interação com o Público Colegial	Raridade do Objeto	Interesse na produção de conhecimento
1 Ponto	Muito pouca	Muito pouca	Muito pouco esforço na aquisição de objetos raros	Muito pouco interesse em produzir conhecimento
2 Pontos	Alguma interação	Alguma interação	Algum esforço na aquisição de objetos	Algum interesse em adquirir conhecimento
3 Pontos	Interação muito significativa	Interação muito significativa	Muito esforço	Muito esforço na procura por estes objetos

Tabela 5 - Esquema de pontuação desenvolvido por Charlotte Lee e Claran Trace²⁰⁷

Este método vai ser adaptado um pouco às circunstâncias desta dissertação. Assim, quanto ao primeiro elemento, a interação com o público leigo, esta análise é referente à interação com os adeptos do clube. No segundo elemento, a interação com o público colegial, vai ser analisado a interação com a restante comunidade, instituições do património desportivo²⁰⁸.

No elemento 3, a raridade do objeto, é relativa à quantidade de objetos na coleção que são raros, por fim, o elemento 4, o interesse na produção de conhecimento é relativo a este interesse que a sua coleção seja útil na criação de novos dados para a área do património desportivo em Portugal²⁰⁹.

²⁰⁷ Idem, *Ibidem*, p.630.

²⁰⁸ Idem, *Ibidem*, pp.626-627.

²⁰⁹ Idem, *Ibidem*, pp.627-628.

2: Metodologia

Esta dissertação começa com uma revisão da literatura dos conceitos mais importantes a ser abordados ao longo da investigação, verificando o estado da arte dos autores mais importantes da área. Nesta secção foram selecionados os conceitos de património, património desportivo e de memória desportiva.

Para obter os resultados pretendidos na investigação foi utilizada a metodologia de estudo de caso, nomeadamente os cases de dois clubes desportivos, o CD Mafra e o Torreense.

Os estudos de caso são um método que tem verificado algum incremento na sua utilização e um aumentar da sua reputação, estes investigam um fenómeno contemporâneo dentro do contexto de vida real, tendo em conta várias fontes de evidência.

Esta metodologia é utilizada por várias disciplinas e a sua vantagem é a sua aplicabilidade a situações humanas, contextos da vida real, tendo como objetivo ter um maior controlo sobre o todo, para poder existir uma maior compreensão do fenómeno na globalidade²¹⁰. Utilizados para eventos contemporâneos, os estudos de caso contribuem para uma compreensão de fenómenos individuais, organizações, sociais e políticas, permitindo conservar as características holísticas e significativas²¹¹.

Uma vantagem dos estudos de caso é que acrescenta duas fontes raramente são utilizadas por certos investigadores, como os historiadores, ou seja, a observação direta e a série sistemática de entrevistas²¹².

Para a recolha dos dados dos estudos de caso geralmente são usadas duas técnicas, a observação e entrevistas – usadas nesta investigação -, mas também podem ser utilizadas outras técnicas como os questionários e a análise de documentos.

Nesta dissertação, foram analisados dois estudos de caso, na medida em que se considerou ser o melhor método para se obter um quadro comparativo entre dois clubes da mesma dimensão, mas com situações patrimoniais bastante diferentes.

²¹⁰ MERINHOS e OSÓRIO, 2010: 52-53.

²¹¹ YIN, 2001: 21.

²¹² Idem, *ibidem*, p. 27.

No que diz respeito à escolha dos clubes, ficou estabelecido que seria pertinente escolher dois clubes que tivessem visões patrimoniais bastante distintas, ou seja, um que tivesse já algum trabalho na área do património, e outro que provavelmente não teria nenhum ou praticamente nenhum trabalho na área.

Devido ao contexto pandémico que se viveu, ficou decidido que seria pertinente que os dois clubes fossem da zona de Lisboa e arredores, para uma maior facilidade de deslocação. Nesse sentido, foram selecionados como possíveis escolhas, os seguintes clubes: Belenenses; Estrela da Amadora; Torreense; Mafra; Estoril-Praia; e Atlético Clube de Portugal.

Após alguma discussão e algum levantamento de como trabalhavam o seu património, ficaram selecionados os clubes de Mafra e Torreense, dupla interessante por terem entre si uma rivalidade histórica, e apesar de não se situarem na mesma divisão²¹³, era o Torreense, o clube que tinha uma maior aposta no ramo do património desportivo.

Apesar de serem estes os dois estudos de caso, todos clubes referidos serão alvo de um pequeno estudo sobre como trabalham o seu património, para existir uma comparação entre os dois clubes em estudo e os restantes clubes, sendo todos da mesma zona geográfica. No entanto, não será uma investigação muito profunda a estes outros casos, que merecerão outra atenção no futuro.

Numa fase inicial foram contactados os dois clubes que representam os estudos de caso desta dissertação, por correio eletrónico a solicitar uma visita às instalações e uma entrevista a algum responsável que pudesse responder às questões colocadas, tendo sido obtido as seguintes respostas:

- **CD Mafra:** Foi realizado o primeiro contacto por *email*, a 25/01/2022²¹⁴, e depois de contacto telefónico foi obtida resposta a 26/04/2022, com a informação que não haveria nenhuma pessoa disponível para responder às questões colocadas. Nesse sentido, houve uma visita às instalações do clube no dia 18/04/2022, sem que esta fosse guiada;
- **Torreense:** O primeiro contacto foi efetuado a 25/01/2022 por *email*, que foi respondido no próprio dia, pelo diretor geral do clube, que encaminhou para o

²¹³ À data do início da presente investigação só tinham uma divisão de diferença. O Torreense encontrava-se uma divisão abaixo do CD Mafra.

²¹⁴ Anexo 16.

museu do clube. No dia 15 de fevereiro de 2022, foi realizada a entrevista à museóloga do clube, bem como visitada as instalações museológicas e a sua reserva do Torreense, visitas acompanhadas pela museóloga do SCUT.

- Foram realizadas entrevistas a três adeptos de cada clube, as perguntas foram as mesmas para uma procura de diferenças entre os clubes. A escolha dos adeptos tentou seguir critérios de faixas etárias, ou seja, um adepto até aos 25 anos outro até aos 40 anos e outro adepto com mais de 40 anos;
- Foi ainda solicitada a consulta da plataforma *Collector Sytems*²¹⁵, onde está realizado um inventário do espólio do museu do Torreense, com base nesta consulta foi realizado uma caracterização dos objetos que compõe o património exposto do clube.

Para além das entrevistas e das visitas às instalações dos clubes em estudo, foram pedidas outras entrevistas para esta investigação a pessoas ou entidades consideradas relevantes para a dissertação e visitadas outras instalações:

- Entrevista a uma técnica do organismo responsável pelo património em Portugal²¹⁶, solicitada a 2/04/2022 e realizada no dia 7/04/2022, por ser uma referência nacional nas áreas emergentes do património desportivo. Esta entrevista ajudou a constituir a problemática da investigação, recolhendo informações sobre os principais atores do património desportivo em Portugal e sobre a urgência no seu reconhecimento enquanto parte integrante dos novos patrimónios. Identificou problemas, como a inexistência de um inventário do património desportivo nacional. A nível de classificação só existe a relativa ao património arquitetónico classificado, mas nada existe ainda a nível do património móvel. Refere parecer existir nesta tipologia patrimonial uma contradição, na qual o património desportivo ainda procura um reconhecimento oficial, mas, no entanto, outras gerações já começaram a cuidar da identidade patrimonial do desporto pela forte ligação emocional às pessoas.
- Foi realizada uma visita ao Museu Nacional do Desporto a 14/04/2022, foi realizada uma conversa com uma pessoa do museu que já realizou

²¹⁵ <https://www.torreense.com/pt/colecao-online>

²¹⁶ Oradora de uma palestra sobre o tema “Património do desporto: desafios à sua salvaguarda”, das jornadas “O Património Desportivo em Portugal”, realizada a 18 de abril de 2016.

investigação na área, mas esta não autorizou a transcrição da entrevista na dissertação;

- Foi contactada a Federação Portuguesa de Futebol a 21/05/2022, para um esclarecimento sobre a estratégia e investimentos que estão a desenvolver na área, no entanto, a resposta foi que não havia ninguém que pudesse responder às questões sobre o tema²¹⁷;
- Solicitação de entrevista ao jogador do Real Madrid Marcelo no dia 10/05/2022²¹⁸, por ter recentemente realizado um investimento no Mafra, e assim tentar perceber se previa algum investimento na área do património desportivo no futuro, no entanto, não se registou nenhuma resposta;
- Foi contactada a DGPC para uma entrevista com alguém que trabalhasse na área a 29/03/2022²¹⁹, no entanto, a resposta foi que não havia ninguém especializado na área;
- Foi ainda solicitado envio de informação de uma conferência internacional realizada a 26/10/2018, organizado pelo Futebol Clube do Porto sobre Património Desportivo²²⁰, no entanto, não foi obtida nenhuma resposta;
- Foi solicitada uma entrevista à Comissão de Cultura, Comunicação, Juventude e Desporto (12.^a Comissão) no dia 12/07/2022, que respondeu no dia 21/07/2022 para serem enviadas as questões por correio eletrónico, visto que iam entrar de férias, no entanto, não foi obtida resposta às mesmas²²¹;

²¹⁷ Anexo 13.

²¹⁸ Anexo 15.

²¹⁹ Anexo 14.

²²⁰ Numa organização do Museu FC Porto, no seu quinto aniversário, em parceria com a 20|21 - Conservação e Restauro, a conferência internacional "Sports Heritage Collection" reuniu representantes da Universidade Católica, dos museus nacionais de futebol da Alemanha e de Inglaterra, do FC Barcelona e do Liverpool FC, entre outros, para analisar e discutir temáticas ligadas à História e que vão desde o estudo das coleções à partilha da memória, debatendo o presente e futuro. Oradores e especialistas de várias instituições museológicas, académicas e desportivas portuguesas e estrangeiras debateram em outubro de 2018, a importância do património desportivo, o seu estudo e divulgação da memória comum. O Museu FC Porto é membro da Organização Mundial de Turismo das Nações Unidas (UNTWO), da Associação Portuguesa de Museologia (APOM) e do Conselho Internacional de Museus (ICOM) <https://www.porto.pt/pt/noticia/especialistas-nacionais-e-estrangeiros-debatem-no-porto-a-importancia-do-patrimonio-desportivo> A conferência foi aberta por Mafalda Magalhães, diretora operacional do Museu FC Porto, que salientou o carácter pioneiro da iniciativa e expressou o desejo de que este tenha sido o primeiro de muitos momentos de transferência de conhecimento entre organizações de todo o mundo que têm interesses comuns. <https://www.fcporto.pt/pt/noticias/20181026-pt-patrimonios-partilhados-no-museu-fc-porto>

²²¹ Anexo 18.

- Foram ainda entrevistados três adeptos de cada clube, de diferentes idades. De forma, a manter o anonimato dos entrevistados, cada um foi nomeado por letras (da letra A à letra C).

Estas entrevistas foram previamente preparadas com a definição de um guião com as questões a serem colocadas aos entrevistados²²². Em alguns casos, foi solicitado o envio prévio dos guiões pelos entrevistados.

²²² Guiões de entrevistas apresentados nos anexos 1, 4, 6 e 19.

3: Património Desportivo em Portugal

A investigação sobre património desportivo em Portugal ainda se encontra em desenvolvimento, apesar de ser uma área patrimonial ligada muito às pessoas e às comunidades. Ao longo dos últimos anos, tem existido alguma evolução, no entanto devido à falta de consciência patrimonial ao longo do tempo, foi se perdendo muitas coisas.

O desenvolvimento da área da valorização cultural do património desportivo em Portugal aconteceu na transição do século XIX para o século XX, quando algumas instituições desportivas começaram a reunir coleções de objetos frutos da prática desportiva. Numa primeira fase, reunindo em vitrines, e numa segunda fase alargando a visitas para públicos mais alargados²²³.

É possível constatar o facto de existir ainda um longo percurso a fazer nesta área com o facto de a principal entidade do património em Portugal, a DGPC, não tem nenhum técnico especializado na área, e após contacto remeterem para um inventário onde contém uma “pequena amostragem do património desportivo em Portugal”²²⁴.

A patrimonialização do desporto é essencial na vida do clube até pela manutenção e afirmação da sua própria identidade. O adepto C entrevistado do Torreense, salientou isso mesmo na entrevista que concedeu no âmbito desta investigação: «(...) Cada clube tem uma história, uma identidade, que quando não é reconhecida pelos sócios ou deixa de ser importante por parte dos sócios vai-se desaparecendo.»²²⁵.

No entanto, não existe nenhum inventário a nível nacional completo sobre esta tipologia patrimonial, um problema que muitas pessoas da área se queixam, considerando que isto seria um passo fundamental nesta área, para assim ser possível perceber o que se poderia classificar ou não.

Em Portugal, o primeiro sinal estratégico para o património desportivo português, é dado pela Assembleia da República, ao aprovar, por unanimidade, o Projeto de Resolução n.º 409/XIII/1ª em 2017 em que recomendava ao Governo uma definição de uma estratégia de responsabilidade do Estado para a gestão do património desportivo

²²³ FELIPE, e outros, 2018: 144.

²²⁴ Resposta ao email enviado à DGPC, a 29/03/2022.

²²⁵ Anexo 12.

português²²⁶. No debate de apreciação ao projeto de resolução, o PSD argumentava a importância da aprovação deste projeto de resolução: «*Não podemos olhar para o património como simples objetos ou coisas, todos nós reconhecemos a relevância que o património desportivo representa na construção da identidade e da pertença de muitas comunidades como fator de integração de inclusão social (...). As associações desportivas são verdadeiros polos agregadores que por si só representam um património material e imaterial incomensurável.*»²²⁷.

Na sua resposta, o Partido Socialista (PS) concordava que esta tipologia patrimonial é uma parte importante da vida e da história das sociedades, e como é dever do estado proteger e valorizar o património, é entendimento do partido que o património desportivo não fuja à regra. Entende o PS que devia ser feita uma grande aposta na preservação do Património Desportivo, e por se tratar de uma tipologia patrimonial com uma dimensão e valor incalculável seria impossível a tarefa ser concretizada por só uma entidade²²⁸.

Nesse sentido, os dois principais partidos da Assembleia da República Portuguesa estavam de acordo na necessidade de serem instauradas medidas no sentido da preservação do património desportivo português.

Em março de 2017, foi publicado em Diário da República, esta resolução em que se recomendava igualmente que houvesse uma submissão no decorrer do primeiro trimestre de 2017, das orientações estratégicas e medidas concretas da responsabilidade do estado na gestão patrimonial portuguesa desportiva. Para isso, deveria haver uma grande discussão pública entre a Assembleia da República e diversas entidades, nomeadamente, a DGPC; o Museu Nacional do Desporto; o Comité Olímpico de Portugal; o Comité Paralímpico de Portugal; a Confederação do Desporto de Portugal; a Confederação Portuguesa das Coletividades de Cultura, Recreio e Desporto; o Conselho de Reitores das Universidades Portuguesas; o Conselho Coordenador dos Institutos

²²⁶ O Programa do XVII Governo Constitucional, apresentava “Uma visão de serviço público do desporto”, a acolher na definição dos valores centrais da política desportiva em Portugal em cooperação com os cidadãos, a sociedade e com todos os agentes desportivos. No ponto 3 do Cap. IV “Modernizar e melhorar a qualidade do desporto português”, o Governo propunha-se desenvolver um Programa Nacional Integrado de Infraestruturas Desportivas que favorecesse um maior acesso dos cidadãos às instalações desportivas.

²²⁷ Diário da Assembleia da República, Reunião Plenária de 16 de fevereiro de 2017: 37

²²⁸ Idem, *Ibidem*, pp. 38-39.

Superiores Politécnicos; a Academia Militar; a Associação Nacional de Municípios Portugueses; e a Associação Nacional de Freguesias²²⁹.

No seguimento desta resolução, surgiu em julho de 2018 uma estratégia da Associação Nacional de Municípios Portugueses de responsabilidade do estado para a gestão do património desportivo português, com um pedido de colaboração do Instituto Português do Desporto e da Juventude (IPDJ). No entanto, parece não ter havido um grande seguimento às ideias propostas neste projeto de lei.

Esta estratégia previa que o Museu Nacional do Desporto estivesse a implementar projetos com o objetivo de promover a importância do património desportivo nacional, com a criação do centro de interpretação do Jamor; um lugar de exposição permanente; e a recolha, depósito, tratamento e divulgação das coleções privadas que foram doadas ou estivessem em depósito neste Museu²³⁰.

Neste documento, é mais uma vez realçada a dimensão do espólio que o património desportivo tem em Portugal, tornando impossível uma só organização realizar o levantamento do que já existe, e por isso é sugerido a parceria estratégica com a DGPC²³¹.

O Centro de interpretação do Jamor²³², uma iniciativa do Instituto Português do Desporto e da Juventude, I.P., através do seu Museu Nacional do Desporto foi inaugurado em 17 de dezembro de 2019, visando contar a história do maior e mais antigo complexo desportivo nacional ao longo de 75 anos, nas suas diferentes vertentes: desportiva, social, cultural, ambiental e paisagística. Este Centro Interpretativo integra 4 núcleos principais e 1 de exposição temporária: 1. O Vale do Jamor: a transformação da paisagem: descrição de todo o espaço e envolvência antes de se tornar o CDNJ; 2. Património Edificado: a transformação do espaço, as Infraestruturas anteriores e as atuais existentes no CDNJ; 3. Espaço Emoções: do lazer à competição: destaque numa linha temporal dos grandes momentos e acontecimentos realizados no CDNJ; 4. Núcleo Biodiversidade: apresenta a importância da Mata do Jamor, atendendo à riqueza da fauna e da flora que a integra e o Espaço de exposições temporárias.

²²⁹ Diário da República, 2017: 1640.

²³⁰ Associação Nacional de Municípios Portugueses, 2018: 1.

²³¹ Idem, *Ibidem*, p.2.

²³² <https://jamor.ipdj.pt/index.php?lang=pt&s=noticias&id=978&title=INTERPRETIVE+CENTER+OF+JAMOR>

Numa reunião em 2018, entre a DGPC e o IPDJ, ficou acordada uma proposta para definir um plano de ação, tendo como pilares quatro atividades (com exemplos de algumas sugestões para cada pilar²³³):

- *Inventário do património desportivo*: seria feito em três fases, primeiro o levantamento do património imóvel arquitetónico; depois o património movel, e por fim a recolha de dados e testemunhos (património imaterial). Seria necessário a aplicação de uma plataforma eletrónica para este efeito, sendo que a participação neste levantamento seria voluntária, não só de pessoas individuais, mas também de coletividades, e o Museu Nacional do Desporto tornar-se-ia o depósito legal desta tipologia patrimonial.
- *Classificação e estudo*: A DGPC ficaria responsável pela análise e classificação das fichas de levantamento que estavam disponíveis na plataforma online da DGPC, e continuidade na aposta no apoio à produção de conhecimento na área desportiva:
- *Preservação*: da parceria do IPDJ com a DGPC onde seria realizado um manual de implementação de um Plano de Preservação Museológica que seria dado a conhecer às instituições que possuíam espólio desta tipologia patrimonial.
- *Valorização e Divulgação*: Museu Nacional do Desporto e o Património desportivo português devem ser reconhecidas como estratégia do turismo português; criação de um acesso virtual ao museu.

Todos estes pilares tinham uma data programada para começar e terminar. O primeiro, o Inventário do património desportivo deveria começar o segundo semestre de 2018 e terminar no primeiro semestre de 2022; a classificação e estudo deveria começar no primeiro semestre de 2019 e terminar no segundo semestre de 2023, a conservação começar no primeiro semestre de 2020 e terminar no último semestre de 2023; por fim a valorização e divulgação deverá começar no primeiro semestre de 2018 e terminar no segundo semestre de 2023²³⁴. Tanto quanto nos é dado conhecer, nada tem sido feito.

A nível de classificação de bens patrimoniais em Portugal, na sua entrevista, a técnica do organismo responsável pelo património em Portugal esclarece: «*Já temos*

²³³ Associação Nacional de Municípios Portugueses, 2018, pp.3-5

²³⁴ Idem, *Ibidem*, p.2.

*património desportivo classificado se falarmos a nível exclusivo da arquitetura, nós não temos nada do património móvel relacionado com o património desportivo classificado, mas temos arquitetura».*²³⁵

Existem algumas infraestruturas portuguesas dedicadas à área patrimonial, nomeadamente, o Museu Nacional do Desporto²³⁶, o Centro Desportivo Nacional do Jamor²³⁷, e o Comité Olímpico de Portugal. A acrescentar a estes espaços temos os museus dos clubes, importantes vetores de dinamização do património desportivo português.

O Museu Nacional do Desporto contém testemunhos da história do desporto e o seu desenvolvimento, esta infraestrutura nasceu de um convite dirigido às federações desportivas de partilharem o seu património. O museu contém a Biblioteca Nacional do Desporto que continha em novembro de 2021 cerca de 60000 itens, onde está inseridas monografias modernas²³⁸.

O Centro Desportivo Nacional do Jamor, onde se inclui o Centro Interpretativo do Jamor, tem tentado a classificação patrimonial do espaço, mas sem sucesso²³⁹.

No que diz respeito ao Comité Olímpico de Portugal, este tem como missão “preservar a história e a memória do desporto em Portugal, nomeadamente no que diz respeito ao Movimento Olímpico”²⁴⁰. Nas suas infraestruturas destacam-se o seu arquivo histórico, onde é possível encontrar documentação com mais de cem anos. Com as parcerias estabelecidas conseguiram “tratamento de filmes, trajes olímpicos e materiais desportivos”²⁴¹. A diretora de estudos e projetos da instituição defende mesmo que: «*O legado patrimonial do desporto é uma parte da sua história. Protegê-lo e valorizá-lo é respeitar a memória desportiva de um país*»²⁴².

Nesse sentido, é possível verificar que esta é uma importante instituição em Portugal na preservação do património e da memória, pretendendo fomentar a

²³⁵ Anexo 2.

²³⁶ <https://ipdj.gov.pt/museu-nacional-do-desporto>

²³⁷ https://jamor.ipdj.pt/index.php?lang=pt&s=white&pid=139&title=jamor_interpretive_center_&ppid=1

²³⁸ <https://ipdj.gov.pt/museu-nacional-do-desporto>.

²³⁹ https://jamor.ipdj.pt/index.php?lang=pt&s=white&pid=139&title=jamor_interpretive_center_&ppid=1

²⁴⁰ NUNES, https://www.academia.edu/41160724/Pela_Salvaguarda_e_Prote%C3%A7%C3%A3o_do_Patrim%C3%B3nio_Desportivo

²⁴¹ Idem, *Ibidem*.

²⁴² Idem, *Ibidem*.

investigação e o conhecimento patrimonial, através de campanhas de sensibilização da comunidade.

Quanto ao maior órgão do futebol em Portugal, a Federação Portuguesa de Futebol, tem como um dos compromissos para 2020-2024²⁴³, na área da intervenção social “proteger e divulgar o património do futebol português”, que na escala apresentada (entre objetivos concluídos e objetivos a decorrer), encontra-se como “objetivo a decorrer”²⁴⁴.

Para além destas infraestruturas, existem outras situações interessantes no contexto do património desportivo português, nomeadamente, locais de preservação do património e da memória em que o tema é uma pessoa em particular, como é o caso do museu do Cristiano Ronaldo, do museu Joaquim Agostinho e da transladação dos restos mortais de Eusébio para o panteão nacional e os museus dos grandes clubes nacionais (Benfica, Sporting e Futebol Clube do Porto).

Trata-se de três das maiores figuras do desporto em Portugal, o museu do futebolista Cristiano Ronaldo situa-se na Madeira e foi inaugurado no ano de 2013. Este retrata a história de vida do jogador, com a sua coleção de troféus individuais e coletivos conquistados pelo próprio, fotografias e uma estátua de cera.

Quanto ao museu Joaquim Agostinho²⁴⁵, situado em Torres Vedras, foi inaugurado em 2021, tem uma vasta coleção, desde relógios, cinzeiros, fotografias, camisolas ou até jornais. Este espólio tem sido recolhido desde 2013, a partir de colecionadores particulares e o museu pretende atrair visitantes não só nacionais, mas também internacionais por amantes do ciclismo²⁴⁶.

O caso da transladação dos restos mortais de Eusébio para o panteão nacional, é um caso muito particular de preservação de memória²⁴⁷, tendo em conta que foi o primeiro e até hoje único desportista a conseguir tal feito, só doze outras personalidades

²⁴³ Foi solicitada uma entrevista à Federação Portuguesa de Futebol no dia 21/05/2022 por email, no entanto, não foi obtida resposta.

²⁴⁴ <https://www.fpf.pt/pt/Institucional/Compromissos/Compromissos-2020-2024/As-Nossas-Metas>.

²⁴⁵ <https://mcjoaquimagostinho.pt/>

²⁴⁶ <https://24.sapo.pt/desporto/artigos/museu-dedicado-ao-ciclista-joaquim-agostinho-abre-em-agosto-em-torres-vedras>

²⁴⁷ Tal como a lei 28/2000 de 29 de novembro diz “*As Honras do Panteão destinam-se a homenagear e a perpetuar a memória dos cidadãos portugueses (...)*”.

portuguesas o conseguiram. O seu corpo foi trasladado pouco mais de um ano após a sua morte.

Quanto ao Benfica, inaugurou o Museu Cosme Damião em 2013, reconhecendo «*que a preservação do seu acervo cultural representa um ato de proteção e definição de identidade do clube*»²⁴⁸, e uma forma de comunicação do acervo cultural do clube. O Museu está dividido em cinco áreas: departamento de reserva, conservação e restauro, centro de documentação e informação, curadoria, produção e serviço de mediação e educação.

O Museu do Sporting «*retrata a identidade e a memória do Sporting Clube de Portugal*»²⁴⁹, apresentando o espólio desde o seu ano de fundação, 1906. Existem dois complexos museológicos, um no seu estádio em Lisboa, e outro na cidade de Leiria, com base numa extensa coleção reunida por Bernardes Dinis²⁵⁰.

Por fim, nos clubes de maior dimensão, o Futebol Clube do Porto, inaugurado em 2013, tem como missão a preservação e divulgação do património material e imaterial que o clube tem. Pretende investigar, conservar e partilhar o seu espólio, tendo diversos valores como a identidade e a memória²⁵¹.

Entre os clubes menor dimensão salientamos o Casa Pia, Estrela da Amadora, o clube Futebol Os Belenenses, e o Atlético Clube de Portugal.

No caso do Casa Pia, vencedor da II Liga Portuguesa da época 2021/2022, fundado em 1920, tem no seu site uma descrição pormenorizada da sua história, com o seu palmarés e o seu historial. Possui a biblioteca-museu Luz Soriano, que é considerado o seu “principal troféu”²⁵², também editou uma série de livros sobre o clube, em 2000 parte desta biblioteca museu foi transferido para o centro cultural casapiano.

Podemos verificar que o Casa Pia se preocupou com a preservação da sua memória, quer através da biblioteca-museu, quer com a edição dos livros, quer ainda com um programa radiofónico, denominado “A voz do Casa Pia”, aos quais deve ser somada

²⁴⁸ <https://www.slbenfica.pt/pt-pt/instalacoes/museu-benfica/patrimonio-cultural>

²⁴⁹ <https://www.sporting.pt/pt/clube/museu-sporting/o-museu> .Criado a 31 de Agosto de 2004. O museu passou a chamar-se Museu Sporting após remodelação levada a cabo Ricardo Serrado e reinaugurado a 2 de julho de 2016.

²⁵⁰ <https://www.sporting.pt/pt/clube/museu/museu-de-leiria%20>

²⁵¹ <https://www.fcporto.pt/pt/museu/o-museu/missao-e-valores>

²⁵² <https://casapiaac.pt/clube/historia/>

a descrição da história do clube acompanhada por registos fotográficos de cada momento histórico do Casa Pia.

No caso do Estrela da Amadora, fundado em 1932, mas o clube passou por um período muito difícil quando foi declarado insolvente em 2009, tendo voltado em 2020 com junção com um outro clube. O seu património foi colocado à venda, no entanto, recuperou e atualmente possui o museu tricolor. Este museu gera periódicos e está presente em conferências. O museu pretende: «*Preservar e partilhar o património material e imaterial associado ao Clube de Futebol Estrela da Amadora.*»²⁵³. Para além disto, esta instituição museológica deseja ser diferenciadora no contacto com os sócios e adeptos, pois segundo estes não existe mais nenhum museu desportivo que seja pensado, construído e inaugurado pelos sócios: «*O projeto que aqui apresentamos caracteriza-se pela preocupação em saber que histórias os sócios querem ver e ouvir, e não impô-las unilateralmente.*»²⁵⁴.

O museu está atualmente a apostar no seu site online, uma vez que a maioria das suas secções se encontram a dizer “Brevemente”, apesar disso é possível observar quando que quando o site estiver finalizado, vai ser possível consultar referências às coleções presentes, à exposição permanente e temporárias, o arquivo, entre outros. Nesse sentido, é possível constatar que o clube da Amadora tem uma preocupação clara no sentido da preservação do património e da sua memória, sempre associada a uma ligação clara entre o museu e a sua massa associativa, ou seja, o público-alvo.

O clube futebol “Os Belenenses”, fundado em 1919, apresentam no seu site oficial uma breve descrição da sua história, acompanhada por uma descrição fotográfica. Possui um museu, o “Museu Manuel Bulhosa”, onde estão presentes cerca de dez mil troféus²⁵⁵.

A somar a isto, o clube Belenenses, tem os “Cadernos azuis” que é uma publicação que se iniciou em março de 2021 totalmente dedicado ao património do clube. Estes cadernos têm como objetivo partilhar com os interessados: «*(...) os troféus, peças de memória, imagens, ou recortes de imprensa que, pelo seu valor histórico e associativo, contribuem para a valorização do Belenenses (...)*»²⁵⁶. Estes “cadernos azuis” são de fácil acesso e consulta, bastado aceder ao site do clube que se encontram disponíveis em

²⁵³ <https://museutricolor.wixsite.com/website/atua%C3%A7%C3%A3o-e-vis%C3%A3o>

²⁵⁴ Idem, *Ibidem*.

²⁵⁵ <https://www.osbelenenses.com/clube/>

²⁵⁶ <https://www.osbelenenses.com/clube/museu-manuel-bulhosa/>

formato digital de forma gratuita. Estão disponíveis boletins desde março 2021 a outubro de 2021, sempre com a periodicidade de uma edição por mês.

Por fim, o Atlético Clube de Portugal fundado em 1942, está atualmente nas divisões distritais, apesar da sua grande história. O clube parece não ter nenhuma infraestrutura museológica, apresentando uma descrição histórica e um elenco do seu palmarés no seu site oficial²⁵⁷.

Tal como salientou a técnica do organismo responsável pelo património em Portugal, os meios de comunicação social também são um importante vetor de consciencialização e divulgação patrimonial. Nesse sentido, as seguintes tabelas (6 a 11) representam uma recolha efetuada dos programas de televisão dedicados à divulgação do património e das memórias do desporto na programação dos canais de desporto portugueses, entre os dias 17 e 21 de maio de 2022

Nome do programa	Breve Descrição	Frequência Semanal
O Meu clube	Conversas com protagonistas da história dos clubes mais pequenos do desporto nacional.	3
Sagrado Balneário	Conversa de 2 apresentadores (ambos lendas do futebol português) com uma pessoa histórica no futebol português, num balneário.	8
Máquina do Tempo	Entrevista a diversas personagens marcantes na história nacional.	2
Top Golos, formato “legends”	Recordação dos golos mais emblemáticos da história do desporto	1

Tabela 6 - Programas de partilha de património e de memórias do “Canal 11” entre 17 e 21 de maio de 2022

²⁵⁷ <https://www.atleticocp.pt/pt/historia>

Nome do programa	Breve Descrição	Frequência Semanal
LaLiga Talkin Football	Partilha de memórias de Antigos Jogadores.	5
UCL Jogos Clássicos	Jogos mais icónicos da Liga dos Campeões.	27
UCL Finals Archive	Finais da Liga dos campeões com entrevistas.	3

Tabela 7 - Programas de partilha de património e de memórias dos canais "Eleven Sports" entre 17 e 21 de maio de 2022.

Nome do programa	Breve Descrição	Frequência Semanal
Jogar em Casa	Regresso aos locais onde as lendas do futebol português começaram a jogar à bola.	7
OFF	Vídeos engraçados ao longo da história do desporto.	39
Black Power	Demonstra o contributo dos negros na história do desporto.	7
Lendas dos Mundiais	Melhores momentos dos campeonatos do mundo.	5
Memórias	Entrevistas a diversas personalidades do desporto.	2
Coleções de sonho	Novas coleções, apresentando o seu proprietário e a sua história.	2
Isto é Futebol	Tradições, histórias do futebol.	9
Quem é vivo sempre aparece	Descobre as velhas glórias e eventos marcantes.	1
Rivalidades	Mostra as principais rivalidades da história nacional.	5
Dream Teams	As melhores equipas da história.	7

Tabela 8 - Programas de partilha de património e de memórias no canal "Abola TV" entre 17 e 21 de maio de 2022.

Nome do programa	Breve Descrição	Frequência Semanal
Bar Sport Tv	Programa em que se juntam à mesa diversas personalidades do desporto e partilham memórias, histórias.	5
Report Tv	Reportagens sobre histórias do futebol português.	6

Tabela 9 - Programas de partilha de património e de memórias dos canais "SportTV" entre 17 e 21 de maio de 2022.

Nome do programa	Breve Descrição	Frequência Semanal
Protagonista	Histórias dos desportistas nacionais em entrevistas.	7
Património em Campo	Segmento que acontece antes dos jogos em que é partilhado alguma peça do espólio relativo ao adversário do Benfica no jogo.	Antes dos jogos do Benfica

Tabela 10 - Programas de partilha de património e de memórias do canal "BTV" entre 17 e 21 de maio de 2022.

Nome do programa	Breve Descrição	Frequência Semanal
12º Jogador: O Pátio dos Leões	Partilha de memórias dos adeptos.	5
Memória do Dia	Todos os dias é partilhado uma memória da história do sporting.	7
Momento 10A	Entrevistas a figuras do clube.	3

Tabela 11 - Programas de partilha de património e de memórias do canal "Sporting TV" entre 17 e 21 de maio de 2022.

É possível verificar que a grande maioria de programas dedicados a esta temática da partilha de património e de memórias incide sobre entrevistas a antigas glórias, e que todos os canais desportivos portugueses apostam (uns com maior intensidade do que outros) neste tipo de programas. Portanto, todos os interessados conseguem com alguma facilidade aceder a este tipo de programação.

No que diz respeito aos canais que estão sob domínio dos clubes (casos da BTV e da Sporting TV) é interessante verificar que não tem muitos programas dedicados à temática, e que os generalistas na sua maioria tem mais frequência semanal na transmissão deste tipo de programas.

Segundo a técnica do organismo responsável pelo património em Portugal ²⁵⁸, os aspetos materiais do património desportivo estão mais assegurados que os aspetos imateriais, nomeadamente a memória oral, porque: «*as pessoas vivem nos espaços, contribuem para a sua manutenção, e fazem parte do quotidiano.*»²⁵⁹.

Durante as entrevistas aos adeptos, todos os adeptos mencionaram que guardavam objetos que façam lembrar o clube. Na pergunta se guardavam estes objetos respondiam: que sim e enumeraram os objetos nomeadamente «*equipamento de guarda-redes*»²⁶⁰; «*Cachecóis, um bilhete*»²⁶¹; «*Bilhetes, fotografias, cascol antigo, camisolas, livros*»²⁶².

No entanto, quando foi questionado se guardavam estes objetos em locais especiais e por quanto tempo os guardariam, as respostas registadas também foram bastante semelhantes, ou seja, que não tinham um lugar especial para guardar e que nem tinham um tempo em específico, provavelmente seriam até se estragarem («*Até se estragarem, quando se estragarem vão para o lixo*»²⁶³; «*Guardo na gaveta, durante a vida*»²⁶⁴; «*Sinceramente na gaveta, sei onde estão e sei que estão guardados, guardarei até sobreviverem*»²⁶⁵).

Nesse sentido, é possível constatar que um aspeto marcante no património desportivo é o colecionismo. O desporto está muito associado a coleções privadas, as quais têm vindo a ganhar importância para as instituições desportivas, criando a necessidade do seu conhecimento e inventariação.

Quando se estuda o património desportivo, o colecionismo não deve ser esquecido, devido aos elevados colecionadores existentes, alargando as possibilidades da sua integração num inventário a nível nacional.

²⁵⁸ Anexo 2.

²⁵⁹ Anexo 2.

²⁶⁰ Anexo 10.

²⁶¹ Anexo 8.

²⁶² Anexo 12, adaptado.

²⁶³ Anexo 11.

²⁶⁴ Anexo 10, adaptado.

²⁶⁵ Anexo 9, adaptado.

Um dos exemplos de colecionismo no desporto é o lançamento das cadernetas de cromos, que costuma acontecer antes de qualquer grande competição de seleções de futebol ou antes de qualquer liga de futebol em Portugal. Por exemplo, olhando para o Campeonato do Mundo de futebol, existem cadernetas de cromos desde o mundial de 1970, e o facto de existirem desde então, comprova o facto de terem sucesso, se não, nunca teriam sobrevivido tantas décadas²⁶⁶. Um adepto ao comprar estas cadernetas de cromos está a entrar no jogo do campeonato do mundo, e tudo o que o envolve, construindo interações. Um exemplo disto é o facto de para se completar a caderneta é necessário trocar e comprar os cromos, que é a meta para qualquer colecionista²⁶⁷.

O exemplo das cadernetas de cromos torna-se mais interessante se verificarmos que uns anos depois da competição, a caderneta ganha um valor monetário, comercial e simbólico maior do que inicial, sendo mesmo negociado como um objeto histórico²⁶⁸.

A caderneta de cromos Mundial 2022, nas suas últimas páginas, recorda alguns dos acontecimentos mais marcantes da história da competição. Começa por retratar o museu da FIFA (Fédération Internationale de Football Association) e depois recorda todos os vencedores da competição, bem como objetos do jogo da final, nomeadamente, a bola do jogo e o bilhete do jogo²⁶⁹. Para além disso, relembra os records da competição. Neste sentido uma caderneta de cromos pode perpetuar a memória e divulgar parte do espólio de uma das maiores competições futebolísticas a nível mundial.

É possível constatar que a maioria dos amantes de desporto são colecionadores sem se aperceberem. É frequente todos guardarem algum objeto que os faça lembrar um acontecimento, ou até as frequentes cadernetas de cromos que muitos amantes recordam da sua infância.

Como já foi visto, o aparecimento da loja “*Sports – Colecionismo de Desporto*”, foi de facto um acontecimento importante na reunião de espólio resultante de colecionadores móveis. Esta loja formou-se em 2012, e tem o objetivo de os amantes do

²⁶⁶ CAMPOS e JACOB, 2018: 26.

²⁶⁷ Idem, *Ibidem*, p.25

²⁶⁸ Idem, *Ibidem*, p.26.

²⁶⁹ PANINI, 2022: 74 - 77.

desporto poderem adquirir objetos de coleção das muitas modalidades, esta loja contém um variado número de objetos²⁷⁰.

Com base na revisão da literatura e o conhecimento do que tem sido realizado a nível nacional, é possível realizar uma análise SWOT (*Strengths, Weaknesses, Opportunities, Threats*) ao património desportivo, com os seguintes resultados:

<p>Pontos Fortes:</p> <ul style="list-style-type: none">- Existência de um plano estratégico;- Elevado número de adeptos do desporto;- Presença no espaço mediático;- Interesse demonstrado pelo governo, e pelos principais partidos portugueses no tema;- Sensibilização regular da população	<p>Pontos Fracos:</p> <ul style="list-style-type: none">- Insuficiente investimento no património desportivo- Generalizada ausência de estratégias patrimoniais e consciência patrimonial a nível dos clubes;- Pouca existência de estudos na área nas Ciências Sociais.;- Inexistência de uma verba orçamental específica;- Conceitos desatualizados de património, memória e museu;- A não existência de equipas especializadas na área
<p>Oportunidades:</p> <ul style="list-style-type: none">- Atração de novos adeptos para o património cultural;- Reforço da Identidade desportiva nos clubes;- Reforço do turismo desportivo;- Urgência no reconhecimento nesta tipologia patrimonial a nível internacional;- A criação do inventário pode contar com agentes da comunidade e adeptos.- Projetos de ciência cidadã.- Aplicação de uma pequena taxa sobre os bilhetes de entrada nos estádios de futebol;- Envolvimento da comunidade desportiva e adeptos;- Protocolos de colaboração;- Património integrado móvel.	<p>Ameaças:</p> <ul style="list-style-type: none">- Perda de Identidade Clubística;- Perda ou degradação do espólio;- Perda da memória clubística.

Figura 2 - Análise SWOT ao Património desportivo português

²⁷⁰ «cadernetas, cromos, mascotes, galhardetes, pin's, postais, emblemas de farpela e de radiador, cachecóis, camisolas, fotos, jornais, revistas, objetos, livros, cartões de sócio de clubes, bilhetes, papelada, cartazes de eventos, medalhas, condecorações, programas de jogos, tudo o que se usava para a prática dos desportos para decoração, curiosidades, etc», vide <https://coleccionismodedesporto.webnode.pt/?fbclid=IwAR0qsE-siuuQDQMULrxPn7Ls8F86RLWi4oIJCQX77So7-gprp8UFbL9yRCg>.

4: Património de pequenos clubes: os estudos de caso – Mafra e Torreense

4.1: Clube Desportivo de Mafra

O Clube Desportivo de Mafra foi oficialmente fundado a 24 de maio de 1965, embora já existisse um clube desde 1940 com o mesmo nome e o mesmo emblema, que acabou por desaparecer. No ano de 1964, Artur Vicente e Manuel Coelho após várias reuniões na Rua Moreira, fundam o clube.

O concelho de Mafra, onde se situa o clube, possui 86523 habitantes, segundo os censos 2021, tendo sido dos concelhos que registaram um maior crescimento a nível nacional neste âmbito. Situa-se na zona Oeste de Portugal, pertencendo ainda à zona da Grande Lisboa. Para além do futebol, o clube também tem algumas modalidades desportivas como o andebol, o atletismo e o hóquei em patins

A nível de comunicação o clube tem o seu site oficial, e redes sociais, nomeadamente, *Facebook, Instagram, Twitter e Youtube*²⁷¹. Ocasionalmente, o clube partilha alguma memória, como a celebração de um aniversário de uma conquista do clube.

A sua direção é presidida por José Cristo há quase trinta anos, e é por isso considerado um ícone pelos sócios e simpatizantes do clube. Atualmente, o CD Mafra utiliza o estádio municipal com capacidade para 1250 espetadores²⁷², pois o seu estádio não reúne as condições mínimas necessárias para um clube de II Liga portuguesa.

No seu palmarés, o Mafra ganha o seu primeiro título na época de 1970/1971, a 3ª divisão da Associação de Futebol de Lisboa. Em 1994/95, consegue a primeira subida à 2ª divisão nacional, tendo em 2001/02 conseguido o primeiro grande título da sua história, a 3ª divisão nacional.

Nos últimos vinte anos, existe uma estabilização e entre as épocas de 2002/03 e 2014/15 esteve presente na denominada II Divisão nacional ou Campeonato Nacional de Seniores. Em 2015, o Mafra consegue o feito de subir pela primeira vez à 2ª Liga (aos campeonatos profissionais), embora no ano seguinte descresse, e em 2018 voltado a subir onde está até ao dia de hoje.

²⁷¹ A rede social com mais seguidores é o *Facebook* com mais de 25 mil seguidores no final de setembro de 2022.

²⁷² Anexo 17A.

É na época 2021/2022 que o clube atinge o expoente máximo a nível de competições do clube, com o alcançar de forma surpreendente as meias-finais da taça de Portugal. A tabela número 12 faz um levantamento do palmarés mais relevante da história do clube.











Competição	Conquistas
Campeão da III Divisão da A. F. Lisboa	
Campeão Juniores A. F. Lisboa	
Campeão da II Divisão A. F. Lisboa	
Vencedor Taça A. F. Lisboa	
Campeão Nacional da III Divisão	
Campeão da II Divisão juvenis A. F. Lisboa	
Campeão da Zona Sul da Liga Intercalar	
Campeão Nacional Sénior	 
Campeão da II Divisão A. F. Lisboa Juniores A	

Tabela 12 - Palmarés mais relevante do CD Mafra²⁷³

Legenda -  - Competição conquistada uma vez

O Clube Desportivo de Mafra, tendo em conta as evidências que foram possíveis apurar, não tem uma estratégia patrimonial²⁷⁴.

Verificando o site do clube é possível constatar uma breve descrição histórica, bem como o elencar do seu palmarés. No que diz respeito às redes sociais, importante vetor de comunicação dos clubes com os seus adeptos, podemos constatar muito pontualmente alguma divulgação do seu património com a recordação de algumas conquistas do clube em determinado dia²⁷⁵.

²⁷³ <https://www.cdmafra.com/pt/palmares>

²⁷⁴ O que ficou patente nos contactos estabelecidos com o clube. Perante um conjunto de questões, o clube respondeu que não tinha nenhuma pessoa habilitada de responder às questões apresentadas.

²⁷⁵ <https://www.cdmafra.com/pt/um-clube-com-historia>

Ao visitar as instalações do clube, foi possível perceber que o clube guarda algumas memórias, nomeadamente, taças e galhardetes na secretaria do clube, embora sem nenhum contexto histórico ou curadoria.

É possível com base nesta visita às instalações do clube, realizar uma caracterização do espólio do clube, embora esta possa estar incompleta com a muita falta de informação que existe. Nesse sentido, a tabela 13, com base nas tipologias apresentadas na revisão da literatura, caracteriza o espólio do CD Mafra que foi possível visualizar:

Autor	Caraterização do espólio do clube
Tipologias de Christian Bromberger	<ul style="list-style-type: none"> • Edifícios desportivos - Estádio; • Arquivos audiovisuais; - fotos • Objetos e gestos emblemáticos - Equipamentos e troféus.
Tipologias de Greg Ramshaw e Sean Gammon	<ul style="list-style-type: none"> • Tangível Imóvel - Estádio; • Tangível Móvel - Troféus; • Bens e Serviços - Equipamentos
Tipologias de Anne Stroobant	<ul style="list-style-type: none"> • Património desportivo edificado - Estádio • Património Móvel - Troféus, etc.

Tabela 13 - Caraterização do espólio do CD Mafra nas diversas tipologias dos autores citados

No que diz respeito à tipologia de Christian Bromberger²⁷⁶ podemos encontrar no espólio edifícios desportivos, nomeadamente o seu estádio; arquivos audiovisuais com as fotos, é possível ver que a história do clube no seu site está documentada com fotos; e objetos e gestos emblemáticas onde podemos constatar equipamentos de jogos importantes e uma variada coleção de estátuas que representam conquistas do clube ao longo da sua história.

²⁷⁶ BROMBERGER, https://www.academia.edu/32056341/Christian_Bromberger_Questce_que_le_patrimoine_sportif,

Quanto à tipologia de Greg Ramshaw e Sean Gammon,²⁷⁷ é possível verificar a presença do património imóvel com o estádio do clube; património tangível móvel com os troféus do clube; e por fim os bens e os serviços, ou seja, os equipamentos desportivos.

Na tipologia de Anne Stroobant é possível constatar a presença do património desportivo edificado com o estádio, e a presença na sua grande maioria de património móvel como é exemplo os troféus²⁷⁸.

Verificando o método de pontuação de Charlotte Lee e de Claran Trace, explicado no subcapítulo do colecionismo da presente dissertação, a pontuação a atribuir ficaria assim, tal como é apresentado na Figura 4:

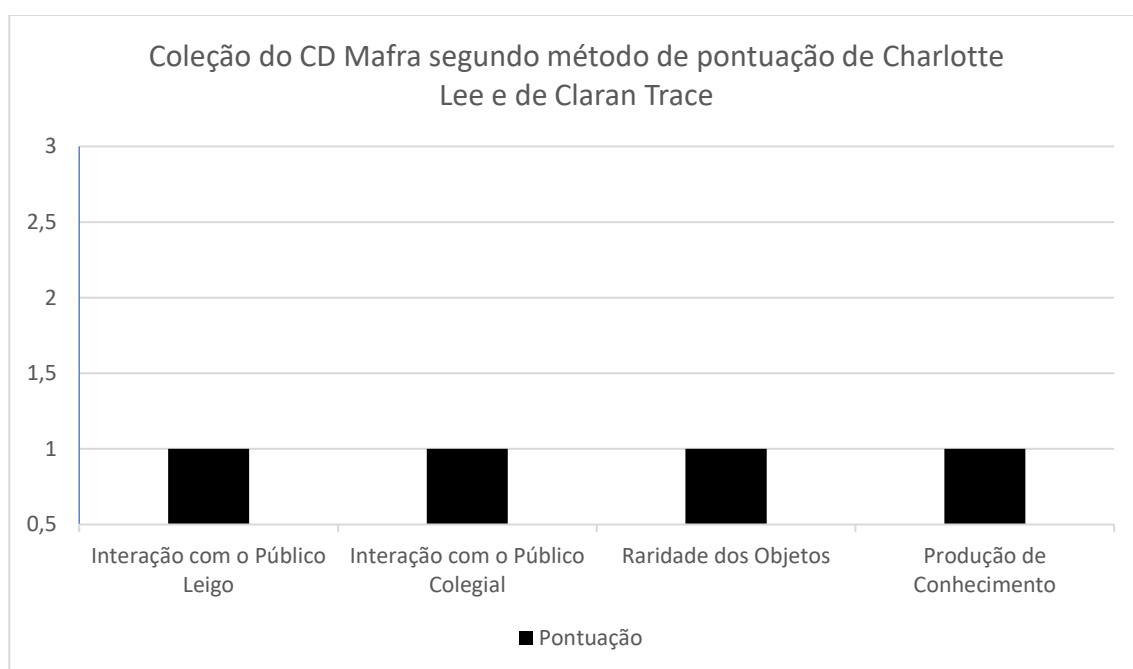


Figura 3 - Sistema de Pontuação para a Coleção do Mafra

O clube de Mafra regista pouca ou nenhuma interação com os seus adeptos, as escassas vezes em que acontece são partilhas nas redes sociais a celebrar o aniversário de alguma conquista do clube. Também a interação com o público colegial, ao que foi possível apurar, é inexistente. O clube não procura objetos raros para a sua coleção, que é composta pelas conquistas do clube, ou objetos do jogo, e também não produz nenhum conhecimento.

²⁷⁷ RAMSHAW e GAMMON, 2005.: 233-235.

²⁷⁸ STROOBANT, 2011: 46-48.

No que diz respeito às entrevistas, os adeptos entrevistados do Mafra adquiriram o gosto pelo clube por estar associado à sua área de habitação em determinada altura da vida. Todos eles acompanham regularmente o clube, quer por idas ao estádio, quer por visualização do jogo no estádio.

Quanto ao conhecimento da história do clube, dois adeptos registam algum conhecimento, não aprofundado, outro adepto confessa que não conhece. Todos confessaram não consultarem o património do clube, nem conhecendo se o clube tem alguma sala onde guarda os troféus.

No que diz respeito ao colecionismo, todos guardam artefactos que façam lembrar o clube, nomeadamente, cascol, equipamento de jogador, medalhas e bilhetes dos jogos mais importantes²⁷⁹. Nenhum guarda estes objetos em locais especiais, e pretendem guardá-los até se danificarem.

Os adeptos entrevistados do Mafra referiram que consideram que o Mafra deve apostar na área da preservação patrimonial e memorial, quer para melhoria da identidade do clube, dos adeptos, que em última análise poderia levar o clube a uma melhoria desportiva²⁸⁰.

4.2 Sport Clube União Torreense

O Sport Club União Torreense (SCUT)²⁸¹ pertence ao concelho de Torres Vedras, da zona oeste de Portugal continental, pertence ao distrito de Lisboa e segundo os Censos de 2021 tem uma população de 83130 habitantes.

No que diz respeito à sua comunicação o clube tem *Facebook*, *Instagram*, *Twitter* e *Youtube*²⁸², sendo que a própria instalação museológica tem as suas próprias redes sociais, nomeadamente, *Facebook* e *Instagram*²⁸³.

No ano de 2013, Mário César Miranda foi eleito presidente do clube, cargo que ocupa atualmente. O estádio do clube, é chamado de Estádio Manuel Marques e tem uma capacidade para 12 mil pessoas²⁸⁴.

²⁷⁹ Anexos 4 a 6.

²⁸⁰ Anexo 5.

²⁸¹ <https://www.torreense.com/pt/historia>

²⁸² A rede social com mais seguidores é o *Facebook* com mais de 27 mil seguidores no final de setembro de 2022.

²⁸³ A rede social com mais seguidores é o *Facebook* com mais de 321 seguidores no final de setembro de 2022.

²⁸⁴ Anexo 17B.









O clube, fundado em 1917, com os primeiros jogos a disputarem-se à segundo, pois ao domingo era o dia do comércio. Após filiar-se à Associação de futebol Leiria, em 1937, conquistando uma série de títulos, o clube junta-se à Associação de Futebol de Lisboa.

Ao longo da sua história, o Torreense tem vários feitos históricos como a presença na final da Taça de Portugal na temporada de 1955/1957 frente ao FC Porto, e como a primeira presença do clube no principal escalão do futebol português, na mesma época. A última presença do Torreense na I liga portuguesa data da época desportiva de 1991/1992.

A equipa de futebol masculino disputa os seus encontros caseiros no Estádio Manuel Marques, que foi inaugurado em 1926, antes jogava no Campo da Várzea que tinha o problema de ser um local de feira.

Para além do futebol, o Torreense conta na sua história com um vasto leque de modalidades praticadas, atualmente o clube destaca no seu site o futsal, o atletismo e o rugby²⁸⁵.

Atualmente, o Torreense subiu de divisão e na próxima época encontrar-se-á na II Divisão Portuguesa, mas para além do futebol masculino, importa destacar outras secções importantes para o clube, como o futebol feminino, o futsal, presentes nas primeiras divisões de cada respetiva secção (Tabela 14).

Competição	Conquistas
Campeão de Honra da A. F. Leiria	
Campeão Nacional da II Divisão	
Campeão do Distrito de Leiria em Juniores	
Vencedor de Séries da II Divião	
Vencedor da série C da III Divisão	
Campeão da I Divisão Distrital de Juniores	
Vencedor da Taça de Honra da A. F. Lisboa, da II Divisão	
Campeão Nacional Sénior	

²⁸⁵ <https://www.torreense.com/pt/>


Vencedor do Torneio do Oeste	
Campeão Distrital de Juniores	
Campeão Distrital de Juvenis	
Campeão Distrital da I Divisão de Juniores	
III Liga	

Tabela 14 - Palmarés mais relevante do futebol do SCUT²⁸⁶

Legenda -  - Competição conquistada uma vez.

O clube da cidade de Torres Vedras é essencialmente regional, ou seja, a maior parte da sua massa adepta pertence ou pertenceu a esta região. Apesar disso, o clube possui uma infraestrutura museológica bastante recente, que nasceu no ano de 2020, localizada no centro da cidade.

O museu terá nascido da crescente necessidade de um local com todas as condições para a salvaguarda de todas as coleções que um clube centenário tem. Para além disso a necessidade da criação desta instituição era importante para que as pessoas da região tivessem uma maior consciencialização do peso que o clube teve na formação cultural da comunidade de Torres Vedras, e ao mesmo tempo fortalecer o sentimento de pertença da cultura do clube. A criação deste museu foi de facto um passo muito importante na consciencialização patrimonial do clube, antes existiam muito poucas noções de como devia ser feita a correta conservação dos objetos.

A missão deste museu passa por uma promoção e a identificação do valor da atividade desportiva na comunidade como parte do Património da cidade da zona oeste. Como vocação, o museu pretende documentar, preservar, estudar e divulgar todo o Património do clube, fazendo uma recolha e identificando os indicadores da memória e da comunicação, introduzindo-os na conjuntura histórica tanto do clube como da localidade. Entende o clube que este local museológico é um espaço de memória, de vivência coletiva, de diálogo e de uma partilha de conhecimento²⁸⁷.

A museóloga do clube, na sua entrevista esclareceu a missão do museu: «*O museu tem como vocação preservar, estudar, documentar e divulgar o Património material e*

²⁸⁶ <https://www.torreense.com/pt/palmares>

²⁸⁷ <https://www.torreense.com/pt/missao-e-vocacao>

imaterial do SCUT, recolhendo e identificando indicadores da memória do clube através da pesquisa, salvaguarda e comunicação, inserindo-os no contexto histórico do clube e da cidade de Torres Vedras²⁸⁸».

Para além disso, o museu acredita que a educação é o pilar mais importante da cidadania ativa e no desporto como impulsionador de valores quer individuais como coletivos, por isso, a ação do museu a atividade da instituição destina-se tanto ao público em geral e familiar, como no público mais jovem e estudante, com maior foco nos habitantes da cidade de Torres Vedras. Tendo isto como ponto de partida, bem como a história do clube, o museu desenvolve panoramas pedagógicas com o objetivo de exercitar o pensamento crítica, a reflexão e a curiosidade²⁸⁹.

Com este objetivo em mente, o museu pretende reforçar o sentimento de pertença à cultura Torreense, e a formação cultural da cidade do Oeste. Por isso, a atividade do museu permite a transmissão de memórias de geração em geração, com principal atenção e tendo uma intervenção direta nos habitantes de Torres Vedras, uma vez que fazem parte da maior parte dos adeptos do clube.

O clube entende que o Património Desportivo constitui um conjunto de bens adquiridos (tanto os bens materiais como os imateriais), ou herdados que sejam reconhecidos como terem importância não só desportivo, mas também cultural. O espólio compreende desde o ano de fundação do clube em 1917 até à atualidade²⁹⁰.

No que diz à política do clube quanto à preservação do clube, a museóloga do Torreense esclareceu: *«Quando se refere a preservação do Património Desportivo tive de dividir em dois, primeiro o Património edificado e depois a parte dos bens culturais móveis. O museu só está dedicado à preservação dos bens móveis, servindo sobretudo o propósito de proteger as coleções dos bens moveis reunidos pelas conquistas do clube, ao longo dos anos. Quanto ao do edifício (do estádio) é feita diretamente pelo clube que usufrui das instalações.²⁹¹».*

Esta instituição tem uma política de incorporação de peças, o primeiro critério é terem tido uma participação nas temáticas do clube; então terem pertencido ao mesmo período histórico do clube; ou ainda serem peças com uma grande importância para a

²⁸⁸ Anexo 3.

²⁸⁹ <https://www.torreense.com/pt/missao-e-vocacao>

²⁹⁰ Anexo 3.

²⁹¹ Anexo 3.

coleção do museu. É importante, as peças deterem um título de propriedade, autoria ou autenticidade que estejam válidos, para evitar problemas que possam surgir sobre de quem é o objeto ou se o queria exposto²⁹².

As peças que se encontravam na posse do clube antes da fundação do museu, são assumidas como um dado adquirido. A história e a origem dos objetos são recolhidos através dos depoimentos orais de adeptos do clube.

Para a doação de peças para a coleção, existe um formulário de fácil acesso no site do museu, em que uma pessoa tem de colocar os seus dados pessoais, a descrição e proveniência do objeto, justificar porque o museu deve incorporar o objeto na coleção, e assinar um termo de responsabilidade, de os dados serem utilizados para comunicação e se a doação não for aceite, de ir buscar o objeto aos Museu no máximo de trinta dias. Ainda pode ser adicionado a esta ficha de incorporação, documentos como a carta do doador, uma fotografia, a lista das peças, entre outros²⁹³.

Após a entrada deste documento e da peça no museu será avaliada tanto o valor sentimental, o valor museológico, bem como a relevância que a peça tem para o Museu do SCUT.

O museu está aberto a visitas ao público, mediante marcação, podendo consultar tanto as exposições como a reserva, e nos casos de estudo podem também visitar o arquivo documental, mediante a autorização do diretor do museu. Também é possível aceder à ficha de inventário do espólio de uma forma remota através de uma plataforma online denominada *Collector Sytems*, onde o investigador pode procurar por número de inventário, por título, por local de permanência, por materiais, por dimensões, data ou por época, para chegar até à ficha de inventário²⁹⁴.

É política desta instituição museológica a circulação de bens, bem como a sua saída do museu deve ser avaliada, para esta circulação é estritamente necessário o conhecimento do seu estado de conservação, os procedimentos a realizar de forma a minimizar o risco de danificação, é necessário avaliar a idoneidade da instituição que irá

²⁹² Entrevista à museóloga do SCUT, realizada a 15/02/2022.

²⁹³ <https://www.torreense.com/pt/noticias/doacoes-de-pecas/>

²⁹⁴ <https://www.torreense.com/pt/colecao-online-do-museu-scut>

receber a peça, o período que estará fora, bem como as condições de transporte e avaliar o ambiente do local para onde se destina²⁹⁵.

Para a diminuição do risco que a própria circulação externa de bens implica, são tidos em conta diversos fatores, como o conhecimento do estado de conservação do bem cultural, um manuseamento correto, a existência de uma embalagem apropriada para o bem, o acompanhamento por técnicos do museu experientes, um transporte adequado, e a colocação em instalações seguras, com as condições ambientais adequadas.

Um dos fatores de maior risco para a preservação de um objeto é a intervenção humana, muitas vezes devido à negligência e à desinformação. Para além disso, também os visitantes do museu representam um risco para coleção, através do toque podem danificar, deixar cair objetos, ou até fazerem atos de vandalismo (como fazer desaparecer parte da coleção).

O espólio da coleção é composto por vários objetos, como taças, troféus, medalhas, galhardetes, equipamento, fotografias, filmagens de jogos, jornais de época, caricaturas (que foram fruto de um levantamento de todas as caricaturas dos jornais que saíam sobre o clube), e outros objetos que eram recolhidos ao longo do tempo no estádio do clube.

Ao consultar a plataforma *Collector Systems*²⁹⁶, que tem cerca de 2300 objetos catalogados em setembro de 2022, constatei diversas tipologias divididas pelas diversas modalidades do clube. Assim, as tabelas 15 a 27 resultam desse mesmo levantamento, divididas pelas seguintes categorias: Atletismo, Automobilismo, Basquetebol, Bingo, Ciclismo, Futebol, Futebol feminino, Futsal, Jogo de Tabuleiro, Pesca Desportiva, coleção institucional, Ténis de Mesa e o Voleibol).

²⁹⁵ <https://www.torreense.com/pt/missao-e-vocacao>

²⁹⁶ <https://www.torreense.com/pt/colecao-online>

Atletismo	
Tipologia	Quantidade
Troféus	402
Livros	1
Equipamentos	1
Quadros/ Placas comemorativas	36
Galhardetes	1
Outros	Moinho, Prato, Jarra, Barco e Jarrão

Tabela 15 - Caracterização do espólio do Atletismo

Automobilismo	
Tipologia	Quantidade
Troféus	10
Quadros/ Placas comemorativas	1

Tabela 16 - Caracterização do espólio do Automobilismo

Basquetebol	
Tipologia	Quantidade
Troféus	3
Placas expositor	1

Tabela 17 - Caracterização do espólio do Basquetebol

Bingo	
Tipologia	Quantidade
Troféus	1

Tabela 18 - Caracterização do espólio do Bingo

Ciclismo	
Tipologia	Quantidade
Troféus	67
Livro (Fotobiografia)	1
Quadros/ Placas comemorativas	1
Galhardetes	1
Medalhas/Medalhões	2

Tabela 19 - Caracterização do espólio do Ciclismo

Futebol	
Tipologia	Quantidade
Quadros/Fotos	298
Galhardetes	276
Troféus	496
Livros	27
Medalhas/Medalhões	47
Equipamentos	11
Bola	3
Cascol	15
Salva	40
Prato	7
Outros	Dossier, faixa, pins, moinho, escultura, barco, jarrão e jarra
Bandeira	1
Postais Ilustrativos	8

Tabela 20 - Caracterização do espólio do Futebol

Futebol Feminino	
Tipologia	Quantidade
Troféus	17
Galhardetes	1
Quadros/ Placas comemorativas	2
Outros	Moinho

Tabela 21 - - Caracterização do espólio do Futebol Feminino

Futsal	
Tipologia	Quantidade
Cachecol	2
Troféus	3
Galhardetes	3

Tabela 22 - Caracterização do espólio do Futsal

Jogos de tabuleiro	
Tipologia	Quantidade
Troféus	2
Galhardetes	1

Tabela 23 - Caracterização do espólio dos Jogos de Tabuleiro

Pesca Desportiva	
Tipologia	Quantidade
Quadros/ Placas	3
Troféus	44

Tabela 24 - Caracterização do espólio da Pesca Desportiva

Coleção Institucional Associativa	
Tipologia	Quantidade
Quadros/ Placas	60
Medalha	23
Troféus	231
Livros/ Revistas	5
Galhardetes	5
Salvas	7
Bandeira	3
Outros	Pratos, chafariz, emblemas, garrafa de vinho, relógios, canecas, mini estandarte, escultura
Cascol	1

Tabela 25 - Caracterização do espólio da Coleção institucional associativa

Tênis de Mesa	
Tipologia	Quantidade
Troféus	19
Quadros/ Placas	2

Tabela 26 - Caracterização do espólio do Tênis de Mesa

Voleibol	
Tipologia	Quantidade
Medalhas	2

Tabela 27 - Caracterização do espólio do Voleibol

A tabela 28 visa demonstrar as equivalências entre as diversas tipologias patrimoniais presentes neste espólio, tendo por base os autores que foram citados na revisão da literatura desta dissertação:

Autor	Caraterização do espólio do clube
Tipologias Christian Bromberger	<ul style="list-style-type: none"> • Edifícios desportivos - Estádio; • Arquivos audiovisuais; - fotos • Objetos e gestos emblemáticos - Equipamentos e troféus; • Textos Impressos - Biografias • Depoimentos Orais.
Tipologias Greg Ramshaw e Sean Gammon	<ul style="list-style-type: none"> • Tangível Imóvel - Estádio; • Tangível Móvel - Troféus; • Bens e Serviços - Equipamentos
Tipologias Anne Stroobant	<ul style="list-style-type: none"> • Património desportivo edificado - Estádio • Património Tradicional - Espólio fruto dos jogos tradicionais • Património Móvel - Troféus, etc.

Tabela 28 - Caracterização do espólio do Torreense nas diversas divisões dos autores citados

No que diz respeito à tipologia de Christian Bromberger²⁹⁷, é possível constatar a presença de edifícios desportivos; de arquivos audiovisuais (por exemplo, fotos da equipa do Torreense que chegou à final da Taça de Portugal); os objetos, os gestos emblemáticos do desporto, onde se enquadram os equipamentos, os troféus e taças; também estão presentes os textos impressos, como as caricaturas que referiam a equipa de Torres Vedras, e que o museu fez essa recolha, e para além disso as biografias; por fim o autor

²⁹⁷ BROMBERGER, https://www.academia.edu/32056341/Christian_Bromberger_Questce_que_le_patrimoine_sportif,

francês relata os depoimentos orais, no caso do património do Torreense, o museu utiliza esta fonte para a recolha de informação sobre os objetos expostos.

Segundo a tipologia de Greg Ramshaw e Sean Gammon²⁹⁸, podemos constatar a presença de algumas tipologias patrimoniais, como a Tangível Imóvel, como o estádio; o património tangível, móvel, onde se inclui todos os troféus da coleção; e também temos presente os Bens e serviços, com os equipamentos de jogadores antigos.

Verifica-se, portanto, algumas tipologias de património nesta mesma coleção²⁹⁹, nomeadamente o património desportivo edificado, neste caso o estádio do clube (Estádio Manuel Marques, que apesar de não ser da responsabilidade desta instituição museológica, o clube cuida como parte integrante do seu património); está presente o património tradicional com o espólio resultante dos jogos tradicionais; e temos ainda o Património móvel na restante coleção.

Utilizando o método de pontuação de Charlotte Lee e de Claran Trace, explicado no subcapítulo do colecionismo, a pontuação ficaria assim, conforme se apresenta na Figura 6:

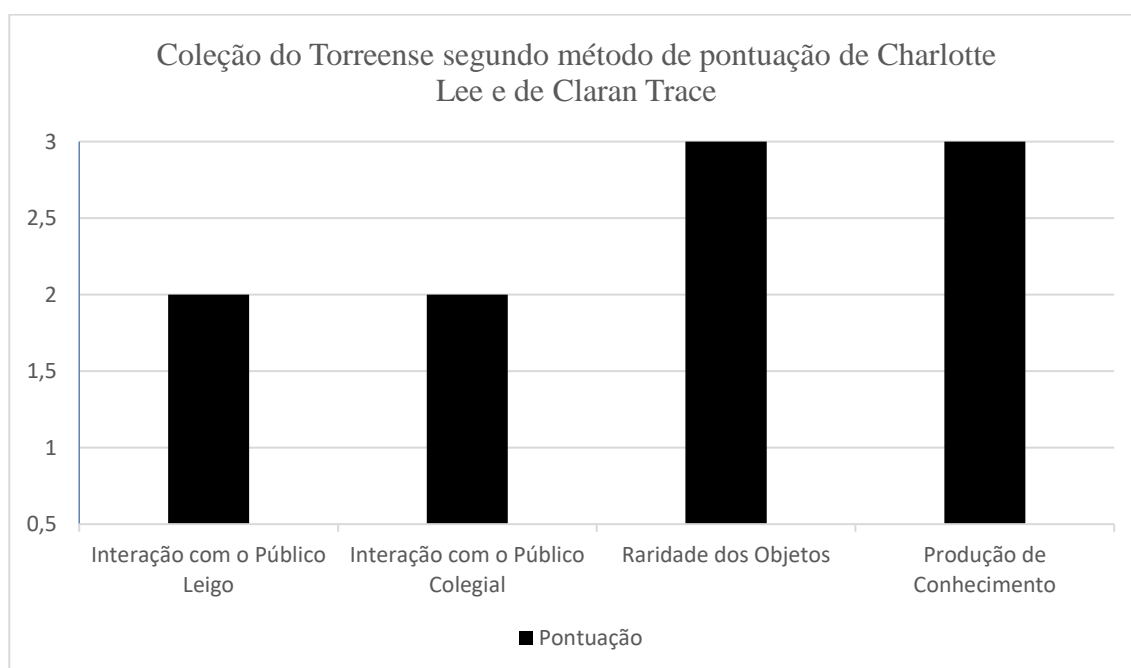


Figura 4 - Sistema de Pontuação para a Coleção do Torreense

²⁹⁸ RAMSHAW e GAMMON, 2005.: 233-235.

²⁹⁹ STROOBANT, 2011: 46-48.

O Torreense tem uma tentativa de interação com os seus adeptos, no entanto, as entrevistas aos adeptos pareceram indicar não ser a mais eficaz; por outro lado também ficou demonstrado na entrevista à museóloga do clube que o clube pretende fazer uma interação com o público colegial («*Existem sim, pessoas como você com interesse na área, que estamos com portas abertas para vos receber*»³⁰⁰). O clube procura alguns objetos raros, por exemplo com a sua política de incorporação de peças; e tenta produzir conhecimento, como a publicação de um livro na altura da celebração do centenário do clube.

O facto desta instituição museológica nascer num contexto pandémico³⁰¹, tem vindo a prejudicar os avanços na comunicação e divulgação do museu, a somar a isto, também as condições do espaço do museu, de não ter condições para uma grande capacidade de pessoas ao mesmo tempo tem prejudicado o número de visitantes do museu³⁰².

No que diz respeito a inovações no futuro nesta instituição desportiva, a museóloga do clube, na sua entrevista, dá a conhecer algumas futuras melhorias, tais como: «*Queremos criar uma digitalização da documentação (...) para as pessoas poderem pesquisar por uma área que interessa, ou por ano (...) fazer uma divulgação de acesso a conteúdos, por exemplo contactar e trabalharmos paralelamente com escolas/outras entidades*»³⁰³.

Quanto às entrevistas aos adeptos do clube, o gosto pelo clube tem origem ou por laços familiares, ou por local onde viveram ou nasceram, acompanhando ainda nos dias de hoje regularmente o clube.

O colecionismo está também presente entre os adeptos do Torreense. Estes guardam cachecóis, bilhetes, fotografias, camisolas e livros. Apesar de terem guardado esses objetos, não possuem um local em especial para fazerem este armazenamento, e pretendem guardar até se estragar, ou entregá-los ao museu, se este quiser fazer um levantamento do que existe entre os adeptos³⁰⁴.

³⁰⁰ Anexo 3.

³⁰¹ 25 de setembro de 2020.

³⁰² Anexo 3.

³⁰³ Anexo 3.

³⁰⁴ Anexos 7 a 9.

Dois adeptos referiram que não consultam o património do clube³⁰⁵, e um refere que apesar de não conhecer o museu recente, conhecia a sala antiga onde o clube conservava o seu espólio.

Na questão se o património do clube era de fácil acesso, a resposta dos três adeptos entrevistados não foi consensual, registou-se duas negativas, com uma adepta a referir que, não obstante a criação do museu, não alterou esta situação: «*Não. E antes de ser no museu aquilo estava tudo num cubículo onde era feita a inscrição dos miúdos*».³⁰⁶

O caso do adepto do Torreense que respondeu afirmativamente se acha que o património do clube é de fácil acesso, falou também na evolução deste acesso ao longo dos tempos, apesar de afirmar que uma aposta mais forte na digitalização aumentava esta facilidade de acesso: «*Sim, (...) diria que hoje em dia vivemos um tempo um bocadinho diferente, lembro-me de quando era miúdo visitar o museu de um clube era uma grande aventura, visitar a sala de troféus do Estádio da Luz, de Alvalade tinhas uma ideia da grandeza do clube. Hoje em dia diria que o património do clube está acessível, mas acredito que se tivesse um trabalho mais forte na digitalização, provavelmente permitiria um outro tipo de acesso que acredito que hoje não acontece*».³⁰⁷

Por fim, todos os adeptos consideram que o clube deveria investir nesta área, para ficar salvaguardada a identidade do clube e dos sócios, e assim criar uma maior ligação entre o clube e os seus adeptos.

4.3: Análise dos resultados e discussão: CD Mafra VS Torreense

Para facilitar a análise, organizámos a discussão por vários temas:

Um ponto de análise é a *consciência patrimonial* nas duas instituições, ambas têm esta consciência, no entanto em estados diferentes. Enquanto o CD Mafra se centra na recolha e no armazenamento do seu espólio mais significativo para a preservação da memória, o Torreense para além de demonstrar esta consciência patrimonial já apresenta uma dinâmica patrimonial, com a recente criação de um museu, com inventariação e catálogo acessível ao público e pessoal especializado.

Christian Bromberger defende que a consciência patrimonial revisita a problemática da decisão sobre o que preservar ou não, e durante a visita efetuada foram

³⁰⁵ Anexo 10 e 8.

³⁰⁶ Anexo 11.

³⁰⁷ Anexo 12.

apresentadas algumas peças que a população enviou para o museu, mas sem grande sentido patrimonial para o museu e para o clube.

No acesso à informação do clube, é possível aos adeptos do Torreense consultar o seu património facilmente e encontrar informação, no sentido oposto, os adeptos do Mafra, não possuem acesso fácil a informação e a única coisa que podem encontrar é uma vitrine de troféus sem qualquer contexto e curadoria.

No que diz respeito ao *processo de patrimonialização*, fica bastante claro que um determinado objeto tem uma maior facilidade nesse processo se pertencer ao Torreense do que ao CD Mafra. No caso do Torreense, podemos constatar que um objeto patrimonial segue as etapas que Davallon³⁰⁸ refere para ser concretizado o processo de patrimonialização, ou seja:

1. Interesse demonstrado pelo grupo no objeto, que resulta de um reconhecimento do valor do objeto – Todo o espólio que está apresentado no seu museu é porque foi reconhecido o seu valor;
2. Produção de conhecimento sobre o objeto e da sua origem – Por exemplo, a produção por parte do Torreense de uma obra sobre o seu centenário;
3. Declaração de património, ou seja, um objeto só pode ser considerado património quando for reconhecido como tal – O Torreense reconhece o seu acervo como património;
4. Organização do acesso de um grupo ao objeto patrimonial, onde as pessoas que pertencem ao coletivo são as beneficiadas da existência do objeto em exposição – A existência de um museu que os adeptos podem visitar;
5. Transmissão do objeto patrimonial às gerações futuras – Os objetos expostos permitem a perduração da memória associado ao exposto.

No caso do CD Mafra, com base nas evidências recolhidas, existindo só uma “vitrine de objetos”, com pouco ou nenhum contexto histórico, se o seu acesso nem é divulgado pelo clube, todas estas etapas de patrimonialização são colocadas em causa. Se o primeiro gesto enunciado no texto de Davallon até pode existir, basta verificar a opinião dos adeptos entrevistados, que salientam que o clube deveria investir nesta área, a partir do segundo gesto para a patrimonialização fica tudo mais complicado.

³⁰⁸ DAVALLON, 2014: 1-2.

Para o património de um clube de futebol continuar “vivo” é necessário existir uma dinâmica cultural associada, estando a identidade e a memória também associadas, nesse sentido, é essencial expor o património para a sua salvaguarda e transmissão para gerações futuras, sendo necessário uma dinâmica patrimonial mais comunicativa e eficaz³⁰⁹.

Verificando os dois estudos de caso em análise nesta investigação, é possível concluir com os dados que foi possível recolher, que o CD Mafra não tem esta dinâmica cultural, e, portanto, terá muito mais dificuldades na transmissão do seu património e da sua memória às suas gerações de adeptos futuras.

No caso do Torreense, é possível constatar alguma dinâmica cultural já, pois já tem processos de patrimonialização e preocupam-se com a salvaguarda do seu espólio, para além disso, e tem alguma política comunicativa.

Através do método utilizado com sistema de pontuação podemos verificar a média de pontos dos dois clubes, o CD Mafra obteve uma média de 1 ponto e o SCUT uma média de 2,5. Isto demonstra a diferença nas visões patrimoniais dos dois clubes, com o Mafra a ter um caminho maior por fazer ainda no ramo do património desportivo, e com o Torreense a já ter a sua pegada no ramo.

Revisitando as entrevistas realizadas aos adeptos dos clubes em estudo, também é possível fazer algumas comparar os resultados de ambas. Nos dois casos a ligação ao clube tem diretamente a haver com questões territoriais, nomeadamente, onde nasceram, nestes clubes é muito difícil encontrar adeptos de outras zonas do país, por isso todo o património fruto destas instituições desportivas é um património local, ou seja, associado à comunidade envolvente³¹⁰.

Para além disso, podemos constatar nas entrevistas que os adeptos tem por hábito guardar objetos que façam recordar memórias, dentro destes objetos salientam-se: cachecóis, equipamentos e bilhetes dos jogos mais importantes que assistiram. No entanto, estes adeptos não tem um lugar em especial para guardar, nem nas melhores condições para preservar. Também é interessante verificar que os adeptos não tem uma

³⁰⁹ LOUDCHER, 2018: 6.

³¹⁰ Anexos 4 a 9.

data-limite para guardar estes objetos, responderam geralmente que é até à sua morte, ou até se degradarem³¹¹.

Nas entrevistas um dos pontos mais divergentes entre adeptos do clube foi relativamente à questão se o património do clube é de fácil acesso. No caso dos adeptos do Mafra a resposta foi mais unânime em responder de maneira negativa, afirmado que nem sabiam onde encontrar ou procurar este tipo de informação: «*Eu não tenho sequer noção se o Mafra tem uma espécie de museu ou sala dedicada ao passado. (...) Mas duvido que haja este tipo de salas (...) que possa encontrar este tipo de pessoas, eu ou qualquer tipo de adepto.*»³¹²; e «*Não sei onde procurar, talvez pelo site, mas não sei.*»³¹³

No caso dos adeptos do clube de Torres Vedras, a resposta não foi consensual, houve duas respostas negativas, no entanto, um adepto do clube de Torres Vedras respondeu que considera que sim relembrando as dificuldades que tinha o acesso a estes locais mais antigamente.

Nesse sentido, existe aqui uma divergência de respostas nos clubes, com os adeptos do clube sem uma dinâmica patrimonial nem sequer saberem onde encontrarem este tipo de informação, e em sentido oposto, com os adeptos do clube com esta dinâmica patrimonial já iniciada, a terem um maior conhecimento sobre o acesso ao património do clube.

É importante verificar que todos os adeptos entrevistados para esta investigação, consideram importante a área da preservação patrimonial e da memória, todos consideram que é um vetor importante para o desenvolvimento do clube. Um adepto do Mafra refere mesmo, que assim: «*Portanto, acho que o Mafra investisse mais em Redes Sociais, em partilha de património, preservação do património, etc., podia de facto dar um salto e atrair adeptos de base (...), ou seja, mesmo do Mafra e que não fossem do Mafra e do Sporting ou Benfica.*»³¹⁴.

Esta afirmação demonstra que o investimento na preservação patrimonial e da memória podia ajudar um clube a poder dar um salto de maior qualidade até a nível desportivo.

³¹¹ Anexos 4 a 9.

³¹² Anexo 7.

³¹³ Anexo 9.

³¹⁴ Anexo 7.

No entanto, foi possível constatar nestas entrevistas que existe um dado afastamento dos adeptos com o património dos clubes. Foram registadas respostas no sentido de não saberem se o clube tem um local reservado a esta temática. Sobre a história do clube, os adeptos admitiram saber só os marcos mais importantes, ou seja, das conquistas mais relevantes.

5: Conclusão

A presente dissertação pretende contribuir para o estudo do património desportivo nacional, trazendo à discussão uma área de investigação pouco explorada - a patrimonialização e a memorialização nos clubes de futebol de mais pequena dimensão, enfatizando a existência da pluralidade de noções patrimoniais a par dos vários modelos institucionais existentes em Portugal: museus, salas de troféus, medalhas, taças, galhardetes ou recortes de jornais, exposições ou coleções museológicas, bibliográficas ou arquivistas por grupos de sócios. Estas iniciativas ajudam a promover a valorização cultural da memória coletiva de pequenos clubes, rememorando a sua história e dando a conhecer as formas de apropriação das práticas desportivas, divergindo no tipo de apresentação, exposição dos conteúdos, espaços, equipamentos e valorização do património desportivo.

Embora a patrimonialização do desporto esteja cada vez mais associada à musealização, devemos destacar que, no caso dos pequenos clubes, nem sempre se encontram associados ao processo de patrimonialização dos seus artefactos³¹⁵. Relembramos o conceito e as etapas defendidas por Davallon³¹⁶ para garantir o sucesso do processo de patrimonialização. Assim, das cinco etapas mencionadas, só a primeira – interesse pelo valor do objeto - parece existir na maioria dos clubes, levando-os à conservação dos seus objetos patrimonializáveis. Escassa é ainda a produção de conhecimento sobre os objetos e a sua origem e a sua organização em exposições museológicas.

Entre os objetos que fixam a memória dos clubes de futebol, destacam-se as Camisolas e Equipamentos - objetos-testemunho e objetos-afeto³¹⁷ - e o relato de memórias vividas entre gerações.

³¹⁵ Foi possível verificar uma grande disparidade entre algumas instituições desportivas de mais pequena dimensão. A grande maioria não apresenta uma preocupação patrimonial, e as que representam são, na sua maioria, clubes que ou já tiveram um passado mais glorioso que a atualidade, ou clubes ligados a outras entidades não desportivas (como o caso do Casa Pia). Nalguns casos, registam trabalho na área patrimonial, apresentam infraestruturas museológicas e profissionais dedicados à área e à história do clube, publicações (livros, ou revistas) e programas radiofónicos. Mas, na generalidade, os clubes de pequena dimensão revelam dificuldades de afirmação e de desenvolvimento nas estratégias de patrimonialização e memorialização. A existência de um maior número de massa associativa e uma maior ligação à identidade de um clube parecerem ser dois fatores determinantes na patrimonialização.

³¹⁶ DAVALLON, 2014: 1-2.

³¹⁷ FOURRIER, 2021.

Os dois estudos de caso em investigação representam o espectro dos pequenos clubes, já que um apresenta um processo de patrimonialização em crescimento e valorização – o Torreense - e, o outro – o CD Mafra – ainda não apresenta evidências de patrimonializar a sua memória clubística.

No caso do CD Mafra, a organização e exposição de uma vitrina de troféus, sem qualquer trabalho de curadoria a ela associado, **revela consciência patrimonial, encontrando-se numa fase de recolha e armazenamento dos troféus para preservação da memória clubística**, embora devamos realçar que os adeptos entrevistados referiram não conhecer a forma de acesso a esse tipo de materiais, nem como podem consultar o restante legado do clube.

Foi possível encontrar na sala onde guardam algum do seu espólio, taças, galhardetes, fotos e equipamentos, assim, o CD Mafra tem património tangível imóvel, tangível móvel; património edificado (com o estádio) e património movel

Quanto ao caso do Torreense, consideramos existir **uma dinâmica patrimonial, com a existência de uma infraestrutura museal bastante recente, aliada a uma preocupação de preservação da sua memória e do seu espólio**. No seu espólio, são preservadas diversas tipologias patrimoniais, nomeadamente, património tangível móvel e imóvel; património edificado, móvel e tradicional. No que diz respeito à gestão do património móvel, esta está a cargo do museu, cabendo ao clube, a gestão do património edificado.

Voltando às etapas para a patrimonialização é possível constatar que o Torreense cumpre todas as etapas do processo, reforçando a ideia de que o clube possui uma dinâmica cultural.

Realçamos ainda o papel dos adeptos e sócios em ambos os processos nestes clubes:

- Pela ligação emocional ao clube com origem no local da sua residência, ou seja, normalmente é por ser o local onde viveu a sua infância, ou o local onde já viveu algum tempo;
- Pelo interesse demonstrado em conhecer a história do seu clube;
- Pela aposta e investimento na patrimonialização desportiva, aliada ao fortalecimento e à identidade do clube;

- Pela ligação da valorização e divulgação patrimonial a um maior conhecimento dos adeptos e ao crescimento do clube.

Ficou demonstrado que a preservação patrimonial realizada nestes clubes, está ligada à identidade e à sua estratégia de preservação dos valores do clube para as gerações futuras.

Para finalizar, a figura 7 sistematiza como os dois clubes em estudo patrimonializam a sua memória:

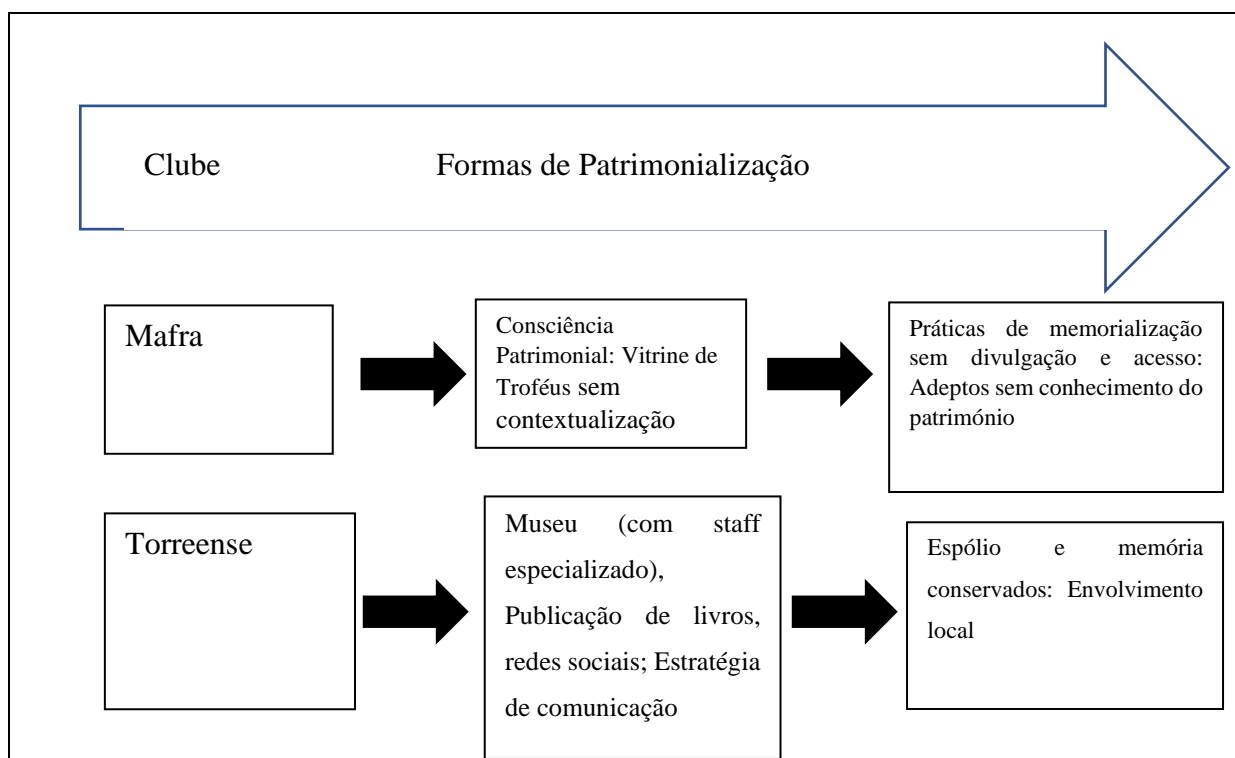


Figura 5 – Formas de patrimonialização dos clubes e consequências

5.1: Recomendações

Entre as áreas a carecer de atenção e desenvolvimento em Portugal, encontramos as Políticas públicas, os inventários, a proteção do património desportivo e a existência de especialistas.

O impasse que rodeia a execução do Projeto de resolução nº 409/XIII/1º, de 2017 que recomenda ao governo que defina uma estratégia de responsabilidade do estado na gestão do Património desportivo português, tem sido um entrave a um mais rápido envolvimento dos clubes de futebol em estratégias patrimoniais. Ainda não tendo sido concretizada a discussão pública entre a Assembleia da República e diversas entidades,³¹⁸, a primeira recomendação que nos parece importante, será a de incluir nessa lista a Federação Portuguesa de Futebol, visando otimizar a sua estratégia e ação para o património futebolístico, em conjunto com o Museu Nacional do Desporto.

Nesse sentido, parece ser inegável e importante, a criação de um inventário a nível nacional³¹⁹, classificação e estudo, a cargo da principal instituição do património em Portugal, - a DGPC, com a colaboração do Museu do Desporto e da Federação Portuguesa de Futebol. Esta, tem como compromisso até 2024, melhorar o património desportivo, e poderá ser um dos principais responsáveis na criação duma consciência patrimonial nos clubes que poderiam ser estimulados a criar inventários locais. Conjuntamente, com uma estratégia e o já previsto Plano de Preservação Museológica, os avanços seriam notórios.

A nível dos clubes, a sua trajetória patrimonial deve ter início com a criação da consciência patrimonial, criando interesse e demonstrando a sua importância, principalmente nos mais pequenos, visto que são estes que representam o maior número de instituições desportivas, e que apresentam menor consciência e dinâmica patrimoniais.

É necessário demonstrar aos clubes que um investimento nesta área pode ser determinante:

- a nível cultural, pois assim facilita a criação de uma identidade do clube,

³¹⁸ DGPC; Museu Nacional do Desporto; Comité Olímpico de Portugal; Comité Paralímpico de Portugal; Confederação do Desporto de Portugal; Confederação Portuguesa das Coletividades de Cultura, Recreio e Desporto; Conselho de Reitores das Universidades Portuguesas; Conselho Coordenador dos Institutos Superiores Politécnicos; Academia Militar; Associação Nacional de Municípios Portugueses; e a Associação Nacional de Freguesias

³¹⁹ A nível de classificação regista-se apenas o património desportivo arquitetónico.

- na melhoria a nível desportivo,
- na criação duma dinâmica de turismo desportivo na região, onde não só beneficiaria financeiramente o clube, bem como também a região.

Depois da criação desta consciencialização patrimonial, será recomendável apostar na área da preservação do património e da memória, quer através de estratégias de patrimonialização, memorialização e valorização do património desportivo, estimulando o interesse e o acesso dos sócios e adeptos à história e património dos clubes, a sua investigação e divulgação, assegurando a transmissão dos valores do clube para as gerações futuras.

Esta patrimonialização pode ser atingida através da musealização, estratégia seguida por esmagadora maioria dos clubes com dinâmica patrimonial, assente na preservação realizada por cada clube, mas também com o apoio das estratégias de memorialização individuais, a cargo dos sócios e adeptos, nomeadamente com as suas coleções de vários tipos de objetos do clube, a par da divulgação em redes sociais de datas, eventos e momentos especiais do clube, publicações de materiais escritos e estudos biográficos dos seus principais jogadores ou dirigentes. Consideramos que para os clubes de pequena dimensão, os museus virtuais são uma estratégia a adotar, especialmente quando não reúnem condições para a criação de um espaço museológico adequado.

Estas dinâmicas patrimoniais devem estar assentes em duas condições que consideramos ser fundamentais:

- a existência de staff possuidor de competências patrimoniais para acompanhar todo o processo de patrimonialização
- a gestão da comunicação, onde o património acompanhe todas as áreas de interação com as audiências dos diversos canais de comunicação existentes em cada clube.

Nesse sentido, recomendamos o uso do modelo COBA, reproduzido na tabela 28. Este modelo de comunicação tem como objetivo, através de algumas etapas, atingir uma comunicação patrimonial mais eficiente e profissional³²⁰:

³²⁰ RIPP e HAUER, 2017: 1-3.

Desenvolvimento	Atitude em Direção ao Ativo Patrimonial	Identidade social e Pessoal	Progresso de Proficiência	Função do Cidadão	Nível de Envolvimento	Comunicação
1. Definição	Identificar o bem patrimonial	Identidade Social	Consegue identificar o nome	Destinatário	Auditivo Visual	Apresentações, através de folhetos e exposições
2. Conhecimento	Consciência patrimonial do objeto	Identidade Social	Consegue descrever o objeto	Destinatário	Auditivo Visual	Apresentações, através de folhetos e exposições
3. Exploração	Papel do cidadão mais ativo	Identidade social e pessoal	Consegue colocar o objeto num contexto	Destinatário e parte interessada	Auditivo Visual Motor Tátil	Discussões, uso das redes sociais como ferramenta
4. Participação	Pode agir	Identidade social e pessoal	Consegue ter contexto funcional	Multiplicar os destinatários	Para além dos anteriores, consegue interação no grupo (Redes Sociais)	Possível fazer eventos patrimoniais
5. Transferência	Comunicação	Identidade equilibrada	Especialista	Multiplicar especialistas	Todas as anteriores	Conferências, apresentações do nível especialista

Tabela 29 - Método COBA (reproduzido a partir de RIPP e HAUER, 2017: 1-3)

No primeiro momento de definição o cidadão destinatário ainda tem pouco conhecimento do bem patrimonial, mas consegue nomeá-lo e definir de forma básica. Para aumentar a sua curiosidade devem ser feitas atividades audiovisuais, como visitas guiadas³²¹, acompanhadas de folhetos.

No segundo momento, o cidadão torna-se mais ativo, já existindo uma motivação para a aprendizagem. Já no terceiro momento, o cidadão tem um papel cada vez mais ativo, com um interesse pessoal cada vez mais presente³²².

³²¹ Idem, *Ibidem*, p 5.

³²² Idem, *Ibidem*, pp 5-6.

No quarto momento, a grande alteração é que o cidadão passa a ser um multiplicador, capaz de tomar decisões sobre o bem patrimonial, com impacto na aprendizagem no grupo. Por fim, o último estágio, é o mais elaborado, onde o especialista já é capaz de comunicar o bem os seus valores, características e contextos³²³.

O objetivo deste método não é tornar todos os cidadãos especialistas em bens patrimoniais, mas sim despertar a curiosidade em todo o tipo de pessoas para o desenvolvimento e a preservação do património cultural³²⁴.

As instituições desportivas possuem várias ferramentas ao seu dispor para uma sensibilização patrimonial da sua comunidade. Nesse sentido, a utilização do seu *website*, das suas redes sociais, de novas formas de comunicação como os *podcasts*, ou mesmo a possibilidade de realizar eventos de âmbito patrimonial e memorial.

Na preservação patrimonial e memorial também se recomenda o desenvolvimento de uma política de partilha de espólios e de memórias entre várias instituições locais, facilitando assim a produção de um maior conhecimento na área.

A aposta neste ramo das instituições desportivas de mais pequena dimensão, poderá fomentar o estudo do desporto em Portugal a par do seu património, com mais interessados no seu conhecimento e preservação e envolvimento das comunidades locais.

³²³ Idem, *Ibidem*, p. 6.

³²⁴ Idem, *Ibidem*, p. 7.

Bibliografia

ABOSAG, I. e outros, *Examining the relationship between brand emotion and brand extension among supporters of professional football clubs*. Manchester: University of Manchester, 2012.

ABREU, R. e CHAGAS, M., *Memória e Patrimônio – Ensaio Contemporâneo*.: Rio de Janeiro: Lamparina, 2003.

ARAÚJO, M. P. e SANTOS, M. S., *História, memória e esquecimento: implicações políticas*. Coimbra: Centro de Estudos sociais da Universidade de Coimbra, 2007.

ARROJA, A., *As instituições desportivas e a sua relação com o património: estudos de caso Sport Lisboa e Benfica vs Sporting Clube de Portugal*. Lisboa: Trabalho de projeto para a obtenção do grau de Mestre em Práticas culturais para municípios, da Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa, 2012.

ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE MUNICÍPIOS PORTUGUESES, *Plano estratégico – Gestão do Património Desportivo Português Resolução da Assembleia da República nº 54/2017*, 2018.

BARRANHA, H., *Património cultural – Conceitos e critérios fundamentais*. Lisboa: IST Press e ICOMOS-Portugal, 2016.

BOLI, C., *Futebol, a entrada notável do futebol nos museus: o caso francês, de 2010 até os dias atuais*. *Museologia e Patrimônio - Revista Eletrônica do Programa de Pós-Graduação em Museologia e Patrimônio - Unirio | MAST – vol.14, no1, p. 148-181*, 2021.

BOOTH, D., *Sports Historians – What Do We Do? How Do We Do It?*. In PHILLIPS, M. G. – *Deconstructing sport history: a postmodern analysis*. Albany (USA): State University of New York Press, 2006. p. 27-54.

BOUET, M., *Signification du sport*. Paris: Editions Universitaires, 1968.

BROMBERGER, C., *Qu'Est-Ce que le Patrimoine Sportif?* Disponível em: https://www.academia.edu/32056341/Christian_Bromberger_Qu'est-ce_que_le_patrimoine_sportif, consultado em 24/10/2021.

BROMBERGER, C., *De quoi parlent les sports?*. Terrain, nº 25, 1995, p. 5-12.

BROMBERGER, C., *Le Match de Football. Ethnologie d' une partisane à Marseille, Naples et Turin*. Paris, Editions de La Maison des l'homme, 1995.

BROMBERGER, C., *Passions ordinaires. Du match de football au concours de dictée*. Paris, Éditions Bayard, 1998.

BROMBERGER, C., *De la notion de patrimoine sportif*. In Patrick Portes (dir.), *Patrimoine sportif et tourisme*: 8-12. Paris, Éditions Touristiques Européennes, Cahiers Espaces 88., 2006.

BROMBERGER, C., *Le patrimoine immatériel entre ambiguïtés et overdose*, *L'Homme*, 2014, pp. 143-151.

BROMBERGER, C., *Passions sportives*, in J.-J. Courtine, A. Corbin et G. Vigarello (eds), *Histoire des émotions* t. III, Paris, Le Seuil, 2017, pp. 446-459.

BROMBERGER, C., *Por que se interessar pelo patrimônio esportivo? Museologia e Patrimônio - Revista Eletrônica do Programa de Pós-Graduação em Museologia e Patrimônio - Unirio / MAST – vol.14, no1, pp. 15-20, 2021.*

CAFÉ, D., *Património, Identidade e Memória: Proposta para a criação do Museu do Território de Alcanena*. Lisboa: dissertação de Mestrado em Museologia da Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias, 2007.

CHAGAS, M., *Memória e Poder: dois movimentos*. Lisboa: Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias, 2002. Coimbra: Revista crítica de Ciências Sociais, 2007.

CAMPOS, A. e JACOB, H., *A cultura das figurinhas: as configurações de linguagens do colecionismo no álbum da Copa do Mundo FIFA 2018*. Disponível em <https://doi.org/10.17851/2526-4494.3.2.9-27>, consultado a 05/07/2022.

CONSTANTINO, R., *Museu Benfica, Cosme Damião: A arte da conquista*. Lisboa: Relatório de estágio para o grau de mestre em História de arte e Património da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, 2018.

CUNHA, I. e DURAND, J-Y., *Como é que isto funciona...*” entrevista com Christian Bromberger», *Etnográfica* [Online], vol. 8 (2), p. 357-376, 2004.

DAMO, A. e FERREIRA, B. S., *No tempo das excursões – o circuito clubístico portoalegrense e a reconfiguração de suas fronteiras em meados do século XX*. *Revista de História Regional*, v. 17, n. 2, p. 378-411, 2012.

DAMO, A. S., OLIVEN, R. G, ORO, A. P., OLIVEN, R. ECKERT, C., et al., *Entrevista com Christian Bromberger*. *Horizontes Antropológicos*, Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social - IFCH-UFRGS, 2017, 23 (48), pp.351 - 371.

DAVALLON, J., *À propos des régimes de patrimonialisation: enjeux et questions*. Lisboa: Archives-ouvertes, 2015.

FELGUEIRA, D., *Centro de memórias do Museu Sporting C.P.*. Lisboa: Relatório de estágio no mestrado em Antropologia – Culturas Visuais na Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa, 2018.

FELIPE, G. e outros, *Patrimonialização e sustentabilidade do património: Reflexão e Prospetiva*. Lisboa: IHC – Nova FCSH, 2018.

FILHO, H., *Memórias em disputa: A UNESCO e a Patrimonialização de acervos documentais*. Rio de Janeiro: Pós-graduação na Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro, 2018.

FOURNIER, L., *O pequeno patrimônio esportivo: entre o bem público e memória coletiva*. *Museologia e Patrimônio – Revista eletrônica do programa pós-graduação em Museologia e Patrimônio*, vol. 14, pp.21-35, 2021.

FRAGOSO, D., *Objetos (In)úteis – Metodologias de incorporação em museus, o espólio desportivo da extinta Associação Académica da Amadora*. Lisboa: Dissertação de mestrado em Museologia e Museografia da Faculdade de Belas-Artes da Universidade de Lisboa, 2018.

GASTAUT, Y., *Le sport comme patrimoine. Rencontres autour du patrimoine sportif et de la mémoire du sport. Communications présentées lors des 4 premières éditions 2012-2013-2014-2015*. Nice, Musée National du Sport / Université Nice Sophia Antipolis, 2015.

GROSSET, Y. e ATTALI, M., *The international institutionalization of sport ethics*. *Society* 48(6), pp. 517–25, 2011.

HAHM, J. e outros, *Understanding the relationship between past experience of a sports mega-event and current spectatorship : the mediating tole of nostalgia*. Disponível em <https://doi.org/10.3390/su13063504>, consultado em 5/12/2021.

HAWKINS, B. e outros, *Creating football memory teams: Development and evaluation of a football-themed reminiscense therapy program*. Carolina do Sul: Therapeutic Recreation Journal, n.1, pp. 32-47, 2020.

HAYNES, R. e BOYLE R., *Power Play, Sport, the media and Popular Culture*. Edinburg: Edinburg University Press, 2ª ed., 2009.

HOLT, R. e RUTA, D., *Routledge Handbook of Sport and Legacy: Meeting the Challenge of Major Sports Events*. London: Routledge, 2015.

LAMOTHE, M., *Passions ordinaires » ou nouveaux objets patrimoniaux ? Réflexions sur les liens entre sport et patrimoine culturel immatériel*. *Ethnologies*, 36(1-2), pp. 405–431, 2014. <https://doi.org/10.7202/1037615ar>.

LEE, C. e TRACE, C., *The role of information in a community of hobbyist collectors*. Washington : Jornal of the american society for information science and technology, pp. 621 – 637, 2009.

LIPONSKI, W., *L'Encyclopédie des sports : Plus de 3000 sports et jeux du monde entier*. França: Grund, 2005.

LISSANEDDINE, A. e SADDOU, H., *De la patrimonialisation à la muséalisation des ressources identitaires dans la vallée du zat*. O ideário patrimonial, pp. 16-26, 2018.

LOUDCHER, J-F., CALLEDE, J.-P. ; SUCHET, A., AUGUSTIN, J.-P., *Heritage sportif et dynamique patrimoniale*. Bordéus: 22ª Conferência europeia da história do desporto, 2018.

LUVIZOTTO, C. K., *A disseminação da tradição e a preservação da memória coletiva na era digital*. *Liinc em Revista*, v. 11, n. 1, pp. 14-27, 2015.

MANUEL-CARDOSO, P., *Por que razão o Desporto é Património?* Lisboa: Conferência “Desporto, Património da Humanidade: Por que razão o desporto é património?”, 2016.

MARTINS, A. C., *A construção de um lugar de Memória – Conjunto etnográfico de Moldes de Danças e Corais Arouquenses 1944-2013*. Porto: Trabalho final do 2º Ciclo de Estudos em História e Património – Medição Patrimonial, 2014.

MEIRINHOS, M. e OSÓRIO, A., *O estudo de caso como estratégia de investigação*. EDUSER: revista de educação, Vol. 2 (2), pp. 49-65, 2010.

MENDES, H., *Património destruído – O caso do Museu Nacional do Rio de Janeiro – Brasil*. Lisboa: Dissertação para o grau de mestre na Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa, 2020.

MENDES, I., *Da teoria à prática: Musealização de património desportivo: Intervenções de Conservação e Restauro no departamento de Reserva, Conservação e Restauro do Sport Lisboa e Benfica*. Relatório de Estágio. Mestrado em Conservação e Restauro, 2012.

NEVES, J. e DOMINGOS, N., *A época do futebol – O jogo visto pelas ciências sociais*. Lisboa: Assírio & Alvim, 2004.

NEVES, J. e DOMINGOS, N. (coord.), *Uma História do desporto em Portugal*. Vila do Conde: QUIDNOVI, Vol. 1, 2011.

PANINI, *FIFA World Cup 2022 – Stricker Album*. Modena: Panini, 2022.

PEREIRA, P., *O Património perante o desenvolvimento*. Lisboa: Dissertação para o grau de doutoramento em museologia na Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologia, 2010.

PINHEIRO, F., *Fazer História do Desporto: paradigmas e problemáticas*. Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra, 2022.

PINHEIRO, F., *Making Sport History in the (Semi)Periphery: The Portuguese Perspective*, *The International Journal of the History of Sport*, Volume 34, pp. 957-969, 2017 - Issue 10: Special Issue: Sport in the Peripheries.

PINSON, J., *Heritage sporting events : theoretical development and configurations*. Lausanne, *Journal of sport & Tourism*, 21, 2, 2017.

PINSON, J., *Processus de patrimonialisation des événements sportifs : développement d'un cadre conceptuel*. Lausanne: Dissertação para o grau de doutoramento em administração pública da Universidade de Lausanne, 2017.

PORTUGAL, ASSEMBLEIA DA REPÚBLICA, *Diário da Assembleia da República – Reunião Plenária de 16 de fevereiro de 2017*. I série, número 62, 2017.

PORTUGAL. ASSEMBLEIA DA REPÚBLICA, *Diário da República*. 1ª Série – Nº63 – 29 de março de 2017, p. 1640, 2017.

Portugal, Assembleia da Republica, *Projeto de resolução nº 409/XIII/1º, Recomenda ao governo que defina uma estratégia de responsabilidade do estado na gestão do Património desportivo português*, disponível em <https://app.parlamento.pt/webutils/docs/doc.pdf?path=6148523063484d364c793968636d356c6443397a6158526c6379395953556c4a5447566e4c305276593356745a57353062334e4a626d6c6a6157463061585a684c324577596a59775a544e684c5759344d6d4d744e4749354d693168595463774c544d7a5a445577596a55774e4459345979356b62324d3d&fich=a0b60e3a-f82c-4b92-aa70-33d50b50468c.doc&Inline=true>, consultado em 23/10/2021.

RAMSHAW, G., *The construction of sport heritage attractions*. *Journal of Tourism Consumption and Practice*, 3(1), pp. 1–25, 2011.

RAMSHAW, G., *Subaltern Heritage narrative*. In Bryony Onciul, Michelle L. Stefano, Stephanie Hawke (ed) *Engaging Heritage, Engaging Communities*pp. Boydell Press, pp. 179-189, 2017.

RAMSHAW, G. e Gammon S., *More than just nostalgia? Exploring the heritage/Sport tourism nexus*. Edmonton: *Journal of sport tourism*, 2005.

RAMSHAW, G., *Nostalgia, Heritage, and imaginative sports geographies: Sport and Culture Landscapes*. Edmonton: International Institute for the study of sport management, 2006.

RAMSHAW, G., *The construction of sport heritage attractions*. Plymouth : *Journal of tourism consumption and practice*, vol.3, 2011.

RAMSHAW, G. e Gammon S., *Heritage and Sport*. Disponível em: <https://www.researchgate.net/publication/304797737>, consultado em 13/03/2021.

ROCHA, L. e ROLIM, L., *Patrimônio esportivo e museus do esporte*. Disponível em: <http://revistamuseologiaepatrimonio.mast.br/index.php/ppgpmus/article/viewFile/874/775>, consultado em 7/10/2021.

RIPP, M. e HAUER, S., *Communication Model for built heritage assets going from knowing to identification*. Regensburg, Built heritage, 2017.

ROLIM, L. H. e TEIXEIRA, C. R. G., *A patrimonialização do futebol no Instagram: análise dos perfis de clubes de futebol no Brasil durante a pandemia*. Museologia e Patrimônio - Revista Eletrônica do Programa de Pós-Graduação em Museologia e Patrimônio - Unirio | MAST – vol.14, no1, pp. 36-63, 2021.

SCOLA, Z., *Examining the impact of nostalgic feelings on sport consumer preferences towards team apparel*. Kansas: Dissertação para o grau no programa de saúde, desporto e exercício científico na Universidade do Kansas, 2019.

SEIFRIED, C. e MEYER, K., *Nostalgia-Related aspects of professional sport facilities : A facility audit of major league baseball and national football league strategies to evoke the past*. Loissiana, International Journal of Sport Management, Recreation & Tourism, 2010.

SERRADO, R., *Futebol – A magia para além do jogo*. Lisboa: Zebra Publicações, 2011.

SERRADO, R., *Jogo e desporto no Portugal contemporâneo (1870-1910)*. *Cultura: Revista de História e teoria das ideias*, 33, pp. 219-251, 2014. <https://doi.org/10.4000/cultura.2425>

SERRADO, R., *História do Futebol Português – Uma análise social e cultural*. Lisboa: Prime Books, Vol.1, 2014.

SILVEIRA, V. e outros, *Memória Esportiva: Considerações acerca do Basquetebol na cidade do Rio Grande/RS*. Rio Grande: Fiep Bulletin, Vol. 81, 2011.

STORE, J., *Cultural Theory and popular culture – An Introduction*. Sunderland: Pearson Longman, 5ª ed., 2009.

STROOBANT, A., *Patrimônio desportivo e musealização: Elementos para um projeto de musealização do Estádio Nacional*. Lisboa: Dissertação para a obtenção do grau de mestre em Museologia na Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias, 2011.

STROOBANT, A., *Um exercício de classificação dos desportos, Museologia e Patrimônio - Revista Eletrônica do Programa de Pós-Graduação em Museologia e Patrimônio - Unirio* | MAST – vol.14, no1, pp. 288-304, 2021.

TIESLER, N. e DOMINGOS, N., *Futebol Português – Política, género e movimento*. Porto: Edições Afrontamento, 2012.

VIERSAC, M. e ATTALI, M., *Discuter l'héritage social et culturel des grands événements sportifs. Une revue de littérature internationale. Staps*, 4 (n° 134), pp. 113 – 136, 2021.

VIOLETTE, L. e ATTALI, M., *Sporting memory and its heritagisation: The example of Roland-Garros*. Rennes: French Cultural Studies, 2018.

YIN, R. K., *Estudo de caso – Planejamento e Métodos*. Rio de Janeiro: Bookman, 2ª ed., 2001.

Outros links acedidos:

<https://www.abola.pt/nnh/2019-12-13/espaco-universidade-memoria-desporto-e-paisagem-artigo-de-manuela-hasse-13/819442>

<https://www.jornaldenegocios.pt/weekend/detalhe/a-memoria-do-feito-desportivo>,

<https://maifutebol.iol.pt/arquivo-rtp/desporto/abriu-se-uma-pequena-janela-sobre-a-nossa-memoria-desportiva>

<https://ipdj.gov.pt/museu-nacional-do-desporto>

https://jamor.ipdj.pt/index.php?lang=pt&s=white&pid=139&title=jamor_interpretive_center_&ppid=1

https://www.academia.edu/41160724/Pela_Salvaguada_e_Prote%C3%A7%C3%A3o_do_Patrim%C3%B3nio_Desportivo

<https://www.fpf.pt/pt/Institucional/Compromissos/Compromissos-2020-2024/As-Nossas-Metas>.

<https://mcjoaquimagostinho.pt/>

<https://24.sapo.pt/desporto/artigos/museu-dedicado-ao-ciclista-joaquim-agostinho-abre-em-agosto-em-torres-vedras>

<https://casapiaac.pt/clube/historia/>

<https://museutricolor.wixsite.com/website/atua%C3%A7%C3%A3o-e-vis%C3%A3o>

<https://museutricolor.wixsite.com/website/atua%C3%A7%C3%A3o-e-vis%C3%A3o>

<https://www.osbelenenses.com/clube/museu-manuel-bulhosa/>

<https://www.atleticocp.pt/pt/historia>

<https://www.torreense.com/pt/missao-e-vocacao>

<https://www.torreense.com/pt/noticias/doacoes-de-pecas/>

<https://www.cdmafra.com/pt/um-clube-com-historia>

<https://ihc.fcsh.unl.pt/events/iii-congresso-de-historia-e-desporto/>

<https://ihc.fcsh.unl.pt/events/iv-congresso-de-historia-e-desporto/>

<https://ludopedio.org.br/agenda-de-eventos/v-congresso-de-historia-e-desporto/>

<https://www.citcem.org/evento/335>

<https://grupohistoriadespo.wixsite.com/meusite/sobre>

<https://coleccionismodedesporto.webnode.pt/?fbclid=IwAR0qsE-siuuQDQMULrxPn7Ls8F86RLWi4oIJCQX77So7-gprp8UFbL9yRCg>

<https://leixoessc.pt/page/clube/historia>

<https://www.moreirensefc.pt/historia-do-clube/>

<https://cdtondela.pt/clube/historia>

<https://www.scfareense.pt/historia>

<https://calenda.org/207704>

<https://www.uc.pt/iii/ceis20/Parcerias/GHD/CongressoHD>

<https://maifutebol.iol.pt/transferencias/espanha/oficial-athletic-bilbao-anuncia-o-sexto-estrangeiro-da-historia>

<https://www.slbenfica.pt/pt-pt/instalacoes/museu-benfica>

<https://www.fcporto.pt/pt/museu>

<https://www.sporting.pt/pt/clube/museu-sporting/o-museu>

<https://www.slbenfica.pt/pt-pt/instalacoes/museu-benfica/patrimonio-cultural>

<https://www.sporting.pt/pt/clube/museu/museu-de-leiria%20>

<https://www.sporting.pt/pt/clube/museu-sporting/o-museu>

<https://www.fcporto.pt/pt/museu/o-museu/missao-e-valores>

<https://www.torreense.com/pt/colecao-online-do-museu-scut>

<https://www.torreense.com/pt/colecao-online>

<https://www.atleticocp.pt/pt/historia>

Anexos

Anexo 1 – Guião Entrevista à técnica do organismo responsável pelo património em Portugal

1. Como considera que é tratado o Património Desportivo em Portugal?
2. Qual é o panorama nacional de como é tratado a salvaguarda do património desportivo nos pequenos clubes?
3. O que normalmente acontece quando um clube deixa de existir, o que acontece ao seu património?
4. Que inovações considera que a área do património desportivo devia ter num futuro?

Anexo 2 – Entrevista realizada à técnica do organismo responsável pelo património em Portugal

- *Como considera que é tratado o Património Desportivo em Portugal?*

O Património Desportivo integra-se naquilo que nós podemos considerar os novos patrimónios, ainda, ou seja, temos um património mais ou menos consolidado naquilo que toda a gente reconhece como tal, como objeto e identidade cultural, de memória, etc. e estamos a falar nos casos mais clássicos, como os palácios, os castelos, a arquitetura, até urbana, se pensarmos nos centros históricos, etc. Mas depois, há de facto toda uma emergência patrimonial que ocorre essencialmente a partir da II Guerra Mundial, mas que chega a Portugal tardiamente, mais a partir dos anos 70, e o Património desportivo, ou do desporto, inclui-se nesta grande mancha que cada vez é maior.

Tendo em conta este conceito recente deste património há de facto um conjunto muito grande de áreas que estão ainda há procura de uma certa presença naquilo que é a grande família do património cultural, e o património desportivo é um desses.

Todavia, o que é curioso, é que o património desportivo, ele próprio, surge, por via e por vontade das suas comunidades desportivas, o que parece que pode colocar aqui uma certa contradição. Por um lado, em termos de reconhecimento oficial, o património desportivo anda à procura do seu caminho, mas por outro lado temos gerações (essencialmente a partir de início do século XX) que começam a cuidar da sua identidade, a nível do desporto, e portanto, o caminho que há a fazer é fazer esta conexão entre aquilo que é, até uma certa ânsia de reconhecimento, da maioria das coletividades, e aquilo que é o trabalho dos técnicos, das autarquias, ou da própria DGPC, ou das direções regionais de cultura para integrar este novo domínio patrimonial.

- *Qual é o panorama nacional de como é tratado a salvaguarda do património desportivo nos pequenos clubes?*

Primeiro devíamos pensar o que é o Património Desportivo, que implica compreendermos do que estamos a falar, portanto, à semelhança de outros patrimónios desde a parte edificada até ao património movele integrado quando existe, ou património móvel, temos estas três vertentes de análise e de estudo, sobre o património desportivo.

Se pensarmos que o património desportivo integra estádios, património movele integrado, que geralmente não é muito considerado, e o móvel, que normalmente já é mais

considerado. Temos uma frente de trabalho gigante, porque se pensarmos, todas as terras tem estádios, tem estádios de maior ou menor qualidade arquitetónica, que todas as terras tem vários clubes, que há diversas atividades desportivas, temos efetivamente de fazer um inventário. O que devia estar a acontecer neste momento, era um rastreio sobre o património desportivo em Portugal.

Claro, que já temos património desportivo classificado se falarmos a nível exclusivo da arquitetura, nós não temos nada do património móvel relacionado com o Património Desportivo classificado, mas temos arquitetura. Eu própria com o arquiteto Mário Fortes, que é paisagista e a DGPC encetei o processo de classificação para o estádio nacional, e quando pensamos no estádio, deparámos, e bem, uma diversidade imensa de materialidades imensas relacionadas com o desporto, e fez-nos pensar o que classificar e como classificar, porque temos ali um pensamento que vai desde o desenho da própria estrutura do complexo desportivo, temos a parte do paisagismo, desenho urbano, a parte arquitetónica, e temos dos melhores arquitetos a pensar nesse espaço, tanto na parte do Futebol, Ténis, corrida, portanto várias modalidades. Quando falamos do Património Desportivo temos de nos afastar do futebol e pensar em todas as modalidades subjacentes.

Nesse sentido, temos um reconhecimento ainda muito débil, uma das primeiras medidas que devia ser realizada é o inventário que devia ser feito de um modo articulado com entidades locais e entidades nacionais e regionais.

- *O que normalmente acontece quando um clube deixa de existir, o que acontece ao seu património?*

Não sei responder.

- *Que inovações considera que a área do património desportivo devia ter num futuro?*

Eu penso que o enquadramento legal existe, e é preciso efetivamente haver um olhar e uma sensibilização para a importância deste Património Desportivo, e acho que é fácil porque os clubes grandes tem muito dinheiro, e se calhar era um trabalho a fazer. Quando há pouco lhe falei das várias entidades, acho que era um trabalho a fazer entre a DGPC, Ministério da Cultura, Ministério da Juventude e Desporto, este Ministério, tem uma infraestrutura muito interessante, que é o Museu do Desporto. Deviam estar envolvidos grandes clubes e as entradas num estádio de futebol devia haver uma pequena taxa que se

pudesse deslocar em determinado tipo de eventos, aqueles que rentabilizam mais, que pudesse ser alocado a um conjunto de pessoas, que em primeiro lugar fizessem um mapeamento daquilo que temos a nível do Património do Desporto em Portugal, e nas ilhas.

Isto implica conhecer a arquitetura, o desenvolvimento que esta arquitetura trouxe às cidades, porque são geralmente quando são pensados grandes planos de organização. Estou a pensar, só aqui em Lisboa, no estádio I de Maio, ou no estádio universitário, no nacional. Se pensarmos, só nesta vocação que o desporto traz à renovação e regeneração urbana, sendo que por evidencia que temos mais recente é a do Euro que se realizou em Portugal, vamos perceber que o património desportivo tem uma presença também muito grande a nível do desenho do território, e da sua qualificação, era assim que eu começava a fazer o primeiro mapeamento.

Depois dentro disso, trabalhar dentro dos clubes, num trabalho mais de âmbito regional, e aí passamos para outro nível, perceber o património integrado, e o património móvel. Isto podia-se começar pelos grandes clubes, penso que estão a fazer este trabalho e tem já uma resposta preparada para isso acontecer.

Com os pequenos clubes, se houvesse este trabalho articulado tinha uma maior visibilidade. Este trabalho de registo, tem de ser acompanhado de uma grande sensibilidade, porque se a maioria da população, é um património fácil, e temos aqui mais uma contradição, como estamos a falar por um lado de que é um novo património, e por outro lado se estas questões fossem trabalhadas é um património com muitos adeptos, e que seria fácil trabalhar também.

Porque ainda não falamos de outra dimensão, a memória oral, só falamos até aqui de questões relacionadas com a materialidade desse património, mas ainda não falamos da imaterialidade. Mas parece-me que a imaterialidade hoje está mais assegurado, porque as pessoas vivem nos espaços, contribuem para a sua manutenção, e faz parte do quotidiano. Precisamos de perceber como a materialidade deixada por estas atividades desportivas podem permanecer a par e ser valorizada, e na minha opinião é um trabalho em rede que tem de ser envolvido.

Portanto, a nível de inovações e práticas, seria capitalizar algumas entradas para este trabalho a longo prazo, definir-se uma estratégia com estas diversas entidades. Se pensarmos a quantidade de programas desportivos só de comentadores, imagine surgir

algo que pudesse ser diluído no âmbito patrimonial nos comentadores, e contar com eles para fazerem encontros de sensibilização.

Há muito trabalho a fazer, posso dizer que quando estava na Divisão do Património Móvel e Imóvel, tentei encaminhar com a chefe de divisão do Museu do Desporto, e definimos um protocolo de colaboração com a tentativa, nos tínhamos a necessidade de fazer este inventário, em vez de trabalharmos ocasionalmente, queríamos encontrar uma estratégia para a salvaguarda do património desportivo, que não encerrasse apenas as paredes e os contornos de um museu, porque o desporto está no território, e a perspetiva era chegar ao território e trabalhar com quem está no território. Foi nesse sentido, que trabalhámos, em 2017/2018, para constituir um caminho de conhecimento sobre este património, e perceber o que podíamos classificar, para além do que está classificado já ou em vias de classificação. Ma este trabalho não chegou a vir a lume.

Anexo 3 – Fotos do Museu do Torrense³²⁵



³²⁵ Fotos tiradas a 15/02/2022 durante a visita às instalações do Torrense.

Anexo 4 – Guião Entrevista à Museóloga do SCUT

1. O que entendem por Património Desportivo? Qual é a importância do Património Desportivo na vossa instituição?
2. Qual é a política do clube quanto à preservação do Património Desportivo?
3. Existe alguma secção especializada na área? Se não porquê?
4. Como é constituído o vosso espólio/coleção? Quais os critérios de escolha para a preservação da memória?
5. De que modo o Património Desportivo pode ser consultado pelos adeptos/outras pessoas interessadas? Existe uma recolha de dados estatísticos?
6. De que modo consideram que as vossas estratégias quanto ao Património Desportivo tem impacto na memória e na identidade dos adeptos face ao clube?
7. Algumas entidades externas (federações, media) já demonstraram interesse pelo vosso património, seja para consulta, seja para divulgação?
8. O clube tem alguma perspectiva de inovação no futuro nesta área?

Anexo 5 – Entrevista à Museóloga do SCUT

- *O que entendem por Património Desportivo? Qual a importância do Património Desportivo na vossa instituição?*

O Museu já tem uma boa consciência em termos de importância do património, isto antes de ser construído havia pouca noção de como as coisas se faziam, por muita boa vontade que havia, tem de haver instrução como se faz.

Entendemos que o Património Desportivo é um conjunto de bens adquiridos, ou herdados, bens materiais ou imateriais, que tem de ser reconhecido pela sua importância não só desportivo, mas também cultural, no caso do SCUT, é um clube extremamente local, em que os adeptos são da terra, onde existe um grande sentimento de pertença. O Património Desportivo do SCUT abrange desde quando foi formado em 1917, e foi decidido transportar tudo para um local que reunisse as condições necessárias para a preservação do património.

O museu tem como vocação preservar, estudar, documentar e divulgar o Património material e imaterial do SCUT, recolhendo e identificando indicadores da memória do clube através da pesquisa, salvaguarda e comunicação, inserindo-os no contexto histórico do clube e da cidade de Torres Vedras.

- *Qual é a política do clube quanto à preservação do Património Desportivo?*

Quando se refere a preservação do Património Desportivo tive de dividir em dois, primeiro o Património edificado e depois a parte dos bens culturais móveis. O museu só está dedicado à preservação dos bens móveis, servindo sobretudo o propósito de proteger as coleções dos bens moveis reunidos pelas conquistas do clube, ao longo dos anos. Quanto ao do edifício (do estádio) é feita diretamente pelo clube que usufrui das instalações.

- *Existe alguma área especializada na área? Se não porquê?*

O museu está fundamentado no documento “Normas e procedimentos de Conservação Preventiva” redigida pelo museu, onde se desenvolvem as práticas de conservação e no caso de haver necessidade de restauro e de intervenção das peças, a maior parte é tudo taças. Tirando algumas que ou por serem muito antigas ou serem mal-acondicionadas ao longo do tempo, ou mesmo no caso do transporte, porque eu não

participei nessa parte de transporte e acondicionamento das peças foram transferidas do estádio para aqui, algumas podem ter sofrido alguma degradação estão neste momento na reserva, mas não são as condições necessárias para preservar nem para restaurar.

Estas “Normas e Procedimentos na conservação do museu” permitem estabelecer os parâmetros ambientais e envolventes necessários para a conservação de todo o espólio, em exposição e na reserva e também as condições de transporte e manuseamento.

- *Como é constituído o vosso espólio/coleção? Quais os critérios de escolha para a preservação da memória?*

O museu desenvolve uma política de incorporações, primeiro as regras para as coisas serem incorporadas é terem tido uma ação participativa nas temáticas do clube, ou pertencerem a qualquer período histórico do clube, ou serem dotadas de relevância para a coleção do museu de acordo com a missão e vocação do mesmo, que pode consultar no site do museu, ou serem acompanhados de título de propriedade, autoria ou autenticidade válidos, ou seja, nós não queremos, de maneira nenhuma, albergar aqui uma taça que foi ganha por um atleta que deixou no estádio e alguém lembrou-se e disse “ah não vamos levar a tacinha lá para o museu”, e o atleta chega cá e vê a taça e disse “isto aqui é meu não era para vocês guardarem”. Portanto, nós temos algumas regras nas quais seguimos para a integração no museu, as coisas que já estavam *a priori* foram tomadas um bocadinho como um dado adquirido que eram parte do museu.

Depois temos outro regime de incorporação, mantendo-se também os valores de estado relevante para a coleção de acordo com a missão e vocação, que são as doações. Existem pessoas que por serem por exemplo, antigos jogadores do clube fazem doações com peças icónicas.

A origem e a história dos objetos é recolhida por meio de depoimentos de pessoas que vivenciaram o clube.

O espólio é composto por artigos históricos únicos onde se encontram as demais taças, troféus, medalhas, galhardetes, equipamentos, fotografias, caricaturas (houve um levantamento de cada que saia num jornal com uma caricatura do clube foram recolhidos), filmagens de jogos, jornais de época e outros documentos que foram conquistados e recolhidos ao longo dos anos nas instalações do Estádio Manuel Marques, que era onde estavam acondicionados estes objetos até decidirem criar estas instalações.

- *Nesse seguimento, porque o clube sentiu a necessidade de criar estas instalações?*

Não lhe sei dizer, mas provavelmente porque as antigas instalações já não estavam a ser suficientes para albergar todas as coisas que foram conquistadas. O clube já tem 103 anos como deve imaginar em todos estes anos há muita coisa mesmo.

- *De que modo o Património Desportivo pode ser consultado pelos adeptos/outras pessoas interessadas? Existe uma recolha de dados estatísticos?*

As pessoas podem visitar as exposições do museu e aceder às informações das peças expostas, podem também consultar a reserva e o arquivo documental nos casos de estudo, mediante uma autorização prévia do diretor do museu, e também podem aceder à ficha de inventário do espólio, remotamente através da plataforma *Collector Systems*, que é mediante um acesso autorizado ou um link de consulta, a pessoa pode pesquisar por tipologia, por exemplo, todos os artigos que pertencem ao futebol tem um número de inventário e acede à ficha do inventário do objeto.

A questão do registo estatístico, existe um registo de visitantes do Museu que é realizado diariamente. Apesar dos bilhetes não serem contados, e não haver retorno financeiro, uma instituição sem fins lucrativos.

- *De que modo consideram que as vossas estratégias quanto ao Património Desportivo tem impacto na memória e na identidade dos adeptos face ao clube?*

O nosso objetivo maior, ou um dos nossos objetivos maiores na criação desta unidade museológica era fazer com que as pessoas tomassem consciência da importância de um clube na vertente cultural na comunidade de Torres Vedras, até porque é uma presença muito antiga na cidade, quando o SCUT foi criado, Torres vedras ainda era uma vila, não uma cidade, só foi cerca dos anos 70.

Isto reforça um bocadinho o sentimento de pertença à cultura Torreense, a questão de formação cultural da cidade. Nós acreditamos na educação como pilar mais forte da cidadania ativa e no desporto como fomento de valores individuais e coletivos de companheirismo, etc... Portanto, é sobre este pensamento que a gente devolve a nossa atividade, transmitindo memórias de geração em geração, destinamos principalmente aos habitantes de Torres Vedras e como já lhe disse constitui uma parte significativa dos adeptos do SCUT. Portanto, acabamos por conseguir pensar a parte dos adeptos intervindo diretamente sobre os adeptos da cidade.

- *Algumas entidades externas (federações, media) já demonstraram interesse pelo vosso património, seja para consulta, seja para divulgação?*

A resposta é não, não foi estabelecido qualquer contacto de entidades externas com interesse no nosso património, desde que o museu inaugurou, no dia 25 de setembro de 2020, e em plena pandemia, foi uma inauguração de máscara, distanciamento e, portanto, não tem havido propriamente avanços dentro da própria comunicação e divulgação do museu, por não haver nem espaço, nem condições para ter muita gente ao mesmo tempo. O próprio acesso ao museu, é como fez, por telefone, porque não conseguimos ter a porta aberta para o público ver, principalmente por causa da pandemia.

Existem sim, pessoas como você com interesse na área, que estamos com portas abertas para vos receber, e muitos contactos de particulares que querem fazer doações de peças, como por exemplo e acontece muito com os habitantes de Torres Vedras de pessoas que querem mostrar aos filhos uma fotografia do avô que jogou no clube e veem cá só para mostrar essa fotografia, é o tipo de pessoas que tem mais interesse de livre e espontânea vontade sem sermos nós a contactar para virem cá.

- *O clube tem alguma perspetiva de inovação no futuro nesta área?*

No caso da consulta e da divulgação, nos queremos criar uma digitalização da documentação, ou seja, nós temos muita documentação que não pode ser mexida, ou tem de ser mexida sob condições apropriadas, nomeadamente condições de preservação e nós precisamos de digitalizar toda a documentação para conseguirmos fornecer um motor de pesquisa digital. A ideia é termos conteúdo histórico para as pessoas poderem pesquisar por uma área de interesse por temática, ou por ano, sobre os conteúdos do museu do Torreense, e através deste dispositivo fazer uma divulgação de acesso a conteúdos, por exemplo, contactar e trabalharmos paralelamente com escolas/ outras entidades para que haja acesso dos próprios alunos para poderem desenvolver trabalhos sobre alguma temática sobre o clube ou a cidade de Torres Vedras.

A digitalização de documentos é das áreas mais difíceis de aceder, porque imagine que quer ver um documento dos anos de 1950, ou por exemplo quando o clube foi campeão da II divisão em 1954/1955 não está propriamente em lado nenhum reunida toda a informação sobre o que foram as conquistas, os feitos do clube nessa época, haver o acesso a essa informação é uma ambição nossa

Anexo 6 – Guião Entrevista a Adeptos

1. Desde quando tem memória do clube e de ser adepto? Como adquiriu este gosto pelo clube? (vem de geração em geração?)
2. Acompanha regularmente o clube?
3. Guarda objetos que façam lembrar o clube, ou seja, bilhetes, cascol, bandeiras...?
4. Como guarda essas memórias?
5. Durante quanto tempo quer guardar essas memórias?
6. Tem conhecimento sobre a história do clube?
7. Alguma vez interessou-se em saber mais sobre o património do clube?
8. Já consultou alguma vez esse património?
9. Acha que o património do clube é de fácil acesso?
10. Acha que o clube devia investir mais nesta área? Porquê? Como?

Anexo 7 - Entrevista a adepto A Mafra

- *Desde quando tem memória do clube e de ser adepto? Como adquiriu este gosto pelo clube? (vem de geração em geração?)*

Morei sempre em Mafra desde o início da minha vida, até ao ano passado, ou seja, cerca de 25 anos e por isso acaba por ser natural a minha ligação ao clube, à terra. Joguei no Mafra desde os 5 anos até aos 15/16 anos, não sei precisar os anos, um pouco mais talvez, e por isso acaba por ser quase inevitável que tenha ligação ao clube.

Vi muitos jogos do clube ao longo dos anos, porque a minha casa era ao lado do estádio, agora já não é, porque, entretanto, o clube mudou de estádio, quando chegou às divisões profissionais, e passou a jogar num estádio diferente, cedido pela câmara que tem mais condições, é um pouco mais moderno que o Estádio Mário Silveira, que é originalmente o estádio do clube.

Entretanto não tenho a mesma disponibilidade para ir ver os jogos em casa, porque trabalho desde logo, ao fim de semana com jogos, e depois porque já não moro em Mafra, e sim em Lisboa, como quase a vida toda.

- *Acompanha regularmente o clube?*

Sim até porque agora dá mais na televisão, sobretudo a divisão profissional, e tento ver jogos quando posso, e sobretudo jogos mais importantes, especiais, até porque ao longo dos últimos anos estive sempre nessas ocasiões, fui ao Jamor quando o Mafra foi campeão, estive nas subidas de divisão, estive também no jogo com o Moreirense, para a Taça, vou tentar ir ver com o Tondela, se possível. Ou seja, não vou a todos os jogos como quando era mais novo, mas vou acompanhando sempre à distância, ou quando dá no estádio.

- *Guarda objetos que façam lembrar o clube, ou seja, bilhetes, cascol, bandeiras...?*

Tenho um cascol, um equipamento do Mafra que era meu quando lá joguei, tenho algumas medalhas de torneios que participei no clube, tenho talvez um cartão de jogador que não é do Mafra, é se não me engano da Associação de Lisboa de Futebol, é por aí. Depois, para além disso, não tenho mais nada, que estão na casa dos meus pais.

- Como guarda essas memórias? Durante quanto tempo quer guardar essas memórias?

Estão no meu quarto na casa dos meus pais, e não na minha casa onde moro atualmente, ou seja, não vejo muitas vezes essas coisas, mas sei que estão lá e que as tenho e vou guardar sempre que possível, acho que dificilmente se vão perder, e vou guardar porque faz parte da minha ligação também ao próprio meio onde cresci, ao clube, onde joguei e também que acaba por fazer gostar de futebol.

- Tem conhecimento sobre a história do clube?

Tenho conhecimento geral, não tenho conhecimento super aprofundado dos jogadores de 1960 ou 1970, mas sei quando foi fundado, mais ou menos, os primeiros passos, sei os feitos que foi conseguido, sei, também porque pude acompanhar quando deu o grande salto em termos competitivos, foi neste século, tenho conhecimento também da história do presidente, que é muito antigo, que está há cerca de 30 anos no comando do clube. Também acompanhei a passagem para a SAD com um investimento chinês, por exemplo.

Por isso, não sou um absoluto especialista, mas tenho mínimas noções da evolução do clube ao longo dos tempos, e como disse, estive presente nos maiores feitos do clube recentemente, nomeadamente nas subidas de divisão e também na final do Jamor contra o Feirense.

- Alguma vez interessou-se em saber mais sobre o património do clube? Acha que o património do clube é de fácil acesso?

Eu não tenho sequer noção se o Mafra tem uma espécie de museu ou sala dedicada ao passado, sinceramente não sei. Agora, é provável que tenho no antigo estádio, no original. Sei que há umas vitrines que tem alguns troféus do Mafra, agora não sei se isso foi mantido, já não vou ao estádio, a esse tipo de zonas há muito tempo, porque entrava nessas salas quando era jogador do clube, mas imagino que haja este tipo de salas, ou seja, no gabinete do presidente, mas duvido que haja uma espécie de museu, ou algum tipo de repositório que possa encontrar esse tipo de coisas, eu ou qualquer adepto/simpatizante do clube.

- Acha que o clube devia investir mais nesta área? Porquê? Como?

Acho que sim, porque o Mafra é um clube com potencial maior do que muitos clubes do futebol português, passo a explicar, vamos imaginar um Arouca ou um Moreirense, o quer que seja, são clubes que tem um teto de crescimento muito curto pela própria limitação demográfica, até pelo estado do clube. Mafra é uma vila, que até podia ser cidade que está constantemente a crescer pela proximidade a Lisboa, vamos imaginar que o Mafra chegaria à I Liga, era muito fácil atrair adeptos, atrair pessoas, até para atrair jogadores emprestados pelos grandes, porque de facto é um clube muito próximo de Lisboa, é uma zona muito tranquila para morar, é perto de Lisboa, em termos de acessos.

Portanto, acho que o Mafra investisse mais em Redes Sociais, em partilha de Património, preservação de património, etc, podia de facto dar um salto e atrair adeptos de base, porque o Mafra tem muitos adeptos ou simpatizantes que são os jogadores do clube, tem muitos que são pessoas mais antigas, mas acho que há potencial, para ter estes adeptos de base, ou seja, mesmo do Mafra e que não fossem do Mafra e do Sporting ou do Benfica, por exemplo. Acho que o clube se trabalhar, num sentido positivo e tentar atrair adeptos, porque há sempre muita gente a chegar e a ficar em Mafra, porque normalmente quem vai morar para Mafra fica muitos anos, porque é confortável, é perto de Lisboa, não é tão caro como morar em Lisboa, e por isso dá algum conforto, e se for feito esse trabalho, acho que miúdos de 10,11,12 anos que joguem ou não no clube facilmente podiam simpatizar e até quem sabe ter o Mafra como primeiro clube se existisse, também uma presença na I Liga.

Anexo 8 - Entrevista a adepto B Mafra

- *Desde quando tem memória do clube e de ser adepto? Como adquiriu este gosto pelo clube? (vem de geração em geração?)*

Desde que morei em Mafra, há 40 anos. Porque foi morar para Mafra, eu já gostava de futebol e tinha amigos que jogavam no Mafra.

- *Acompanha regularmente o clube?*
Sim. Agora já menos, por causa do Covid.
- *Guarda objetos que façam lembrar o clube, ou seja, bilhetes, cascol, bandeiras...?*
2 Cachecóis.
- *Como guarda essas memórias?*
Na gaveta
- *Durante quanto tempo quer guardar essas memórias?*
Durante a vida.
- *Tem conhecimento sobre a história do clube?*
Não.
- *Alguma vez interessou-se em saber mais sobre o património do clube?*
Não.
- *Acha que o património do clube é de fácil acesso?*
Não sei.
- *Acha que o clube devia investir mais nesta área? Porquê? Como?*
Acho que sim, para dar a conhecer às pessoas.

Anexo 9 - Entrevista a adepto C Mafra

- *Desde quando tem memória do clube e de ser adepto? Como adquiriu este gosto pelo clube? (vem de geração em geração?)*

Desde sempre, porque jogava desde muito novo, como o meu irmão mais velho e sempre tive a oportunidade com o meu pai ou com a minha mãe de ir ver os jogos os treinos, e sempre foi um clube que esteve presente na minha vida.

- *Acompanha regularmente o clube?*

Sim, desde há muito tempo, e agora sempre presente, desde que entrou nos campeonatos profissionais mais vontade dá de assistir e ir ao estádio

- *Guarda objetos que façam lembrar o clube, ou seja, bilhetes, cascol, bandeiras...?*

Sim, tenho cachecóis, camisolas minhas do meu irmão, bilhetes dos jogos mais importantes e que tenham ficado na memória, e ficam sempre guardados.

- *Como guarda essas memórias?*

Sinceramente na gaveta, sei onde estão e sei que estão guardados.

- *Durante quanto tempo quer guardar essas memórias?*

Até sobreviverem.

- *Tem conhecimento sobre a história do clube?*

O conhecimento é da minha pesquisa é um clube que não tem muita história, não tem muitos anos, da pouca história que tem eu conheço algumas coisas.

- *Alguma vez interessou-se em saber mais sobre o património do clube?*

Às vezes o interesse vem do acaso, numa conversa vou pesquisar, mas de resto não é uma coisa que vá pesquisar, até porque nem há muita coisa, o que se encontra é mais nos sites de futebol.

- *Acha que o património do clube é de fácil acesso?*

Não nem sei onde procurar, talvez pelo site, mas não sei.

- *Acha que o clube devia investir mais nesta área? Porquê? Como?*

Faz sentido nem que seja um breve texto sobre a origem do clube, para pessoas da vila que faz com que passa de geração em geração, de boca em boca, mas quem é de fora,

peessoas que vem para aqui viver, acho que era sempre importante saber a origem do clube, os títulos que ganhou, ou por onde passou, jogadores.

Anexo 10 - Entrevista a adepto A Torreense

- *Desde quando tem memória do clube e de ser adepto? Como adquiriu este gosto pelo clube? (vem de geração em geração?)*

Comecei a acompanhar mais o Torreense, quando fui jogador deles, fui Guarda-Redes, foi por aí 2015, a partir de aí comecei a ver mais jogos do clube, a assistir mais, fui ao Torreense- Chaves, aquela desgraça. Este gosto adquiri porque era jogador.

- *Acompanha regularmente o clube?*

Quando posso.

- *Guarda objetos que façam lembrar o clube, ou seja, bilhetes, cascol, bandeiras...?*

Equipamento de Guarda-Redes que tinha.

- *Como guarda essas memórias?*

Na gaveta.

- *Durante quanto tempo quer guardar essas memórias?*

Não sei, mas acho que para sempre.

- *Tem conhecimento sobre a história do clube?*

Conheço.

- *Alguma vez interessou-se em saber mais sobre o património do clube?*

Não, sei que o Torreense já foi um grande, teve as suas crises, está agora na III Liga, vamos ver se sobe este ano, na década de 40/50, ganhou ao Porto, que não é fácil. Em 92 quando desceu, nunca mais foi o mesmo.

- *Já consultou alguma vez esse património?*

Mais ou menos. Mas confesso que nem sabia que tinha um museu.

- *Acha que o património do clube é de fácil acesso?*

Não.

- *Acha que o clube devia investir mais nesta área? Porquê? Como?*

Acho que devia, um clube deve sempre investir em todas as áreas, se quer ser grande, tem de crescer

Anexo 11 – Entrevista a adepto B Torreense

- *Desde quando tem memória do clube e de ser adepto? Como adquiriu este gosto pelo clube? (vem de geração em geração?)*

Desde a década de 80, 83/84.

O meu pai era porteiro do Torreense, e quando tinha 10/11 anos ia com ele, e comecei a gostar de futebol, não entendo muitas coisas, mas gosto de ver. Entretanto ele saiu e depois os porteiros como me conheciam mesmo sendo socia ou não, a gente passa e tive assim 8 ou 9 anos, foi até casar. Gostava de ir ver, naquela altura era totalmente diferente as pessoas iam por gosto ao futebol, eu vejo pelo Canal 11 e o estádio está vazio, e na altura não mesmo estando na II Divisão.

- *Acompanha regularmente o clube?*

Sim.

- *Guarda objetos que façam lembrar o clube, ou seja, bilhetes, cascol, bandeiras...?*

Cachecóis, 1 bilhete.

- *Como guarda essas memórias?*

Estão guardadas.

- *Durante quanto tempo quer guardar essas memórias?*

Até se estragarem, quando se estragarem vão para o lixo.

- *Tem conhecimento sobre a história do clube?*

Pouco, lembro-me de várias coisas, quando teve na I divisão, tem uma boa escola, saíram bons jogadores de aqui, na década de 90 o Hélder, o Néilson e outros. Sem ser futebol há o atletismo que não é aqui.

- *Alguma vez interessou-se em saber mais sobre o património do clube?*

Não, é o que vem e depois estou atenta ao que sai.

- *Já consultou alguma vez esse património?*

Sei onde é o museu.

- *Acha que o património do clube é de fácil acesso?*

Não. E antes de ser no museu aquilo estava tudo num cubículo onde era feita a inscrição dos miúdos, e estavam lá fotografias e os troféus.

- *Acha que o clube devia investir mais nesta área? Porquê? Como?*

Sim devia, os miúdos de hoje não sabem nem se interessam pelo clube e cidade, as que mais interessam são os de 30, 40 anos, os de agora só se forem jogadores do clube, dos juvenis, etc. Os outros acho que não se interessam.

Anexo 12 – Entrevista a adepto C Torreense

- *Desde quando tem memória do clube e de ser adepto? Como adquiriu este gosto pelo clube? (vem de geração em geração?)*

Tenho memória de começar a ver jogos muito cedo com 5, 6 anos, o meu pai foi atleta do clube, ia constantemente ver os jogos, na altura o campo ainda era plano, e toda a atividade do clube centrava-se no estádio nos jogos dos juvenis, juniores, etc. ou seja, desde 79.

- *Acompanha regularmente o clube?*

Sim, nestes últimos anos nem tanto como o habitual, por causa do trabalho, porque normalmente trabalho há mesma hora que o clube joga, mas acompanho os jogos pelo canal do *Youtube*, ou pela rádio.

- *Guarda objetos que façam lembrar o clube, ou seja, bilhetes, cascol, bandeiras...?*

Tenho alguns objetos é provável que tenha alguns bilhetes, fotografias do final dos anos 80, cascol antigo, algumas camisolas na casa da minha irmã, tenho os livros que o Torreense fez, tenho umas revistas da última época do Torreense na I liga.

- *Como guarda essas memórias?*

Não tenho uma sala dedicada ao clube, mas tenho guardado aqui por casa, o cascol estava dentro do armário, mas levei agora para os jogos da subida e do título da liga III, tenho pela casa

- *Durante quanto tempo quer guardar essas memórias?*

Não sou uma pessoa de fetiche pelo objeto, não é muito a minha característica, mas aquilo que tenho provavelmente será para guardar, a não ser que encontre um melhor sítio para guardar, não tenho problema nenhum com isso, se o museu quiser recolher, facilmente cederia.

- *Tem conhecimento sobre a história do clube?*

Sim, não posso considerar-me especialista, mas tenho conhecimento profundo sobre a história, algumas décadas melhor que outras, nomeadamente quando o meu pai foi dirigente.

- *Alguma vez interessou-se em saber mais sobre o património do clube?*

Sim, eu comecei a acompanhar o clube muito cedo, tenho muitas ligações emocionais. Fiz-me sócio quando o Torreense foi para a I Divisão, sai quando se aprovou na Assembleia Geral que o clube podia formar uma SAD, depois voltei mais tarde por questões de entendimento do que estava a acontecer, mas sou um sócio muito atento ao que se passa no clube.

- *Já consultou alguma vez esse património?*

Este novo museu nunca visitei, mas conhecia a sala troféus da antiga cede, depois quando os troféus passaram para o estádio, conhecia bem as instalações e o material.

Tenho a ideia de que há material ainda no estádio, que não esteja ainda identificado, há não muitos anos tive uma conversa com o presidente sobre uma camisola que lá estava.

- *Acha que o património do clube é de fácil acesso?*

Sim, acredito que sim diria que hoje em dia vivemos um tempo um bocadinho diferente, lembro-me quando era miúdo visitar o museu de um clube era uma grande aventura, visitar a sala de troféus do Estádio da Luz de Alvalade tinha a ideia da grandeza do clube.

Hoje em dia, diria que o património do clube está acessível, mas acredito que se tivesse um trabalho mais forte na digitalização, provavelmente permitiria um outro tipo de acesso que acredito que hoje não acontece.

- *Acha que o clube devia investir mais nesta área? Porquê? Como?*

Sem dúvida nenhuma, cada clube tem uma história, uma identidade, que quando não é reconhecida pelos sócios ou deixa de ser importante por parte dos sócios vai-se desaparecendo. Sou contra a flexibilização da história, quando essas mudanças façam que mudam o entendimento do clube porque se reescreveu a história.

Portanto, acho que é muito importante por parte dos sócios e adeptos terem esse conhecimento, que o clube tenha esse investimento, essa preocupação para que exista a ligação das pessoas ao clube, o Torreense que até passa por uma fase interessante, uma vez que claro que as pessoas nos momentos da vitória se aproximam mais do clube outra vez, é importante que fique registado e que possa fortalecer essa identidade existente do Torreense.

Anexo 13 – Email enviado à Federação Portuguesa de Futebol e a sua resposta

Boa tarde,

Sou aluno do Mestrado de Património da Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa, e estou a desenvolver uma dissertação sobre o tema da preservação do património desportivo em pequenos clubes de Portugal.

Gostaria de solicitar uma pequena entrevista com alguém do tema.

Muito obrigado desde já



Press FPF

para mim ▾

quinta, 23/06, 21:06



Boa tarde

Deverá contactar os clubes diretamente.
A FPF limita-se a organizar as competições.

Melhores cumprimentos



Press FPF

Divisão de Pessoas e Média | People and Media Division

Federação Portuguesa de Futebol

Avenida das Seleções

1495-433 Cruz Quebrada - Dafundo

Portugal

Móvel | Mobile: +351 213 252 762

<http://www.fpf.pt>

Anexo 14 – Email enviado DGPC e a sua resposta

para dgpc ▼

Boa tarde,

Estou a desenvolver uma tese de mestrado sobre a preservação do Património Desportivo dos clubes de mais pequena dimensão. Gostaria de saber qual a área dedicada a esta temática do Património Desportivo, e se possível agendar uma pequena entrevista de 15-20 min com alguém responsável por essa área.

Muito Obrigado,

Tiago Mendes

Ex.º Senhor
Tiago Alexandre Varela Mendes

Na sequência do seu e-mail, datado de 29 de março, que nos mereceu a melhor atenção, venho informar que a **DGPC** não possui nenhum técnico especializado em arquitetura desportiva.

No entanto, informo que, no site www.monumentos.gov.pt, poderá encontrar registos de inventário com informação descritiva, histórica ou arquitetónica, elaborados por vários investigadores e com alguma documentação associada, que lhe poderão fornecer uma pequena amostragem do património desportivo em Portugal.

Para os encontrar, deverá entrar em "PESQUISAR PATRIMÓNIO" e clicar na caixa de pesquisa do campo "Categoria" (existente no topo superior, do lado direito), e selecionar, nas caixas que se abrem sucessivamente a partir dessa, os seguintes valores:

- 1) Edifício e estrutura » Edifício » Desportivo » Associação Desportiva
- 2) Edifício e estrutura » Edifício » Desportivo » Campo de Jogos
- 3) Edifício e estrutura » Edifício » Desportivo » Clube Desportivo
- 4) Edifício e estrutura » Edifício » Desportivo » Complexo Desportivo
- 5) Edifício e estrutura » Edifício » Desportivo » Pavilhão Desportivo

Para cada tipo de pesquisa, resultam listas de imóveis, devendo depois clicar sobre a designação de cada um deles (que surge a verde), para consultar o registo de inventário. Estes registos surgem com mais ou menos informação, de acordo com a época em que foram elaborados, ou com o grau de preenchimento dos campos (ficha nível Inventário ou Pré-Inventário), podendo ter associado algumas imagens.

Para verificar se, para além das imagens associadas à ficha de inventário, existem mais em arquivo, deverá clicar na pequena caixa "Arquivos e Coleções", que surge sob a caixa com o resumo da ficha. As fotografias surgem em mosaico mas, se clicar sobre elas, elas abrem em tamanho maior e poderá descarregá-las gratuitamente.

Para além destas pesquisas direcionadas diretamente para os edifícios construídos para a atividade desportiva, alerto ainda para o facto de poderem existir edifícios de outras tipologias arquitetónicas que alberguem atualmente clubes/associações desportivas. Para despiste desses casos, terá de pesquisar por palavra em vários campos. Por exemplo, na pesquisa avançada, no campo "Utilização Atual" pelo termo "Desportiva"; no campo "Designação" por "Associação", ou "Clube".

Por fim, alerto também para a hipótese de poderem existir edifícios que alberguem associações culturais e recreativas com alguma componente desportiva. Para os encontrar, deverá fazer uma pesquisa similar à anteriormente indicada para o campo Categoria, mas selecionando os seguintes valores:

- 1) Edifício e Estrutura » Edifício » Cultural e recreativo » escolha dos vários valores na caixa sequencial.

Esperando ter ajudado, desejo o maior sucesso na sua investigação.

Com os melhores cumprimentos,

Paula Noé | Técnica Superior
Sistema de Informação para o Património Arquitetónico

Anexo 15 – Email enviado a Marcelo

Boa tarde,

Sou aluno do Mestrado em Património da Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade de Lisboa, e estou a desenvolver uma investigação (dissertação) na área do património desportivo dos pequenos clubes em Portugal.

Gostaria de ter uma pequena entrevista para saber os objetivos nesta área que o Marcelo tem na área para o Mafra.

Desde já agradeço pela atenção,

Tiago Mendes

Anexo 16 - Email enviado ao CD Mafra e a sua resposta

Bom dia, espero que se encontrem bem

Como conversado telefonicamente, volto a enviar o email pedindo uma resposta com alguma urgência.

Sou aluno do Mestrado em Património da Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa, e estou a desenvolver uma dissertação sobre a preservação do património desportivo e da memória desportiva dos clubes mais "pequenos". Para isso, vou estudar dois estudos de caso, sendo um deles o vosso clube.

Entro em contacto convosco para me ajudarem neste trabalho, nesse sentido, venho solicitar uma pequena entrevista com algum dirigente, e visita das instalações sobre este tema, com o objetivo de conhecer objetos/memórias guardadas.

Fico aguardar uma resposta, com alguma urgência

Com os melhores cumprimentos,

Tiago Mendes

Boa tarde Tiago,

Peço desculpa pela demora.

Não temos ninguém que consiga responder às questões.

Cumprimentos,



Beatriz Costa

Diretora de Comunicação

✉ dir.imprensa@cdmafra.com ☎ +351 910 323 458

🌐 www.cdmafra.com 📍 Rua Serpa Pinto Nº 89, 2640-534 Mafra

Anexo 17 – Fotos dos Estádios dos clubes³²⁶

(A) Estádio do CD Mafra



(B) Estádio do Torreense



³²⁶ Fonte Google Imagens

Anexo 18 – Email e resposta enviada à Comissão de Cultura, Comunicação, Juventude e Desporto (12.ª Comissão)

Assunto: Pedido de entrevista

Mensagem: Excelentíssimos,

Sou aluno do Mestrado em Património da Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa e estou a desenvolver uma dissertação sobre o património desportivo, com mais incidência nos clubes de mais pequena dimensão.

Durante a minha investigação, encontrei um documento, o "Projeto de Resolução 409/XIII/1", publica em DAR II série A n.º 104, 2016.07.01, da 1.ª SL da XIII Leg (pág. 28-30), que Recomenda ao Governo que defina uma estratégia de Responsabilidade do Estado na Gestão do Património Desportivo Português, nesse sentido queria solicitar uma breve entrevista com alguém que pudesse esclarecer sobre este documento, implicações, e que estratégia tem a comissão no âmbito do Património Desportivo em Portugal.

Desde já agradeço a vossa atenção

Tiago Mendes

Ex.mo Senhor
Tiago Alexandre Varela Mendes

Na sequência do pedido dirigido à Comissão de Cultura, Comunicação, Juventude e Desporto (12.ª Comissão), informamos que a sua solicitação foi levada ao conhecimento dos Senhores Deputados desta Comissão.

Atendendo à interrupção dos trabalhos parlamentares entre o dia de hoje o dia 6 de setembro, e à possível urgência que possa ter numa resposta, pedimos que envie as questões por escrito, através deste email, para que a equipa de apoio à 12.ª Comissão possa remeter as mesmas aos Grupos Parlamentares, em particular ao Grupo Parlamentar do PSD, autor do Projeto de Resolução n.º 409/XIII/1.ª.

Mais informamos que na XIII Legislatura, o desporto se encontrava dentro das competências da Comissão de Cultura, Comunicação, Juventude e Desporto (Comissão competente) e que o [Projeto de Resolução n.º 409/XIII/1.ª \(PSD\)](#) baixou àquela Comissão em 2016-07-01, tendo sido aprovado por unanimidade na Reunião Plenária n.º 53 em 2017-02-17, com os votos a favor dos Deputados do PSD, PS, BE, CDS-PP, PCP, PEV, PAN, dando origem à [Resolução da Assembleia da República](#) - Recomenda ao Governo a definição de uma estratégia de responsabilidade do Estado para a gestão do património desportivo português.

Com os melhores cumprimentos,

Anexo 19 – Guião de entrevista enviado à Comissão de Cultura, Comunicação, Juventude e Desporto (12.ª Comissão)

1. Qual o atual o estado do património desportivo nacional após a aprovação da Resolução?
2. Desde a aprovação do projeto de lei houve novas propostas ou alterações?
3. Como a Assembleia fiscaliza a aplicação da Resolução e as implicações da sua (in)ação?
4. o que pode ser feito para acelerar a sua aplicação?